

**DO BALCÃO DA MINHA VENDA  
(E OUTRAS HISTÓRIAS)**

**CONTOS**

**FLAVIO GOULART**

**2023**

**A Keta, minha mulher,  
pertencem estas histórias.**

**INDICE**

<b>Título</b>	<b>Página</b>
Do balcão de minha venda	<b>3</b>
Cheiro de tangerinas	<b>10</b>
O que foi feito de Graça?	<b>12</b>
Excelências	<b>16</b>
A Dama do Cine Academia	<b>22</b>
Encontro no Academia	<b>25</b>
Viagem inventada no feliz	<b>31</b>
Duas damas	<b>35</b>
Menina de tranças	<b>42</b>
Amor infernal	<b>50</b>
Feliz e infeliz, misturadamente	<b>54</b>
Filosofia e pipocas	<b>60</b>
Segredos de família	<b>66</b>
Boi de carro	<b>71</b>
Ti'totó	<b>76</b>
Senhorinha da Sanfona	<b>81</b>
Viagens de um garoto	<b>87</b>
Crer para ver	<b>93</b>
Sete vezes Seth	<b>100</b>
Conversa de mulheres	<b>106</b>
Éramos três	<b>113</b>
Um tiro de cartucheira	<b>116</b>
O Especialista	<b>122</b>
Uma casa	<b>127</b>
Dias na vida de Filomena Dias	<b>134</b>
Heraldo-Etê	<b>140</b>
A senhora Vana e seu amigo Miguel	<b>143</b>
Demasiadamente humanos	<b>145</b>
Jerusa	<b>149</b>
Crime e castigo	<b>155</b>
Da vida em Marte	<b>161</b>
Phantasia e Belgladesh	<b>164</b>
Registrado nas Efemérides	<b>167</b>
Encontro	<b>169</b>
Entrelace	<b>173</b>
Mato Dentro	<b>186</b>
Continuação	<b>187</b>
Valdemar	<b>189</b>
Seria banal se não fosse trágico	<b>195</b>

## **Do balcão de minha venda**

Olá, meu nome é Bertoldo e sou comerciante na Vila Feliz, bem no fundo do interior mais fundo das Minas Gerais, longe de tudo. Na verdade, eu queria ser é escritor e não dono de armazém. Bem que venho tentando me aproximar da *escrivinhatura* – se é que posso chamar assim – mandando causos, charadas e até uns versinhos para os jornais de cidades maiores aqui perto. O problema é que a maioria deles nem responde e alguns até mesmo já deixaram de circular.

Gosto de frequentar livrarias também, mas a única que havia aqui na minha região, na cidade maiorzinha, já há muito se transformou em loja de um e noventa e nove.

Estou feliz agora, porque abriram na cidade uma faculdade de letras, ou coisa parecida, e fiquei sabendo que vão fazer lá um concurso de contos e poesias escritos por pessoas daqui da região. É claro que vou concorrer, mas tenho medo de não ter competência para tanto. Até reconheço que sei contar umas histórias, uns causos; pelo menos é o que as pessoas daqui dizem que faço direitinho, mas contar é outra coisa, inventar é outra. Escrever é ainda mais complicado. Não sei se darei conta do recado.

Tem também o problema que este trabalho de vendeiro me cansa muito, quase não me sobra tempo para nada. E mais uma família grande para cuidar, que depende de mim: mãe idosa, irmão paralítico, três filhos. Mulher, não tenho. Ou melhor, tive, mas ela se engraçou com o motorista da van escolar – ou foi o contrário, sei lá – e se mandou para a cidade. Ficou tudo por minha conta. Acordo cedo, levo as crianças à escola e corro para abrir esta espelunca, que bem ou mal me ajuda a passar o tempo e ganhar a vida. Herdei o ponto de meu pai, tentei ganhar a vida fora daqui e acabei voltando. Na crise em que estamos, vou ficando por aqui mesmo até ver como ficam as coisas.

Mas o que eu queria mesmo era escrever.

Acho que quem me botou isso na cabeça foi dona Clara, minha professora no primário, que dizia que minha cabeça era boa para isso, pois sempre eu ganhava nota máxima nas redações. Aí, tomei gosto pela coisa, primeiro no Grêmio da Escola – que depois fechou – e também na associação de moradores, onde eu sempre me candidatava a fazer as atas das assembleias. Mas isso é bem pouco para um projeto de escritor, eu sei.

Para mim, um bom escritor tem que ser, em primeiro lugar, um bom observador das coisas que acontecem a seu redor. Ouvi dizer, acho que foi dona Clara que me disse isso, que um escritor famoso, certa vez falou que a melhor maneira de escrever sobre o mundo é tomar como ponto de partida sua própria corrutela. Ou alguma coisa assim. Gostei de saber disso, porque por aqui não faço outra coisa a não ser observar as coisas que acontecem – quando acontecem – em volta de mim. Mas até nisso este lugar vagabundo me decepciona, vou ser sincero: não existe no mundo canto mais parado do que este aqui, onde até um cachorro morto na rua vira novidade...

Às vezes até parece que vai acontecer algo diferente, como foi o caso daquele Mané Simplício, sujeito meio esquisito, que deu pra conversar com as vacas e cavalos e depois se disse enviado do Espírito Santo, tentando na sequência expulsar o pastor da igreja dos crentes, botando nele um monte de nomes ruins. Mané acabou expulso daqui da Vila, ou melhor, recolhido pela ambulância da Prefeitura. Parece que foi parar no hospício – nem isso deu pra saber direito. E assim, um assunto como este, que parecia dar pano pra manga, simplesmente secou.

Teve também o caso da professorinha nova da escola, figurinha das mais sirigaitas, parece que andava confiada demais da conta nas conversinhas de uns sujeitinhos daqui. Resultado, logo foi afastada, parece que já barriguda, mas com certeza mal falada. Teve pai que até queria tirar os filhos da escola. O povo daqui não perdoa... Eita lugarzinho safado!

Acho que o personagem mais interessante daqui, capaz de despertar a criatividade de um candidato a escritor, como eu, é o tio Pedro. Na verdade, ele não é meu tio e nem de ninguém aqui, mas todo mundo trata ele assim, talvez pela sua idade, que deve ser de uns 90 anos. Ele trata todo mundo como *compadre* e *comadre*. Vai se saber por quê.

Tio Pedro vem sempre aqui na venda e gosta de um dedo de prosa. Às vezes um dedo e mais a mão inteira. Se brincar, até os pés também. Se molhar a boca com uma cachacinha então, não há quem o faça parar. Ele vive sozinho num sítio a meia légua daqui. Ele já me contou passagens de sua vida, mas acho que se eu lhe espremer a ideia, ele conta mais, pois tem umas coisas meio misteriosas nas histórias dele. Veio a trabalhar com seu Couto, um grande fazendeiro das redondezas, já falecido. Depois foi ficando. Quando o homem morreu, a família começou a brigar feito louca pela herança, teve até morte entre os sobrinhos – ele não tinha filhos. Tio Pedro que morava num ranchinho dentro da fazenda foi ficando por lá, fingindo de morto, e lá está até hoje. Os herdeiros já se acalmaram, aliás, nem são donos mais do lugar e o velho agregado não foi mais incomodado. Sabe-se lá até quando. Mas ele não parece se preocupar com isso. Neste ponto, eu queria se como ele – levar uma vida desligada e sem grandes preocupações. Mas não é para todo mundo, claro.

- *Tio Pedro, como é que um homem vive assim, sozinho, sem mulher, sem família?*

- *A gente se ajeita, compadre.*

- *Mas sem ter direito a um cafunezinho...*

- *Eita, meu tempo já passou! Eu agora só tenho as lembranças, mas essas são só minhas, ninguém me tira.*

- *Conta um pouco de sua história, meu velho.*

- *E pobre tem lá história pra contar, meu filho? Levantar todo dia ainda com o escuro, garrar no guatambu, passar o dia no eito, de noite desacordar numa cama de varas. Isso é lá coisa que alguém quer ouvir?*

- *Uai, ti'Pedro, eu, por exemplo, quero. E gosto de saber. Toma aqui uma pura, pra soltar a língua. É por conta da casa. Cê já foi casado, meu tio?*

- *Bem, meio que já fui, meio que não fui, meu compadre. Mas mulher, sabe como é. Elas parecem mariposas em volta de um lampião. Um dia, o querosene acaba e elas batem asas. Tem umas que tentam pousar no pavio e ficam por ali mesmo, chamuscadas – mas as mais espertas, quase todas, sempre escapam. De maneiras que me cansei, meu filho.*

- *Mas tem umas que se apaixonam – e vão ficando...*

- *Lá isso tem, deveras, mas ainda não aconteceu comigo. E acredito que nem vai acontecer mais. Meu parafuso já perdeu a rosca, minha cerveja ficou sem gás, meu café esfriou. Faz tempo. Ai, meus tempos...*

- *Fala mais desses tempos, tio Pedro, fala mais.*

- *Não vale a pena compadre, melhor deixar pra lá...*

No meio dessa conversa me entra na venda o Tibúrcio. Deixa que eu apresento o sujeito. Ele se intitula “consultor de vendas”, mas o que ele é mesmo é um mascate, daqueles antigos. Anda pelas estradas do sertão em sua lata-velha, levando mercadorias para vender, pegando encomendas para sua próxima passagem, daí a quinze dias. E mexe com tudo: tecidos, perfumes, agulhas, linhas, sabonetes, alguma roupa, peças de carro e trator, macarrão, biscoitos. Tudo de qualidade mequetrefe, mas é o que o povinho desses lugares pode comprar.

Tibúrcio não é má pessoa. Seu único problema é que ele é muito insistente, principalmente quando quer vender alguma coisa. Ou seja, sempre... É meio ingênuo, também, apesar de seu convencimento. Além disso, como ele tem maior contato com a cidade grande, pois mora em uma dessas, ele se considera mais sabido do que todo mundo. Só vendo a cara que ele faz quando se sente divulgador de uma novidade que ele imagina que ninguém conhece ainda. Aí, seus olhinhos de tiú rebrilham.

*- E aí moçada, já sabem da grande novidade?*

*- Será que é mesmo novidade – e grande, seu Tibu?*

*- Com certeza! Esta é de primeira!*

*- Então desembucha, porque se vier com coisa dormida para contar aqui, deixo você na mão; não lhe compro nadinha desta vez.*

*- Melhor você se sentar, então, pois desta vez vai cair pra trás.*

*- Será?*

*- Calma, você vai ver... Não é que lá na cidade houve o casamento de duas mulheres?*

*- Tibúrcio, pelamordedeus! Isso é o que você considera novidade? Já tem até lei!*

*- Lei? Mas então vai ser obrigatório?*

*- Tibu, caramba, vá se informar melhor... Aliás, quer saber de uma grande novidade, mesmo?*

*- Só quero, Bertoldo!*

*- Recebi uma carta da distribuidora lá da cidade, aquela enorme que tem filiais em toda parte. Aceitam agora pedidos de*



*mercadorias por simples telefonema e mandam entregar em três a cinco dias. Acredita?*

*- Bertoldinho, você não vai me deixar na mão, vai?*

O infeliz já estava ali com aquela conversa fiada há meia hora e nem havia percebido que tio Pedro o observava de um canto, e ainda por cima sem ter lhe dirigido aquele *boa tarde* regulamentar.

*- Compadre, de papel passado?*

*- Boa tarde, Ti'Pedro. Acho que sim.*

*- Pois pra mim não é novidade nenhuma. Lá onde eu nasci isso é comum. Eu mesmo conheci uma meia dúzia em situação assim. Acho que o governo devia deixar casar quem quisesse correr o risco, até mais de duas pessoas de uma vez. Por mim podia até ter casal de três. Ou de quatro. Gente com bicho também.*

*- Avançadinho este Tio Pedro, hein?*

*- Ele tá mangando de você, seu bocó. Não percebe?*

E o bocó foi espichando aquela conversa descosturada, com Tio Pedro a cada vez o provocando e enredando, sem que ele desse por isso. A esta altura, mas um personagem entre na venda e se incorpora à cena. O Nozito de Sebastiana, um rapazola meio metido a besta, filho da zeladora da igreja. Dito “da Sebastiana” por lhe faltar um pai conhecido. Um mandrião, como se diz por aqui. Daqueles que se por acaso pensar em trabalho logo procura uma rede para deitar, para ver se afasta tal ideia.

*- ‘Tarde pessoal, como vão?*

*- Meu filho, não era hora de você estar caçando alguma coisa pra fazer?*

- *Fazer o quê, Bertô, aqui nesta praga de lugar não há nada pra alguém se ocupar...*
- *Ainda ontem o Tonho Carapina estava procurando alguém para limpar um terreno.*
- *Praquele ali eu não trabalho. Ruim pra pagar que só...*
- *Depois me conta pra quem tu topa trabalhar aqui na Vila que eu vou espalhar a notícia, pra ver se tu arruma serviço.*
- *Além do mais estou conseguindo um baita serviço lá na cidade. E é pra ganhar muito dinheiro.*
- *Bem que queria saber o tipo de serviço que te ofereceram lá, com toda essa disposição que você tem...*
- *É no ramo do dinheiro, das finanças. Coisa de responsa. Mas nem devia estar falando isso com vocês. Podem ficar com inveja e botar algum mau olhado...*
- *Vamos botar um bom olhado em você, pra ver se começa a trabalhar de verdade, pode ficar tranquilo.*
- *Ah, tá bom, vou contar. É pra fazer inveja em vocês mesmo. A coisa chama pirâmide. As pessoas compram uma espécie de ingresso para entrar no projeto, trazem outros sócios para investir com elas e depois de três meses recebem o dinheiro multiplicado dez vezes!*

Aí entra Ti'Pedro:

- *E vai me dizer que você acredita nisso, compadre?*
- *Acredito sim, Tio Pedro. Um primo do meu cunhado já está quase rico com este negócio.*

- *É mesmo?*

- *Já está comprando até carro!*

- *É... Na cidade tem coisa boa mesmo, para quem tem as crenças frouxas... Ouvi dizer que comprar gente pelo preço que ela vale e vender pelo preço que ela acredita ter é negócio dos melhores, também.*

- ?

- *E terreno na lua também dá um lucro danado. Um primo do sobrinho do meu concunhado disse que ficou quase rico assim. Pena que a polícia prendeu ele antes...*

Gente desculpe, aqui é o Bertoldo, de novo. Acabo de receber o edital do concurso de contos. Preciso me concentrar nas ideias. Acho que minha vez vai chegar. Vocês ainda ouvirão falar de mim. Desculpem ter feito vocês perderem tempo, com essas histórias bestas do povinho daqui desta Vila que de *Feliz*, pensando bem, não tem nada.

Com licença, até logo.

\*\*\*

### **Cheiro de tangerinas**

Os dois garotos, pelo menos uma vez por mês, tinham permissão da mãe para acompanhar o avô nas idas ao sítio, em Contagem, que naquele tempo era outra cidade, para a qual, de fato, tinha de se viajar.

Depois de um dia de folguedos e travessuras, suportados, a maior parte das vezes com bonomia pelo avô, cumpriam, então, um ritual ansiosamente esperado: a fogueira de despedida, brincadeira vedada quando os garotos estavam sozinhos. A lenha recolhida debaixo das mangueiras, juntamente com o vasculho do pomar, era organizada por

eles mesmos como uma pirâmide irregular, no local onde ainda jaziam cinzas de fogueiras anteriores. Varas do bambu fino, que formava vasta moita junto ao açude, já haviam sido trazidas, para serem queimadas e fazerem às vezes de foguetes, pelo estampido que provocavam ao romper com o calor das chamas. O avô lhes ensinara, também, a queimar os ramos de um pequeno arbusto, de folhas carnosas, que produzia estalidos e lançava fagulhas, fazendo grande efeito pirotécnico.

Terminavam assim o dia, à beira do fogo, agasalhados por recomendação da mãe, para evitar o frio pelas costas. O avô tomava suas últimas providências e não raramente tinha de ceder mais uns minutos aos meninos, que desejavam fazer a queima de uma vara recém encontrada ali por perto, que prometia tiros de arromba.

No caminho da volta, extenuados e calados, mas acima de tudo felizes, amontoavam-se no banco da frente do *Jeep*, cabeceando para lá e para cá, com o balanço do veículo. O avô, a esta altura, deixava-os quietos, sem puxar as tradicionais brincadeiras e adivinhas, parte obrigatória da viagem, pelo menos na vinda, quando estavam descansados os garotos. Deixava, então, os netos entregues ao sono e às recordações do dia.

No ar, impunham-se em estranha mistura, os odores da gasolina, da mexerica enredeira e do limão-cravo, das verduras recém colhidas, da terra fresca aderida às batatas doces e às mandiocas. Mal vedado pela capota de lona do veículo, um friozinho benfazejo fazia sua presença. Lá atrás, o sol se punha entre rosadas nuvens, como se o lençol de capim gordura dos morros tivesse se invertido e cobrisse, agora, o próprio céu.

Para aqueles dois, o cheiro de tangerinas, mostarda e terra fresca, o friozinho das tardes de maio, o sol num dossel colorido, o crepitar de lenha na fogueira, o capim gordura manchando os morros, mesmo passados tantos anos, ainda trazem magicamente as cores, os cheiros, os sons e os sabores de uma meninice luminosa.

Quem teve infância por certo entenderá...

\*\*\*

### **O que foi feito de Graça?**

Histórias estranhas? Tenho uma pra contar. Escutem.

Naquela rodoviária, meia noite chegando, eu enfrentava o tédio e me preparava para horas aborrecidas até o meu ônibus passar, lá pelas duas da madrugada. Mas não é que me chamou a atenção a conversa na fileira de cadeiras atrás de mim, travada por dois sujeitos, costas quase coladas às minhas, também a espera de condução? Peguei a conversa neste ponto:

- *Pois é, lá me disseram que a Graça tinha morrido. De parto.*
- *A Graça, Gracinha, aquela musa de nossa adolescência, não é possível!*
- *Sim, Maria das Graças Soares de Alencar. A filha mais nova do velho Genebaldo...*
- *Uai, que coisa! Tão moça e sacudida, bonitona, até. Quantos sonhos eu tive com ela, nem posso contar... Pensando bem, não foi só eu.*
- *Pois espere que te conto um sonho que você não teve...*
- *Estou escutando, quero saber de tudo.*
- *Eu perguntei por ela, minha conhecida também, meio prima até, mas que andava sumida de muito. Eu bem que a achava atraente também, mas a consanguinidade me afastou, menos nos pensamentos. Mas então me disseram: - não sabe ainda? Morreu, a coitada.*
- *Como foi isso? A última notícia que tive dela é que estava grávida, retomando um casamento que parecia fracassado.*

- Pois é, o que me contaram foi que a morte tinha sido consequência de uma gravidez mal sucedida, levando de uma só vez mãe e cria. Ficaram até surpresos que eu não soubesse, pois o assunto tinha dado muita repercussão. E o pobre do marido tinha ficado tão desgostoso que sumira no mundo.

- Eu conheci o casal. Mas faz tempo que estive com eles, uns cinco ou seis anos talvez... Acho que o cara até é gente do nosso tempo.

- Mas isso que lhe conto foi mais recente, bem depois.

- Mas continue, estou lhe interrompendo.

- Aquela notícia me deixou pasmado. Pelo fato em si, pois que esta Graça era uma pessoa querida, mas também porque ao voltar para casa eu precisaria dar a notícia para Luiza, minha mulher, que tinha certo comadrio com a Graça. E ia ser um choque feroz para ela, capaz de abalar ainda mais um temperamento sensível, bastante atormentado naquele momento por outras perdas recentes experimentadas por ela, agravadas por uma menopausa precoce e mal recebida.

- Poxa, que situação...

- Pois é, eu estava fora de casa e passei a viagem de volta pensando nisso. Tinha que contar, mas não sei se conseguiria fazer isso de imediato, logo que pusesse os pés em casa. Quem sabe, depois. Mas de todo modo não atinava com a melhor maneira de agir.

- Não dava pra fingir que não sabia?

- Bem que pensei nisso, mas acho que seria fácil alguém me desmentir. E aí minha mulher não me perdoaria, pois a Graça era realmente muito querida por ela. O fato é que aquela viagem demorou, não tanto pelo atraso e as baldeações, mas também

*porque minha cabeça não chegava a um acordo sobre o melhor modo de falar sobre uma coisa como aquela, tão indizível. Tenho que reconhecer também que sou bem atrapalhado nessas coisas de mentir, enganar, fingir.*

*- É ruim, hein...*

*- Pois é... O que matutei naquelas horas dentro de um ônibus você não é capaz de imaginar. Desconforto total, naquele calhambeque miserável, naquela estrada esburacada, com a cabeça e girar doidamente. E eu sem encontrar uma solução. E pra complicar, um enguiço que nos custou umas duas ou três horas de parada. Mas, pensando bem, foi até bom, me ajudou a colocar as ideias no lugar, ou pelo menos me acalmar. Mas mesmo assim cheguei em casa com uma tremenda cara de cachorro que caiu da mudança.*

*- Mas contou logo pra ela?*

*- Não, não contei...*

*- Não contou, mas assim não teria ficado ainda mais complicado pra você?*

*- Espera que chegarei lá.*

*- Não quer tomar um café antes de nossa condução chegar?*

Nesta hora eu, que espionava a conversa, cheguei a lamentar que perderia o curso de tal história, mas felizmente adiaram o tal café.

*- Pode ser. Mas deixe que eu encerre o assunto. Cheguei em casa, fui para um banho. Luiza me seguia de perto, pois eu estava fora há muitos dias e você sabe como é... casal que somos ainda amorosos, apaixonados. Saí do chuveiro, havia um jantarzinho quase romântico me esperando, tinha até velas. Mas era difícil esconder a verdade. E Luiza: - fala, estou vendo que você não está*

*bem, o que está acontecendo? Eu dizia - nada não, está tudo certinho; só acho que preciso de umas horas de sono. Vi que eu não a convencia, mas esvaziamos uma meia garrafa de espumante e resolvemos ir para a cama.*

*- Deixou para o outro dia, então?*

*- Sim, deixei, mas não esperava uma mudança radical em meus planos. Você não é capaz de imaginar o que aconteceu...*

*- Conta! Esta história já está me deixando curioso...*

*- Eis que o telefone toca. Bem ali, na beira da cama. Do meu lado.*

*- ...*

*- Eu atendo e adivinha quem era?*

*- Não sou capaz de saber...*

*- Tente.*

*- Ora bolas, vou chutar. Seria uma ressuscitada Maria das Graças?*

*- Já está sentado para não cair? Ela mesma, a Graça! Nossa amiga Maria das Graças Soares de Alencar. Em pessoa. Ou em espírito, foi o que pensei na hora.*

*- E você, como reagiu?*

*- Primeiro me arrepiei da sola dos pés até a raiz do cabelo... Depois, o que pude balbuciar foi: Graça, de onde você está falando? E danei a chorar, soluçando como um condenado. O que era aquilo, meu Deus! Luiza, do meu lado, não entendia patavina...*

Neste momento o autofalante anunciou a chegada de meu ônibus. Ajeitei mal e mal minhas coisas, mas meus vizinhos das costas também



fizeram uma pausa para procurar algo na sua bagagem, talvez um fósforo ou um cigarro, já se levantavam para o café. E eu fiquei ali, morto de curiosidade, sem saber a solução do mistério que sem que eu pedisse me fora trazido, até com certo detalhe, sobre aquela Maria das Graças, que morrera – ou não – mas que, no entanto, era capaz de fazer ligações telefônicas, sabe-se lá de onde.

Fiquei pensando... Era outra a Graça que morrera? A ligação de que falava o desconhecido não teria sido um engano? Era apenas uma troça entre amigos? Tudo ficou por isso mesmo, infelizmente. Enquanto o marido de Luiza vivera o conflito de ser obrigado a dar uma notícia ruim, eu tive que completar minha viagem em dilema ainda maior, o de ignorar o que de fato tinha ocorrido com aquela mulher, de cuja história de repente me tornei íntimo e testemunha.

E eu, lamentavelmente, nem tinha quem me esperasse com um jantarzinho romântico e uma garrafa de vinho. Assim fui dormir mal acomodado em um banco de ônibus e além do mais sozinho, ou melhor, com este mistério atravessado no peito.

Quem quiser que conte outra.

\*\*\*

### **Excelências**

Prefeitos e prefeituras? Conheço bem. Trabalhei em uma dessas por alguns anos e isso até me faz respeitar a lida dos prefeitos, seus secretários e servidores em geral. Mas só até certo ponto. Sei que esta gente nem sempre é bem compreendida pela população e especialmente por Juízes e Promotores. Mas o que me lembro aqui é de coisas nem sempre lisonjeiras para aqueles lá. Falo de minhas vivências como Agente de Endemias, em contato direto e obrigatório com Prefeitos e outras autoridades municipais. Aliás, podem me chamar de mata-mosquito, não me importo.

Falando assim, de maneira genérica, farei todos acreditarem que sou um crítico intransigente da autoridade, pelo menos no plano municipal. Mas a verdade é que neste assunto de controle de dengue, febre amarela, zika e outras doenças, tenho histórias para contar. E não dá para ser bonzinho, *passar o pano*, como se diz.

Entre os defensores da saúde pública aqui no país – e eu sou um deles – aquela expressão *municipalização é o caminho* ficou consagrada, mas na verdade, em minha modesta opinião, este caminho às vezes leva ao abismo – quando não a lugar nenhum. Se os mosquitos e outros seres pudessem opinar, eles saberiam do que falo e até me aplaudiriam

Estive na gestão federal, também, e ali eram comuns meus contatos com a turma dos municípios, quase sempre em missão de esclarecimento, cooperação e, por que não dizer, também de apartação de brigas. Por força disso estive em lugares os mais variados. Só com o nome *Olhos D'água*, estive em uns quatro. *Rio do Peixe*, dois ou três. Lugares sem nome (por falta absoluta de tal informação nas estradas), para mais de vinte. Em alguns deles a informação mais pulsante que se poderia encontrar nas placas de estrada, aparentemente para designá-los, era *borracharia*. Quando não escrita com “x” no lugar de “ch”.

Antes que me perca nas ironias e críticas devo reconhecer algumas das virtudes, digamos, do poder local. A maior delas, certamente, é a proximidade que bem ou mal as prefeituras têm com quem de fato precisa dos serviços públicos, aliada à possibilidade de que os respectivos demandantes batam à sua porta, real ou literalmente. Isso por si só diferencia os prefeitos e auxiliares diretos – para melhor – de algum burocrata em Brasília ou na capital do estado.

Prefeitos roubam do erário? Sim, as evidências são claras e permanentes. Mas, convenhamos, quem seria mais perigoso: um prefeitinho que bem ou mal tem cidadãos e vereadores de oposição por perto, ou algum daqueles burocratas abrigados em remotas casamatas refrigeradas?

Fica assim registrada a minha simpatia por aqueles que têm sob seu encargo a gestão de qualquer política ou programa em cidades, sem que isso me impeça de também enxergar outros lados de tal moeda. Sem esquecer que a corrupção não conhece fronteiras e que nos ambientes relativamente pouco republicanos das Prefeituras e Câmaras de Vereadores podem acontecer – e acontecem – as mutretas mais diversas.

Mas vamos por partes... Os gabinetes dos Prefeitos, por exemplo, são ambientes curiosos. Refrigerados ao ponto de escorrerem estalactites de gelo dos tetos. Mau gosto quase sempre presente, nos móveis, nos tapetes, nos decotes das secretárias, nos estampados dos sofás. Mas o que espanta mesmo é a quantidade de gente que faz ponto ali. Não sei bem a que se dedicam, se são funcionários com funções definidas ou apenas ordenanças, à espera, quem sabe, de uma ordem de cima que nunca se sabe quando virá. Seriam apenas amigos, aderentes, cabos eleitorais? Não se sabe quase nada deles, apenas que geralmente são muitos e constantes, indistintamente do sexo masculino ou feminino. Já passei manhãs e tardes inteiras em reuniões em tais ambientes e ao entrar e ao sair via todos eles ali, com o ar de quem tinha tarefas sérias a cumprir, olhando para o teto ou, no caso dos machos, para eventuais pernas e quadris femininos que por ali transitassem. Mas para mim sempre foi um mistério saber exatamente a que se dedicam de fato.

As moçoilas de gabinete! Estas, pelo menos, têm com funções mais definidas, por exemplo, de convidar as visitas a entrar para o encontro com Suas Excelências, ou de servir água e café. Costumam estar presentes em bandos de duas, três ou até mais. Saias justas e curtas, decotes generosos, longas unhas negras, perfumes que se sentem já na esquina, fazem parte do cenário.

Instituição valorizada e constante as Prefeituras de todo o Brasil são os veículos, melhor dizendo, as “aviaturas” chapa-branca. Sua Excelência quase sempre dispõe de uma dessas, geralmente um daqueles *carrões de tiozão*, que a indústria nacional é pródiga em lançar, embora retire de

circulação pouco tempo depois. Os Prefeitos as utilizam até para ir à esquina, mas gostam mesmo é de viajar à capital – ou sabe-se lá onde – em uma delas. E se a autoridade vai com a cara do visitante, como aconteceu comigo algumas vezes, este será convidado, honrosamente, a se mover em uma delas, até mesmo para ser levado ao seu hotel, mesmo que este fique na quadra seguinte à Prefeitura.

Além disso, a importância que se dá ao auxiliar, adjunto, agregado ou burocrata municipal é dado pelo acesso que o mesmo tem a um dos tais semoventes – mesmo que seja um paquiderme dos anos 80, que milagrosamente ainda faz parte da frota de algumas prefeituras pelo Brasil a fora.

E ainda, falando de tais “aviaturas”, uma lição que aprendi em minhas visitas terrestres a prefeituras foi a de jamais aceitar a oferta de veículos do erário municipal para viajar, ou mesmo para me locomover na cidade, dado que o risco de se embarcar em um fóssil oitentista é muito grande. Uma das poucas vezes que aceitei, numa viagem noturna, passaram-se algumas horas para que eu descobrisse que todos aqueles faróis altos de caminhões que nos vinham diretamente na cara tinham uma explicação: as luzes da decenária viatura, uma perua pleistocênica, miravam diretamente a copa das árvores na beira da estrada, independentemente de estarem em modo alto ou baixo.

Trabalhei em municípios grandes e pequenos do interior do Brasil. Eu poderia citar alguns nomes, mas o que vou narrar aqui não é prerrogativa de alguns deles, mas sim do conjunto. Trata-se do fenômeno dos “Intocáveis”. Falo daquelas situações em que alguém, o cara da dengue, por exemplo, detecta na máquina municipal situações problemáticas e impeditivas de progressos, que precisam ser mudadas rapidamente, mas que são rejeitadas liminarmente pela autoridade, sob o argumento de que: *com esse aí não posso mexer*.

Aplicar fumacê, alocar mais gente numa área de infestação brava de pernilongos, remover ou mudar funcionários de lugar, afastar de vez algum inadimplente, costumam ser problemas sérios, coisas de se consultar algum Cardeal ou até o próprio Papa. E o argumento se reitera, cada vez mais forte: *nesse aí não posso mexer*. E “esse aí” pode ser o tanto o marido de uma vereadora (ou vice-versa), ou um cabo eleitoral, um médico que colaborou na última eleição ou simplesmente algum outro *intocável*, sem que se explicitem razões, digamos, *republicanas*, ou pelo menos *lógicas*, para tal qualificação.

Tudo acaba ficando como dantes, ou como sempre, com o pobre do palpiteiro se sentindo como um arquiteto que projeta casas que ninguém chega a construir ou menos ainda habitar. Por essas e por outras parei de brincar disso, ou seja, de querer prestar colaboração técnica a prefeituras. Na porta de saída fui aplaudido por uma multidão de dípteros entusiasmados.

Se a gente precisa convocar o Secretário ou algum funcionário para reunião fora do município, o tempo costuma fechar. Confiança e autonomia são palavras que não costumam constar do dicionário dos Prefeitos. No seu lugar, submissão e dependência. Nenhum mérito daqueles que conseguem superar isso, apenas penso que isso deveria ser o normal na gestão, seja ela pública ou privada. Sempre me vi incomodado com as limitações até mesmo de alguns Secretários, impossibilitados de comparecer a uma reunião fora da cidade, por conta de restrições de passagens ou diárias.

Com tais *intocáveis* de um lado e uma multidão de “*despoderados*”, de outro, fica realmente difícil, se não impossível, fazer alguma coisa que preste. Ainda bem que tem gente que resiste e até insiste, mas este deixou de ser o meu caso.

As notáveis *primeiras damas*! Aqui é preciso fazer justiça, pois assim como a presença de corruptos na administração, isso não seria, nem de

longe, uma prerrogativa municipal. Mas que como no adágio espanhol, *que elas existem, existem*, e aprontam de tudo, desde terem sala ao lado do marido-prefeito, de onde comandam, formal ou informalmente, segmentos inteiros da máquina pública, até distribuírem, por conta própria, medicamentos adquiridos pela Prefeitura, sabe-se lá mediante quais critérios. Ah, sim, sem esquecer do comando das ambulâncias, aquelas *aviaturas* que, como se sabe, foram feitas para transportar *eleitores*, não exatamente *pacientes*.

História sublime sobre essas indefectíveis criaturas da política brasileira: certa vez me deparei com uma espécie de atlas ou almanaque onde constavam as informações mais importantes sobre os municípios de certo estado, tais como nome do prefeito, partido do mesmo, população, economia local, recursos públicos disponíveis, IDH, orçamentos, instituições locais, área em km<sup>2</sup> etc. Uma informação, todavia, era surpreendente: o nome da primeira dama e a data de seu aniversário! Para que seria? Os floristas e a fábrica de chocolates Copenhagen, na melhor das hipóteses, poderiam informar.

Para arrematar essas histórias com um toque de humor, para não dizer de nobreza, aqui vai uma história que pelo menos traz um bom exemplo. Em certo município de Goiás, cheguei nos dias em que o médico de família local estava promovendo uma campanha de conscientização masculina sobre o câncer de próstata. E o procedimento que estava sendo divulgado e até mesmo realizado em ritmo de campanha era o toque de próstata. Imaginem o rebuliço que isso provocava por ali. Pois bem, acreditem, o primeiro cidadão que se colocou na fila, para dar o exemplo, foi exatamente Sua Excelência, o Prefeito Municipal. Este foi realmente um *toque* (sem trocadilho!) de nobreza e de espírito público, embora de maneira, digamos, pouco ortodoxa. Palmas para ele!

Para me defender de acusações de que eu possa ser um inimigo enrustido ou declarado dos prefeitos, dos municípios ou mesmo das políticas de descentralização, esclareço. Não é que exista uma relação direta, tipo

causa e efeito, entre a qualidade da administração e seus efeitos sobre as patranhas clientelistas que acabo de citar. Mas o fato é que transferir simplesmente poder para autoridades menores pode ser faca de dois gumes, pois ao mesmo tempo que isso facilita a vigilância do povo, pode também abrir caminho muita sacanagem, sem falar do prejuízo para os cofres públicos. É também uma questão de moralidade e de amadurecimento do pessoal que trabalha no Poder Público, sejam eleitos ou não. Mas que a gente não se esqueça da importância da capacidade de controle que os cidadãos deveriam ter – e não têm – sobre o maquinismo das Prefeituras e outros órgãos, sejam locais ou de degraus acima.

E tenho dito. Isso não é um conto, mas sim um desabafo. Desculpem.

\*\*\*

### **A Dama do Cine Academia**

Quem não se lembra do Cine Academia? Ali era possível ver bons filmes, ouvir boa música ao vivo, tomar um café ou um drink honesto, encontrar pessoas. Como nada é perfeito, o proprietário era um conhecido trambiqueiro, devedor do fisco e da previdência e seu estabelecimento acabou sendo fechado para pagar dívidas com o Estado, mas mesmo assim deixou saudades em muita gente – o lugar, não seu dono. Eu próprio me senti na orfandade.

Sempre gostei dos vários itens ali oferecidos, particularmente dos filmes, mas no quesito “pessoas” ali colhi também ótimas lembranças, uma delas muito especial.

Uma noite, anos atrás, eu fui ao Academia pegar um cineminha. Sozinho, pois este era o meu estado assumido prazerosamente na ocasião. Comprei meu ingresso e aproveitei o tempo que ainda faltava para o começo da sessão para folhear a esmo alguns livros na livraria que lá existia. Eis que ela apareceu...

Como eu manuseava um exemplar qualquer, já chegou e me perguntou, sem maiores preâmbulos: *você já leu?* Não eu não tinha lido, mas aquilo era uma ótima deixa para prosseguir a conversa com aquela mulher de uns cinquenta anos, bonitona, bem vestida e comunicativa, aspecto este que logo se confirmou, aliás. Pegamos uma conversa sobre literatura de imediato e fiquei bem impressionado com o leque de referências que ela tinha, em termos de leituras, mas amplas do que as minhas, diga-se de passagem. Mas mesmo assim me ouvia com atenção.

Ato contínuo, ela me perguntou que filme eu iria ver. Ou fui eu que indaguei a ela, não me lembro mais. O fato é que o “meu” filme não era o mesmo dela o qual, aliás, eu já tinha visto. O passo seguinte, dado por ela, me encantou: *espere que vou tentar trocar meu ingresso para ver este filme que você vai ver também.* Em poucos minutos estávamos sentados, lado a lado no escurinho, sem que eu ainda soubesse sequer o nome dela ou qualquer outro tipo de informação. Mas sem dúvida, era uma companhia agradável e havia reciprocidade, pelo que eu percebia, de tal maneira que deixamos rolar a aquela insólita proximidade, sem perder a oportunidade de comentar passagens da fita com os rostos quase colados, em sussurros, para não perturbar os demais espectadores. Boa química interpessoal ali se anunciava, mas naquele momento não passou disso, eu juro.

No final da sessão, cumpriu-se um ritual previsível: *que tal se fôssemos beber algo e conversar mais sobre o filme?* Não era só isso, claro, que nos interessava já naquele momento. E fomos a um recém-inaugurado café ali perto, onde, naquele momento, éramos os únicos fregueses, e por ali fomos ficando até que deu hora de fechar a casa. É claro que, na despedida, novo encontro foi marcado, em breves dias, de forma totalmente espontânea e recíproca. E afinal não haveria, absolutamente, alternativa diferente para os dois recém conhecidos.

Daí ao enamoramento, ao primeiro beijo, às carícias ainda tímidas, mas promissoras, foi um passo bem curto. No final da primeira semana já



estávamos íntimos. Um passeio na grande Livraria da cidade, com compras duplas em profusão de livros e CD, selou, simbolicamente o novo estatuto que entre nós se estabelecia. E só havia certeza e felicidade naquilo tudo.

Viver momentos tão felizes, logo vimos, era apenas uma parte de um todo. Nós dois éramos criaturas desgastadas por relacionamentos mal escolhidos e malsucedidos e aquele encontro parecia nos trazer, realmente, as chaves do Paraíso.

Nas semanas seguintes acabei de conhecer a profissional bem sucedida, a empreendedora, a mulher de espírito indomável, a criadora de um método de trabalho, a líder social. Cidadã honorária de nossa cidade, um título nunca me parecera tão justificado e isento de cargas politiqueiras como no caso dela. Respeitadíssima em toda parte que íamos, onde eu era apresentado sem maiores rodeios como o companheiro, com todo carinho e certeza.

Certezas, certezas, certezas...

Logo me incluiu no seu círculo de amizades. A um almoço semanal em sua casa, reservado às pessoas com quem realmente privava intimidade, fui logo incorporado, com importantes companhias, inclusive do ex-marido, sujeito notável, que logo se tornou meu amigo. O que mais eu poderia querer?

E foi ainda com uma frase como esta na mente – *o que mais poderia querer?* – que vi meu sonho começar a ruir. Participar do cortejo daquela Deusa era coisa para fiéis iniciados. E eu era um tanto gentio, ou profano, pouco afeito a rituais laudatórios em torno de alguém. Comecei a perceber que aquela espécie de divindade não tinha apenas amigos, tinha seguidores, fiéis, escudeiros. E foi assim que um dia a cobrança me chegou, taxativa, por parte dela, de eu não estar demonstrando de forma suficiente e acreditável que Sua Divindade fosse realmente um símbolo forte e significativo para mim.

Ela queria uma definição cabal. Eu me calei. E quando me dei conta, *de repente, não mais que de repente, fez-se de triste o que se fez amante e de sozinho o que se fez contente; fez-se da vida uma aventura errante*, como já tinha dito Vinicius de Moraes.

Tudo poderia ter durado apenas aqueles dez meses, mas mesmo assim ter valido a pena.

Revi a dama pessoalmente muitos anos depois. Era a mesma no porte, nas roupas, no jeito caloroso de se aproximar e conversar. E mais, depois de uma ligação forte, ficara viúva. Pensei: é a minha chance, e esta não perderei de novo.

E assim aconteceu.

Como dizia Fernando Sabino, no final vai dar certo; se não der certo é porque não chegou no final.

E não tinha chegado ao final mesmo. E foi assim que vi se abrirem novos tempos de cumplicidade e felicidade para ela e eu. Sem cobranças, sem precipitações.

\*\*\*

### **Encontro no Academia**

O que eu vi de fato naquele homem? Bonito? Já tinha visto melhores do que ele. Elegante? Que nada, apenas médio. Roupas casuais e tênis não contam com minha inteira aprovação, pelo menos para se sair a noite. Simpático? Sei lá. Mas naquela ocasião poderia ser o caso de conferir.

Além do mais eu estava ali naquele cinema, o famoso Academia, de saudosa lembrança aqui na cidade, para espairecer depois de uma semana intensa de trabalho. Estava sozinha, não só no exato momento daquele encontro, mas também na vida. Mas tenho certeza que não foi isso que me moveu em direção a ele.

Duas coisas me chamaram a atenção no tal sujeito, devo admitir. A menos significativa foi o fato de ser um homem alto. Nenhuma atração ou fixação especial de minha parte, mas como sou também uma mulher alta, passei minha vida medindo as pessoas com esta régua. Sem desprezar os baixinhos, é claro, mas de alguma forma o ato de olhar alguém diretamente nos olhos, sem precisar baixar a cabeça, sempre contou pontos para mim. Bem, mas na verdade, quando me dei com aquele cara grandão ali do meu lado, eu não estava de forma alguma olhando-o nos olhos. Ou pensando nisso. Vamos devagar.

Ah, sim, mas havia outro detalhe. Estávamos na livraria que havia no cinema (aliás, o cinema também *havia*, não *há* mais...) e ele folheava um livro, com ar de grande concentração. Acho que mesmo se ele medisse apenas um metro e meio de altura, ainda assim teria chamado minha atenção.

Mais do que altura, elegância, porte ou formosura, uma coisa como esta – estar concentrado em uma leitura – com toda certeza era o bastante para me despertar a atenção. Desde sempre, aliás. Afinal, eu tinha sido aquela garota que com quinze anos de idade ganhou de seu pai toda a coleção dos premiados com o Nobel de Literatura. E li um por um.

Livro? É comigo mesmo!

E o sujeito me pareceu tão enlevado tendo nas mãos um volume que, mesmo que aquilo fosse apenas casual ou algum gesto automático enquanto esperava, assim como eu, chegar a hora de seu filme, eu não resisti e lhe indaguei, assim meio à queima roupa: *este livro é bom? Você tem mais informações sobre ele?*

Depois pensei: como é que ele poderia saber de coisas assim se estava ali apenas folheando o tal livro, de maneira certamente superficial e descompromissada? Me achei meio cara de pau por ter indagado, mas aí o mal já estava feito.

Mas não, absolutamente! Não havia nenhum malfeito na minha pergunta. O sujeito fechou o livro e estendeu com tranquilidade a conversa dentro do campo literário. Disse que não havia lido e nem sabia se o leria, mas que tinha ouvido falar muito da obra e ficou curioso em dar uma olhada, sem compromisso. Mas pelo menos deve ter lido minha mente, o danado, pois antes que eu lhe agradecesse a resposta ou me afastasse, perguntou se eu gostava de ler. E o que eu andava lendo ultimamente.

Ainda bem que achei o jeito dele agradável, pois parecia gostar de conversar e dava indícios de não me deixar afastar dali de forma imediata. Além do mais, havia ainda uma boa meia hora de espera, logo constatando que para ele também, e assim percebi que não haveria muito a perder se encarasse aquele papo de sala de espera, mesmo sendo algo que, de maneira geral, não acarreta desdobramentos ou compromissos. Por que não, então?

Aí nos apresentamos: nome, profissão, interesses – essas coisas de sempre.

Falamos também um pouco de cinema, afinal o ambiente convidava, com sondagem recíproca sobre o filme que um e outro iríamos ver. Sem segundas intenções, aparentemente, mas tudo conspirava... Foi então que tomei a iniciativa, até porque eu não estava muito segura de minha escolha, ao contrário da dele, que iria ver um filme premiado etc e tal. E assim propus trocar meu ingresso para assistir o filme de sua escolha. Céus, que ousadia a minha! Mas tinha sido ele que abriu tal caminho, com aquela conversa sobre as qualidades do “seu” filme, de certa forma já deixando o meu em segundo plano. Mas aí já era tarde.

E assim vi que ele gostou da ideia, me acompanhou à bilheteria e em poucos minutos estávamos sentados no escurinho, conversando *tête-a-tête*, comendo pipoca juntos, como se nos conhecêssemos há longo

tempo. Nós, que poucos minutos antes nem sabíamos reciprocamente quem éramos...

O resto da história ele já contou por aí. Como diz uma canção de Carlinhos Brown, *este cara tem a língua solta*. Agora quer que eu também conte a minha parte. Tudo bem, vou fazê-lo, mas de um ponto de vista estritamente pessoal. E feminino.

Ponto de vista feminino, para mim é o seguinte, voltando à pergunta de partida: afinal de contas, o que vejo neste sujeito, que faz com que eu esteja com ele há dois anos, sem nenhuma vontade de desistir?

Ah sim, porque ele já desistiu uma vez – embora haja, entre eu e ele, controvérsias sobre isso – já que para mim quem desistiu foi de fato ele e para ele, quem renunciou fui eu. Mas polêmicas à parte, isso hoje é assunto superado entre nós.

Mas vamos lá... Mulheres são detalhistas e já disse alguém que o diabo mora nos detalhes. Será? Pode ser e pode não ser, mas uma coisa é certa: os detalhes, mesmo que incluindo o dito-cujo, são também um tempero para a vida. E quando eu falo de detalhes quero me referir às coisas em que nossas visões são diferentes – e que não são poucas.

Acho que já me preocupei mais com isso, atualmente relaxei. Ou estou querendo descuidar... Ele tenta me convencer que é melhor desse jeito do que concordarmos em tudo. Vou acabar acreditando nisso.

Por exemplo, ele me diz:  *você acredita em muita coisa*. E só de maldade coloca aí assuntos tão diferentes como vidas passadas, discos voadores, energias, memória da água, xamanismo, homeopatia, telepatia, psicografia, espíritos, vibrações, *noosfera*, *quanta*, ponto de mutação, filmes coreanos, mestres-gurus etc. Vê se pode... Tenho que explicar pra ele que não é uma questão de simplesmente *acreditar*, mas sim de ter a mente aberta para coisas novas e mesmo estranhas. E provoco:  *mentes são como paraquedas, só funcionam se estiverem abertas*.

E ele, irreverente: *mas eu acredito em paraquedas!*

E se eu der corda ele certamente vai enumerar mais um tanto de crenças minhas para as quais me pede a tal da comprovação científica, que ele aprecia tanto. Aí eu explico – e não sei se ele de fato entende – que ciência é importante, mas nem sempre esclarece ou resolve todos os problemas. Como Shakespeare já disse: *tem tanta coisa entre o céu e a terra...*

Mas afinal de contas, seriam coisas graves ou até incompatíveis com uma vida harmônica de casal?

O fato é que assim vamos levando a vida. Peço sempre pra ele fazer revisão em meus textos, e tenho com isso uma grande ajuda dele, mas primeiro preciso me preparar para seu senso crítico, que eu acho exagerado. Diz ele que é para me proteger (acredite quem quiser...). Mas não posso negar: ele acaba me dando uma boa ajuda, melhora minha comunicação, só não posso é valorizar cem por cento as coisas que ele aponta como questionáveis. A tal da *comprovação científica*, por exemplo: que fixação ele tem nisso!

Mas sinceramente, *questionáveis* para quem, cara pálida? E aí ele vem: *desde que você não leve isso a nenhuma banca universitária, tudo bem.* Mas já expliquei para ele, várias vezes, aliás, que não escrevo para bancas universitárias, escrevo para gente da minha área ou mesmo para leitores comuns.

Bem, quanto a ser “protegida” não é bem o que preciso e nem corro atrás – mas também não dispenso.

Outra de nossas divergências é que ele diz que eu sou *platônica*, enquanto ele se considera *materialista*, seja lá o que isso for. Mas se a questão é se mover por ideais, pela procura do *belo, do bom e do justo*, tenho duas coisas a dizer. Primeiro, que eu realmente pertenço a este time, com muita honra, aliás. Segundo, no meu entendimento ele

apenas *finje* não sê-lo, recorrendo ao tal de *materialismo*, no qual penso que ele nem acredita de verdade. Volta e meia me dá provas disso, quando me acompanha nas lágrimas depois de um filme tocante, por exemplo. Ou quando admite que muitas vezes o que chamamos de *realidade* é apenas uma imagem invertida, projetada no fundo de alguma caverna.

E por falar em cinema, este foi um fator que nos aproximou, mas isso não impede que algumas vezes também nos coloque em campos opostos. Por exemplo quando ele vem com seu criticismo agudo e detona minhas séries coreanas... Mas até nisso acho que é puro fingimento dele, sabem, aquele negócio de “fazer gênero”, bancar o macho durão. Em outros momentos, talvez quando fique mais relaxado, ele não tem nada de hipercrítico ou materialista. Para ser sincera, tem hora que ele é super romântico. E eu adoro...

Viver com ele pode até parecer que é viajar em uma montanha russa. Mas nada disso. Ele só precisa ser, digamos, *relativizado*. Isso, aliás, deve fazer parte do tal *materialismo dialético* no qual ele tanto se orgulha de professar.

Nada disso importa, é verdade. Mais do que seu porte, sua cultura, os livros que leu, seu senso crítico, seu “materialismo”, seus hábitos de fingir de durão, suas vãs pretensões protetoras quando a mim, ainda nem falei de sua qualidade principal: ele me respeita. Não apenas como quem acata alguma coisa em que eu porventura tenha mais conhecimento do que ele, ou meramente pela minha condição feminina. É mais do que isso: ele demonstra que me quer! Acho que ele de fato está feliz comigo e me admira como (sua) mulher e companheira para a vida entre os demais. E me faz gostar dele, cada vez mais. Para mim está de bom tamanho. Quem vive sem conflitos ou divergências são formigas, abelhas e cupins. Ajustes não surgem de imediato ou de graça na vida; muito ao contrário a gente vai, aos poucos, compondo isso pelo caminho. O qual, aliás, como se sabe, *se faz ao caminhar*.

Ainda bem que deu *nisso* aquela conversa frouxa e um tanto errática, à beira de uma banca de livros, esperando a hora do cinema. O melhor filme ainda estava para começar, mas a gente nem podia imaginar. Não tenho do que me queixar, a não ser da nossa finitude, não no amor, mas sim da própria vida em si.

Mas pensando bem, onde está escrito que a gente tem que explicar o que é o Amor? Talvez seja uma daquelas coisas que se a gente precisar explicar, perde a graça. Como a música e a poesia, embora Ele, o Amor, seja mais do que isso. Uma coisa que vale pelo que apenas “é”, ou existe, pelo que se sente sobre ela e não sobre o que se fala. Então, para quê explicar e quantificar? Mas para satisfazer este homem, na sua sanha crítica e *dialética*, posso dizer mais: o Amor é cósmico, quântico, mutação, telepatia, espírito, energia, vibração, memória na água e no ar, vidas passadas e futuras tudo junto e sei lá mais o quê. E ponto final.

\*\*\*

### **Viagem inventada no feliz**

*Esta é a estória. Ia um menino [...] passar dias no lugar onde se construía a grande cidade. Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. Saíam ainda com o escuro, o ar fino de cheiros desconhecidos.*

João Guimarães Rosa – As margens da Alegria

Naquele dia ele viajou sem seus pais pela primeira vez e se afastou da cidade onde moravam por muitos e muitos quilômetros, trazendo com isso uma sequência de acontecimentos inesquecíveis, que ainda o marcavam, entre surpresas e alegrias, décadas depois.

Na manhã fresca de abril já se perfilavam os escoteiros na porta do colégio que abrigava a sua sede. O caminhão Chevrolet Brasil, *tinindo de novo*, como dizia uma gíria da época, já era diligentemente carregado pelos monitores e pelos próprios garotos ali na porta. E ali se moviam



caixas e mais caixas de painéis, vasilhas diversas e mantimentos, além de barracas de lona cáqui, junto com mochilas e cobertores.

Eles iam participar, simplesmente, da inauguração da cidade que oficialmente se tornaria, daí a dois ou três dias, a nova capital do país. *Novacap*, como então se dizia.

Cumpria, além de carregar o veículo, confirmar, um no rosto do outro a surpresa, a alegria e até um pouco de medo, recebendo de pais e mães ali reunidos os derradeiros conselhos de cautela. Tudo ali era novidade e emoção. Sem deixar de lado as brincadeiras um tanto selvagens, como aplicarem uns nos outros a chamada *cachuleta*, uma batida forte de dedos, em leque, na bunda de quem estivesse por perto, que quando bem aplicada doía de verdade.

E assim, entoando seu estranho hino, o *Rataplã do Arrebol*, de cujas palavras ignoravam o exato significado, se arrancaram a bordo do vistoso caminhão verde e branco, naquela manhãzinha fresca, rumo ao Planalto Central. Entre eles, os mais viajados mal haviam passado da cidade mais próxima no trajeto, ou de suas adjacências, assim mesmo em companhia dos pais. Mas agora, não. Sentiam-se como destemidos exploradores, seguindo as regras próprias do grupo, não da família. Não poderia haver nada melhor do que aquilo, por certo.

Era tudo aventura, a começar pelo vento, que já com menos de cem km rodados havia destruído o toldo de lona posto sobre o caminhão e dispersado alguns dos chapéus de feltro, o que deixou seus donos inconsoláveis. A paisagem de montanhas começou, aos poucos, a se transformar em vastas extensões de planuras e morros em forma de mesas. O verde familiar das plantas aos poucos se transformava em tons desmaiados ou até cinzentos e seus troncos perdiam a retidão, para formarem garranchos de formatos variados e casca espessa. Quanta novidade, pensavam...

No lugar onde se construía uma grande represa, mas aonde naquele momento se viam apenas grandes tratores a fuçar freneticamente a terra vermelha, quase nada de água e de barragem, o que se via era apenas um buraco enorme. Ali, parou-se para comer. Cada um com a sua marmita, pois naquele tempo não se conhecia *fast-food*, palavra que, aliás, soaria como um palavrão em língua gringa. Na beira da estrada apenas alguns estabelecimentos toscos, nos quais mal e mal se servia alguma cerveja quente e pacotes de bolacha. A solução eram as marmitas mesmo, daquelas de alumínio, variando apenas no formato, redondo ou retangular. Alguns, talvez, contassem com sanduíches de presunto e queijo na matula que veio de casa, mas apenas os mais afortunados.

Ali o garoto constatou, com total dissabor e frustração, que a comida preparada na tal marmita, com todo o carinho da mãe, na véspera, simplesmente azedara, irremediavelmente. Um colega caridoso lhe ofereceu uma banana, com a casca já preta, a qual comeu com gosto, apesar de tudo. O que fazer, a não ser isso?

Chegaram esbodegados à velha cidade de ruas tortas, ainda longe do destino final, mas já a tempo de dormir. Um Grupo Escolar lhes serviu de abrigo e ali o chão lhes serviu de cama, sem direito a um chuveiro. Na primeira madrugada o planalto já lhes mostrou sua inclemência, quase lhes congelando as partes do corpo que não lhes foi possível cobrir. Mas tudo era novidade e aventura, além de juventude, embora das vantagens desta última ainda não tivessem completa consciência.

Mais adiante, no dia seguinte, em paisagem agora marcada por planuras altas e pedregosas, onde ambulantes na beira da estrada vendiam cristais enormes, havia também filas de carros com os para-brisas quebrados. Alguém lhes informou que isso se dava pelo impacto dos cristais no cascalho fino que cobria o asfalto. E bem junto, vendedores de para-brisas, recém descobridores daquele filão de ganhar dinheiro, coisa rara naquele tempo e naquela região. Nas suas bancas

toscas de comércio ofereciam também biscoitos de polvilho e envelopes de sal de fruta, uma novidade na ocasião, além de frutas encarapinhadas e olorosas, das quais nunca tinham ouvido falar. O garoto delas se lembrou, contudo, como algo egresso de sua infância mais remota, ditas como *araticuns*, ou algo assim, na terra do pai e como *marolo*, por parte da mãe.

A Nova Cidade os recebeu em torno de meio dia, num calor de rachar. A paisagem sempre dominada pelas tais árvores anãs, tortas e cascudas. O vento na carroceria do caminhão mais abrasava do que refrescava. Com os chapéus restantes e o grito escoteiro tradicional *arrê, arrê, arrê*, saudaram os soldados que vinham a pé do Rio de Janeiro. A estátua gigantesca e esquisita que os recebeu em algum ponto da estrada, já no território-alvo, não augurou a eles muito boa coisa.

Acamparam logo abaixo do Palácio que abrigaria os mandatários da República. Em frente um monumento com frase profética, mas apenas repleta de pretensões naquele momento: *deste Planalto Central, desta solidão que em breve se povoará...* A *solidão* era então evidente, pelo menos ao longo da estrada, mas aquela multidão que já ali se fazia presente por certo antecipava o *povoamento* anunciado.

O tal Palácio não passava de um monumento estranho e cheio de pilastras em formato de letras “L” invertidas, colorido pela poeira vermelha, no meio da floresta curva, cinzenta e cascuda, que logo souberam chamar-se *cerrado*. Não havia banho que merecesse este nome, mas para eles isso não fazia muita diferença, mas até trazia alívio, por lhes lembrar das obrigações que lhes eram impostas em casa. Para as necessidades mais imperiosas, o hediondo WC de uma cervejaria instalada num galpão provisório, ao lado do Palácio. Acabaram por descobrir – afinal eram *exploradores* – um cano enorme, que vazava água em alto esguicho. Ao lado dele, meio atolados na lama, lavavam panelas, cuecas e o próprio corpo. No acampamento sem

árvores, a não ser pelo cerrado pouco generoso, já no primeiro dia se viram à beira de uma insolação. À noite, um frio siberiano.

Como se tudo isso não bastasse, se viram assolados por uma legião de carrapatos, propiciando-lhes o intenso afazer de se coçarem, dia e noite. Isso, junto à pele queimada pelo sol, para qualquer um seriam as marcas do inferno. Os sacos de dormir, preenchidos com folhas secas, logo se mostraram como cavalos de Tróia para terríveis formigas. Mas eles, que afinal eram escoteiros, valentes, exploradores, estavam sempre alertas e não temiam os perigos da vida. As margens seguras das saias das mães não lhes estavam próximas agora, mas eles mesmo assim – e com alegria – se sentiam protegidos. Apesar do sol, dos carrapatos, da falta de banhos, das brincadeiras maldosas, das anacrônicas exortações à coragem, à macheza e ao estoicismo, próprias do movimento escoteiro.

Por muita teimosia o garoto voltou a tal paragem – e para morar – muitos anos depois. Naquele abril dos anos sessenta, entretanto, só não correram, ele e seus companheiros, de volta ao regaço materno, porque a querida cidade de origem ficava muito longe do terrível Planalto Central.

Mas ficou a marca de tudo aquilo, muito mais pelo que teve de surpresa e felicidade do que o contrário. *Viagem inventada no feliz*, aquela, como é tão raro acontecer na vida de uma pessoa.

\*\*\*

### **Duas damas**

A mulher vivia sozinha naquele apartamento de dois quartos, em plena zona sul do Rio de Janeiro. De imediato percebi que não seria pessoa propensa a amizades, o que pude confirmar em seguida. Mas acabei chegando até sua casa graças a uma amiga, minha e dela, que se prontificou a me conseguir uma acomodação na cidade, por força de

que eu iria fazer um concurso e precisava passar uns dois ou três dias por lá, sem dinheiro para um hotel.

Estranha personalidade a da hospedeira e creio que ela só me aceitou lá por estreita ligação com a tal amiga, que me avisou sobre seus atos solitários e um tanto bizarros, constantes nela desde o tempo em que se conheceram. Mas me tranquilizou: faz muitos anos que não a vejo, mas alguém me disse que ela melhorou muito. Soube que anteriormente ela havia alugado o quarto a mim destinado a uma estudante, por um tempo. Cheguei lá temendo não ser bem recebido, pelos hábitos que já pressentia nela, mas pelo menos, pensei, alguma experiência com hóspedes ali existia.

Mas me recebeu de maneira formal e cerimoniosa, mostrou o quarto, pediu que eu estipulasse as horas que gostaria de usar o banheiro, o que já achei estranho, mas relevei, por precisar realmente daquela hospedagem um tanto forçada. Eu já havia notado pelo menos três ou quatro trancas na porta da sala, além da porta de serviço totalmente travada por uma barra de ferro, mas o mais estranho mesmo eram as janelas hermeticamente fechadas, inclusive com fita crepe nas frinchas e venezianas. Em todo caso havia ventiladores para aliviar o calor infernal da cidade naquela época do ano.

Como estava cansado da viagem, resolvi me deitar um pouco e achei de bom tom deixar a porta do quarto apenas entreaberta. Foi surpresa para mim perceber que a dona da casa pouco depois a fechou, discretamente, por completo. Meu contato com a criatura estava apenas começando e eu não podia imaginar o que viria depois, embora um certo temor já naquela hora me assaltasse.

À noite, depois de um banho devidamente agendado – eu não queria, nem de longe, confrontar as regras da casa – sentei-me no sofá da sala, onde ela já estava, para assistir o jornal na TV. Havia notícias sobre as habituais escaramuças entre israelenses e árabes. Achei curiosa sua

observação de que “nenhum dos dois presta, mas os judeus são piores”. Como ela tinha traços fisionômicos e corporais que me pareceram meio germânicos, pensei que ali estivesse um comportamento antissemita, o que aumentou meu estado de alerta. Na parede da sala havia uma gravura com letras góticas, talvez escrita em alemão. Não me lembro mais o que dizia, mas aquilo, para mim, levantou mais algumas preocupações.

Terminado o jornal ficamos ali papeando por um tempo e então ela me fez revelações curiosas. Que a casa estava assim lacrada porque ela vinha sendo alvo de incursões maldosas por parte de certas pessoas, naquele momento não identificadas. Já tinham lhe batido à porta em altas horas e até mesmo deixado bilhetes ameaçadores. Segundo ela, rondavam-na nas ruas também e por mais de uma vez teve que se abrigar em lojas e igrejas para despistar seus perseguidores. Certa vez, antes de instalar as medidas intensas de segurança que eu via em todos os cômodos do apartamento, ela dizia terem até mesmo entrado no apartamento e lhe administrado algum gás ou droga entorpecedora, pois tinha acordado com manchas roxas nos braços, como se tivessem tentado lhe pegar as veias. Um dos tais bilhetes tinha escrita em português, de conteúdo meio pornográfico, segundo ela, mas o pior eram anotações em garatujas no verso, que lhe pareceram ser em hebraico.

Na mesma ocasião lhe foi revelado por uma vidente ou cartomante, que ela procurara para obter ajuda, que havia de fato um movimento internacional coordenado por israelenses voltado para obtenção forçada de sangue, para socorrer as vítimas das guerras sucessivas que o estado judeu travava contra seus inimigos. E o sangue dela era de um tipo muito raro e ela acreditava que eles tinham obtido tal informação no laboratório onde ela fazia seus exames de rotina. Aliás, tinha ido até lá para cobrar explicações, saindo com a impressão que lhe ocultavam alguma coisa.

Isso foi agravado quando ela resolveu dar uma passada pela porta do consulado de Israel e percebeu que de lá saíram dois brutamontes que lhe seguiram os passos, até ela ter entrado em um cinema para disfarçar. E a partir daí passou a vê-los repetidamente nas cercanias de seu prédio.

Mais tarde, quando me recolhi ela me pediu licença para entrar no quarto para confirmar se a janela estava fechada de fato e mais do que isso, lacrada, me pedindo que não tentasse desfazer seus cuidados com isso, pois eu não poderia calcular o risco que isso traria a mim e a ela.

*- E por favor não me faça esta cara porque que eu bem sei do que estou falando!*

Eu não saberia dizer porque minha expressão facial lhe chamara a atenção, mas imagino que deve ter sido algo entre a surpresa, o susto e alguma intimidação. Mas a noite de sono transcorreu sem maiores problemas, assim como o frugalíssimo desjejum que ela me ofereceu no dia seguinte, composto por pão seco e uma xicarazinha, daquelas bem pequenas, de café.

Por via das dúvidas, cumpri meus compromissos pelo dia a fora, voltei mais tarde para dormir e no dia seguinte parti para um hotel barato mesmo. Antes que algum agente sionista me retirasse todo o sangue...

...

Esta é apenas a primeira parte de uma história. Dizem que um raio não cai duas vezes no mesmo lugar. Mas no meu caso isso quase aconteceu. Muitos anos depois, quase quatro décadas, uma figura assemelhada a tal dama de Botafogo me surge pela frente.

O caso foi o seguinte: eu morava em uma casa grande, na qual havia um cômodo no fundo do terreno, que eu ocasionalmente cedia a pessoas conhecidas ou em quem, de alguma forma, eu sentisse

confiança bastante. Uma vizinha me perguntou se eu poderia abrigar ali, por algumas semanas, uma conhecida sua que estava à procura de um local definitivo para morar. Como me pareceu ser ela uma pessoa confiável, concordei.

E me veio a tal hóspede: gorducha, rosto redondo como o de uma camponesa europeia, um eterno lenço na cabeça, saia no meio das canelas. Achei que figurava cara de crente e pensei: *menos mal, desde que não me queira converter ou me desejar a Paz do Senhor toda vez que me encontrar*. A cuja foi logo me dizendo que não poderia me pagar aluguel, mas que poderia cozinhar para mim em algum dia na semana, pois era profissional nisso. Aceitei e acho que não fiz mal, porque logo pude perceber que ela entendia bem de tal riscado.

Por uns dias eu apenas a via sair cedo e voltar tarde, mas quando ela marcou uma sexta feira para realizar sua primeira sessão culinária, pude conhecê-la melhor. E a primeira impressão foi até boa, de puro profissionalismo, com aquele uniforme de *chef*, touca apropriada, avental até o pescoço e tudo mais. Quando provei o rosbife e a quiche que ela preparou neste dia, achei mesmo que havia feito uma aquisição importante para a qualidade gastronômica de minha vida.

Nas semanas seguintes ela aos poucos foi narrando alguns trechos de sua vida. Havia morado na Suíça, onde fora cuidadora de idosos, até que pôde desenvolver suas habilidades de cozinheira, com a ajuda da família em cuja casa residia. Com o tempo conseguiu abandonar aquelas tarefas ingratas de “limpar caca de velho”, segundo suas palavras, para poder se dedicar, de fato, às panelas, frigideiras, fornos, batedeiras e congêneres.

Um belo dia ela não saiu de sua toca e não apareceu para trabalhar, apesar de ser dia de expediente em minha cozinha. Mais tarde me ligou dizendo que estava adoecida, com uma urticária que lhe tomava todo o corpo, sem condições de exercer até mesmo tarefas simples e que depois



me explicaria o acontecido. Respondi dizendo que não se preocupasse, pois minha intenção naquele dia era comer na rua mesmo.

Dias depois me procurou muito solene, para me contar a história de sua doença. Aliás, muito mais do que isso.

Tudo começou na Suíça, onde ela, para compensar a “solidão de estrangeira” arranhou um namorado. Forasteiro também, como ela. Russo. Tudo ia muito bem, o moço era trabalhador e passava às vezes temporadas fora, pois dava expediente como motorista em uma empresa internacional, cujo ramo de negócio ela desconhecia, e frequentemente tinha que fazer entregas em países distantes, nos quatro cantos da União Europeia. Esqueci de perguntar em que língua o casal russo-brasileiro se comunicava, mas de toda forma achei a história meio estranha.

Um belo dia o moço partiu e não voltou, passados muitos dias. No lugar dele apareceram uns brutamontes, aparentemente russos também, que lhe fizeram perguntas diversas, com a ajuda de um intérprete. Segundo ela, eram agentes da KGB. Queriam saber onde se escondera o namorado, mas ela, é claro, de nada sabia. Nervosos e grosseiros, causaram na pobre cozinheira um profundo terror. Passaram assediá-la, com visitas frequentes e fora de hora, sempre querendo saber se o amado dera notícias e se informara onde estava. Mas nada havia a relatar, o sujeito tinha, realmente, sumido no mundo.

Poucos dias depois, ao sair de casa para trabalhar, foi dominada e carregada à força para dentro de um carro estacionado nas proximidades. Os autores, mais uma vez, eram os tais supostos russos. Em algum momento ela perdeu os sentidos e só deu por si após alguns dias, abandonada em um banco de praça em Zurique, a alguns quilômetros do lugar onde morava. Com a ajuda da polícia conseguiu retornar à casa.

Aparentemente, no período que andou desaparecida – e que ninguém deu fé disso, pois morava sozinha – não foi molestada, pelo menos fisicamente. Mas notou que havia algo estranho em sua boca, um dente de trás que lhe parecia um tanto saliente e dolorido, dificultando a mastigação. No espelho, confirmou que recebera algum tipo de tratamento, pois tinha ali agora uma coroa de material diferente das outras em sua boca. Ela não ligou tal fato a nada inicialmente, mas depois ficou sabendo, por uma amiga que era também fiel em sua igreja de evangélicos, que estavam “instalando chips” sob a forma de obturações dentárias para monitorar pessoas. E a pobre então se deu conta que agora estava sendo seguida daquela forma inusitada.

Resolveu levar o caso à Polícia, que na Suíça, como se sabe, é das mais eficientes. Mas ao se aproximar da delegacia do bairro se viu sacudida por um choque e um tremor dentro da boca – e alguns minutos depois viu seu corpo todo empolado.

*- O senhor não imagina o horror que foi – se quiser posso até lhe mostrar a foto que fiz da minha barriga e pernas, que mais pareciam um terreno minado!*

É claro que achei aquilo tudo muito estranho, louco mesmo, mas quando vi a foto, na qual aqui figurava realmente como uma urticária brava, não consegui lhe negar algum crédito. Mas é claro que poderia ser alguma alergia também.

Ela ainda permaneceu morando em meu anexo por alguns meses. Discreta e irrepreensível a maior parte do tempo. Mas aos poucos começou a revelar outros acontecimentos de sua vida, por exemplo, de conversas com pessoas já mortas; de prenúncios de acontecimentos nefastos, inclusive de mortes; de suspeitas terríveis em relação a pessoas aparentemente normais, que depois, entretanto, se confirmavam.

Fiquei aliviado quando ela me comunicou que ia voltar para sua terra, no Paraná, para cuidar da mãe idosa, antes que lhe fosse dado *preluciar* ou *suspeitar* algo em minha vida. Preferia, de fato, não ser avisado de coisas assim.

Nunca mais comi quiches tão deliciosas como aquelas que ela havia me preparado, naqueles meses fugazes em que coabitamos no mesmo território e ela frequentou minha cozinha, com seu uniforme de *chef* e tudo mais.

Histórias assim tão extraordinárias, como as dessas damas de Botafogo e de Curitiba que um dia conheci, convenhamos, não estão democraticamente distribuídas na humanidade; é pena. Causam às vezes desconfiança, mas dão sabor à vida!

\*\*\*

### **Menina de tranças**

Ele acordou cedo naquele dia. Melhor dizendo nem dormira direito toda a noite, tal era sua expectativa. Afinal, iria sair para uma viagem com o pai, os dois e mais ninguém, como ainda não acontecera em sua vida. Era uma viagem de ‘negócios’, assim a designava o pai, que até então desempregado, iria tentar uma carreira de representante e vendedor de produtos alimentícios pelo interior do estado.

O garoto estava particularmente feliz, e mesmo surpreso, porque acabara de sair de um período tumultuado de convivência em casa. Uns dias antes, fora separar uma briga de dois irmãos mais novos e acabou sendo ele próprio punido pelo pai, de forma violenta, responsabilizado como agente e não moderador da confusão, sem que fosse defendido pelos contendores. Em outro momento, como trouxera da escola um boletim com notas sofríveis, a própria mãe, que nos casos mais graves recorria ao pai, o reprimou severamente, punindo-o, mais uma vez com a suspensão do Chica-Bom semanal por todo o mês.

Tudo isso era rotina em sua vida, em particular as surras aplicadas pelo pai, por motivos que muitas vezes lhe pareciam fúteis, mas o último mês lhe fora especialmente ingrato. E a última daquelas surras, com um cinturão sempre pendurado atrás de uma porta para tal finalidade, lhe havia deixado uma marca da fivela na coxa, ainda roxa e um tanto dolorosa na véspera da prometida viagem.

Mas aquela manhã era promissora e estava bem começada, com o pai encarregando-o de colocar as malas no carro e ligar o motor, para que esquentasse enquanto tomavam o café da manhã, conforme costume da época. Ao cuidar de tais afazeres, ajeitou no banco traseiro, com especial atenção, o embrulho feito com pano de prato, com algumas guloseimas que a mãe preparara para a viagem. Nada poderia ser melhor do que aquilo.

E seguiram pelas estradas, inicialmente já conhecidas, mas logo em seguida adentrando mais e mais em territórios ignotos. O pai, ordinariamente taciturno lhe parecia, desta vez, especialmente atencioso, embora não desse resposta à totalidade de suas perguntas e observações surgidas durante a viagem. Mas para ele aquilo era, ainda assim, o melhor dos mundos.

Pela hora do almoço já estavam em outra cidade, diferente de todas as outras que ele conhecera, com suas ruas empoeiradas, casario antigo e uma enorme estação de trens. A natureza, para se chegar até ali, era uma vastidão plana, totalmente diversa do ambiente montanhoso ao qual ele estava acostumado, e ali cresciam árvores esquisitas, tortas e cascudas. Aqui e ali pessoas vendiam os frutos típicos daquela paisagem, de uma tonalidade amarela e de um odor penetrante, como ele nunca havia visto ou sentido antes. Aprendeu, logo de saída, o nome de tais coisas novas que aquela viagem, tão augurada, lhe trazia: o mato era *cerrado* e o fruto *pequi*.

A hora do almoço, em restaurante próximo à estação, ainda lhe trouxe mais coisas novas, como a comida fortemente temperada, a carne de bom sabor, mas especialmente salgada, as garrafas de pimenta, imensas e arrolhadas com sabugos de milho. Em uma mesa próxima, um homem retirava desses frascos quantidades enormes de pimentas, colheradas e mais colheradas, que uma vez amassadas com um garfo no prato, ele comia em forma de pasta no pão, demonstrando grande prazer com isso, embora seu rosto se transfigurasse em tons de vermelho ao roxo e o suor lhe corresse pela testa e bochechas como se estivesse debaixo de um chuveiro.

E as surpresas se acumulavam, a cada momento mais interessantes. Agora, era o trem de ferro, que o garoto iria experimentar pela primeira vez na vida. Deixariam o carro naquela cidade para ir até outra mais adiante, na qual se iniciariam, finalmente, os ‘negócios’ que haviam motivado aquela excursão de filho e pai pelos sertões do estado. Era tudo emoção.

O trem lhe provocava especial sensação, mas ele o achou lento, barulhento e, principalmente, muito malcheiroso, dada a proximidade do assento que tomaram em relação ao banheiro, em uma ponta do vagão. Mas ver a paisagem pela janela, depois de algum tempo recompondo sua familiaridade com as montanhas, lhe era prazeroso, de forma especial. Em dado momento, ele pôde ver um grupo de pessoas junto a um pontilhão, em atitude de quem usufruía de um banho de rio. Eram mulheres, estavam em trajes sumários e uma delas, ele mal e mal percebeu, se escondeu de forma apressada atrás de uma moita, por estar, ao que parecia, nua. Ele mais tarde chegou a duvidar se vira de fato os seios ou mesmo a mancha negra do púbis, tão de relance aquilo ocorrera, mas a sensação proibida, por si só, já lhe bastava. Só não viu mais porque, numa curva, a chuva de fagulhas e fuligem com a velha locomotiva a lenha lançava, lhe turvou por completo a visão. Ver uma mulher nua: aquilo era a melhor novidade, em um dia tão cheio delas.

Anos mais tarde ele se lembraria disso ao ler um poeta que tratara algo semelhante como *meu primeiro alumbramento*.

Lamentou que a cidade de destino lhes chegasse antes do esperado, pois mesmo com os percalços do desconforto e dos maus odores, estava apreciando, de verdade aquela inédita jornada em trem de ferro. Mas também a nova cidade, a segunda em um único dia, lhe pareceu curiosa e digna de ser apreciada. Cercada por uma natureza de pedras muito claras e portentosas, com a vista alcançando largos horizontes, mesmo com tudo isso o que mais lhe chamava atenção eram as ruas estreitas, calçadas por enormes placas de pedra e o casario antigo, com paredes brancas, janelas e portas muito coloridas. E uma profusão de igrejas. Ali fazia frio, bem mais do que na parada anterior e o pai lhe explicou que isso era devido à altitude.

Tomaram hotel, num casarão da rua principal e ele ficou feliz pela situação do quarto, que projetava uma graciosa varanda em direção à rua de frente. Saíram para jantar e mais uma vez lhe tocou a feliz sensação de estar agora a fazer certas coisas que eram totalmente raras em sua vida com a família. Lembrou então dos irmãos, não com saudades, mas pensando na inveja deles se soubessem de suas aventuras naquele dia. Não conseguiu aproveitar bem o jantar, porque lhe pareceu ter gosto estranho aquela sopa, no que o pai, em raro gesto de afinidade, concordou com ele. Mas ficou feliz por ter tido o direito de completar a refeição com um refrigerante.

Depois do jantar andaram por momentos pelas ruas centrais, com ele encantado com as fachadas dos casarões, tão diferentes e muito mais bonitos do que os prédios que ele conhecia em sua cidade. Em uma esquina, homens e mulheres se agitavam, mesas na calçada e casais abraçados, com música e luzes abundantes, em torno do que parecia ser uma festa. Ficou curioso com o fato que aquilo acontecia em várias das casas daquela rua, algumas das quais mostrando uma luz vermelha na porta. O que seria aquilo?

Quando ele achou que o passeio noturno estava apenas começando, o pai o surpreendeu com uma mudança de planos, dizendo que seria melhor eles retomarem ao hotel. Eles? Os dois? Qual seria o motivo? Logo viu que a determinação alcançava apenas a ele. O pai apenas o conduziu ao quarto, recomendou-lhe que não trancasse a porta e saiu de novo, deixando-lhe ali um tanto frustrado. Mas, pensando bem, gratificado pelos acontecimentos do dia. Mais do que ele merecia, pensou, modestamente.

Com tantas emoções o sono não lhe tardou. Só deu por si no dia seguinte, já com o sol alto, o pai na cama ao lado. Não percebeu a hora que o mesmo chegou, mas achou estranho que àquela hora, com o sol batendo de chapa no cômodo, ele ainda estivesse na cama, contrariando seu costume. Deve ter chegado bem tarde, pensou.

O dia agora, era para os tais 'negócios'. O pai determinou que ele lhe acompanhasse, não perguntando se ele gostaria de ficar no hotel ou fosse fazer outra coisa, vagar por aquelas ruas que lhe agradavam tanto, por exemplo. Mas aquilo era apenas costume, nada mais, e segundo o que já lhe havia dito o pai, era assim que ele fora criado também. E acrescentava, enfático e com o dedo em riste: e olha que eu tenho o maior respeito pelo seu avô, que foi um excelente pai para mim.

Para que discutir? Vai ver que a lei do mundo sempre foi essa mesmo... Além do mais, nas raras ocasiões que ousava contestar o pai o assunto era encerrado com opressivo silêncio, quando não com gritos e ameaças.

Pela hora do almoço, mais novidades. Sem que ele soubesse o motivo o pai lhe avisou: *-você vai voltar para casa hoje.* Ele esboçou querer saber o porquê. – *Vai voltar e não discuta, rapazinho, eu estou mandando.* E completou: *se quer saber mesmo, vou lhe dizer: como é que você viaja sem trazer um agasalho?* O garoto: *- mas foi a mãe que arrumou a mala...* O pai: *calado! Antes que eu me enfureça de vez...*

Bobagem querer discutir com alguém assim, mais uma vez ele se resignou...

E assim, 24 horas depois das emoções de viajar de trem, de ver aquela moça nuazinha no banho, do contato com uma cidade tão diferente de bonita, e da aprazível caminhada noturna com o pai, viu-se o garoto embarcado num ônibus, de volta à companhia da mãe e dos irmãos. Calado, frustrado, sem saber o porquê real dos novos acontecimentos e o que é pior, depois de ter experimentado, por momentos fugazes, a sensação agradável de que o pai finalmente lhe fazia justiça.

E naquele ônibus velho e moroso, não menos desagradável em termos de ruídos e odores do que o trem da véspera, embarcou, com a mente turvada por pensamentos sombrios e sentindo muita pena de si mesmo. Na primeira parada, quis esvaziar a bexiga e não conseguiu, por ter ao seu lado um brutamontes que fazia questão, bem a seu lado, de balançar seu instrumento vigorosamente e ainda liberar ruídos intestinais com grande estrépito. Tornou a embarcar no calhambeque não menos chateado, mas agora premido por uma bexiga incomodamente cheia.

Poucos quilômetros adiante, aconteceu. O ônibus para bruscamente e depois de alguns segundos de espera o motorista anuncia que havia um defeito grave no radiador e que tinham que aguardar um contato com a empresa, para ver a solução que seria dada. Havia um estabelecimento nas proximidades, coisa de um ou dois quilômetros, e os passageiros poderiam esperar lá.

Logo uma fila se fez, puxada pelo auxiliar do motorista, e os passageiros foram encaminhados a seu destino intermediário, na verdade um misto de lanchonete, armazém, hospedaria e borracharia, algo bem comum nos interiores do país. O atraso da viagem, embora tenha preocupado o garoto logo que anunciado, acabou por deixá-lo relaxado, não só por lhe retardar a volta ao lar, de onde ele preferia estar distante, mas também



por lhe augurar possibilidades, quem sabe, de aventuras que poderia contar aos irmãos posteriormente, tirando de tal coisa não poucas vantagens. Além disso, também por acarretar possíveis preocupações à mãe, que lhe esperava ainda na noite daquele dia. Mas com isso ele, intimamente, regozijava. Assim, a sombra inicial logo se transformou em serenidade e até certa alegria.

Com os trocadinhos que tinha no bolso, dados pelo pai à hora do embarque, viu que pelo menos poderia comer um pastel e tomar um caldo de cana, o que lhe pareceu de bom tamanho, diante das outras possibilidades de diversão ou aventura que a situação parecia abrir para ele. Como a empresa logo conseguiu um local para que os passageiros guardassem seus pertences e ele na verdade só portasse uma pequena sacola, viu-se logo liberado a explorar os arredores do estabelecimento, enquanto ainda havia luz do dia.

Andando por ali viu nos fundos uma casa, que parecia – e depois se confirmou – ser a residência dos proprietários do estabelecimento. Foi recebido de maneira festiva pelos cães e logo passou a brincar com eles, em total compartilhamento de afeição. A criação do terreiro, representada por perus, patos e galinhas, também logo lhe chamou atenção e ele até mesmo julgou ter atraído a atenção especial de algumas dessas últimas, que vieram cacarejar em torno dele, fazendo-o sentir bem recebido e até mesmo festejado. Isso tudo até que percebeu algo realmente novo no cenário, uma aparição que verdadeiramente celestial.

Sim, acabava de chegar uma menina mais ou menos de sua idade, loura, com um jeito de anjo, como aqueles que havia aos pés de uma Nossa Senhora que a mãe guardava no quarto, numa espécie de altar e a quem às vezes orava para que a vida da família melhorasse. Ela sorriu para ele e logo foi lhe perguntando o que fazia ali. A cena da moça no banho lhe voltava agora, mas carregada de outros sentimentos, que

misturavam ternura e encantamento. E melhor ainda, uma presença física e consumada, sem qualquer fuligem ou turvação.

Ele falou do ônibus e ela se mostrou preocupada com o fato de que alguém de sua idade viajasse sozinho. Ele não perdeu a oportunidade de lhe pregar umas mentirinhas, que aquilo era comum para ele, que auxiliava o pai em seus negócios e que agora voltava ao escritório da firma, na capital, para tomar algumas providências. Ela não pareceu acreditar muito naquilo, mas de toda forma se manifestou sobre o quanto achava pouco adequado aquilo, dada a idade dele, que ela logo constatou ser de apenas um ano a mais do que ela. Aproveitou para contar a ele que ainda não havia ido à cidade grande, a capital onde ele morava, o que mais uma vez abriu ao herói a oportunidade de contar algumas vantagens, sobre a altura dos edifícios, as sessões semanais de cinema que ele assistia, a recente compra pela família de um aparelho de TV, as idas habituais dele e dos irmãos a uma determinada sorveteria, onde podiam consumir quantos picolés de Chica-Bom quisessem.

E ela cada vez mais interessada o colocava em um pedestal no qual ele jamais imaginaria estar. Falou da vida dela também, da escola que tinha que andar mais de uma hora para alcançar, da amiga principal que só podia ver em dias de aula, da tristeza que era ser filha única e não ter irmãos, da perda recente da mãe, dos sentimentos do pai recém enviuvado e tendo que cuidar do múltiplo estabelecimento ali ao lado, e mais da chácara onde viviam. De sua própria vida de trabalhos diversos, que incluíam cuidar da casa da família, tratar dos bichos e até mesmo lavar a roupa da família, na verdade restrita a ela e ao pai.

Ele encantado e ao mesmo tempo penalizado com aquilo a escutava, deixando de lado, aos poucos, as lorotas que vinha inventando. Já escurecia e a conversa prosperava, de maneira surpreendente para ele. Ela concentrada na conversa e ele não menos, feliz por ter antecipado que aqueles últimos contratemplos, que incluíam a devolução forçada a

sua casa e o enguiço do calhambeque, viriam para o bem, como agora de fato percebia.

Ela o chamou para conhecer a casa, mostrou-lhe a sala, a cozinha, o quarto do pai e – suprema glória! – o próprio quartinho dela, com sua pequena coleção de bonecas, sua Nossa Senhora, seus dois ou três pares de sapatos, arrumadinhos debaixo da cama coberta por uma manta xadrez. Aquilo tocava fundo a alma do garoto, ele não sabia bem porque, mas exultava de íntimo prazer, por ter encontrado o que ele já considerava uma alma irmã.

Como já anunciavam a chegada de um novo ônibus, ele teve que se despedir. E então veio o prêmio do qual ele jamais se julgaria merecedor: ela se aproximou, tocou-lhe o peito com a mão e lhe pespegou um beijo na bochecha, tímido, fugaz, um pouco seco, mas sempre um beijo.

Ele voltou para casa feliz. A injustiça e a violência do pai, as discórdias com os irmãos, os eternos queixumes da mãe, o ambiente sombrio e infeliz da escola, as dificuldades com a aritmética e sua professora antipática, nada disso era problema para ele. Com aquela despedida que lhe oferecera o anjo de tranças louras, a vida realmente ganhava sentido. E ele, de repente, se via feliz. Como nunca. O resto não importava.

\*\*\*

### **Amor infernal**

Que caso mais esquisito o que eu tive com aquela mulher. Eu chamaria aquilo de um *negro amor*, não como uma expressão racista (porque hoje esta palavra exige cuidado pra ser usada), mas como uma coisa que mesmo durante toda sua presença em minha vida eu só queria que acabasse e que fosse esquecida. Um sentimento que se tem, quem sabe,

pelos mortos desconhecidos e incapazes de outra vez se levantarem. Pedras de um caminho que cumpria serem deixadas para trás.

Amor *blue*, não em algum tom celestial, mas naquela variante musical a traduzir paixão e *páthos*. Na pior fase, malgrado meu, eu a via em toda parte, até mesmo na expressão de algum mendigo na rua e, doideira minha, como se este vestisse a roupa que um dia foi dela. Aquele tapete que ganhei, tão caro e tão raro, eu bem queria que voasse sozinho e a carregasse para bem longe e nunca mais abrigasse nossos corpos no chão da sala.

De há muito eu queria que ela fosse embora da minha janela e da minha vida. Que se mandasse na rapidez que preferisse. Deixei bem claro que eu não era a pessoa que ela queria e da qual realmente precisava. Não, não e não: eu era outro! Ela que procurasse alguém que nunca fosse fraco, mas forte como um leão, para protegê-la e defendê-la. Não era o meu caso.

Estar certa ou errada, não lhe importava em nada. Queria um serviçal que lhe abrisse portas, de maneira quase automática, quando ela passasse. Cansei de dizer para aquela criatura que este não era eu, definitivamente. Insistia: não era eu o sujeito que ela procurava e queria, de fato. Mas de nada adiantava.

Ela infernizou minha vida, esta é a verdade; não me dava folga. Pelas noites, rondava as ruas da cidade a me procurar, nos bares e onde mais lhe desse na telha. Voltava para casa abatida e frustrada, e não perdia a oportunidade de me chantagear com declarações estapafúrdias de amor, dizendo não se importar que eu estivesse com meus amigos, nas rodas de dadinho e bilhar, até mesmo com outras mulheres. Que a única alegria que tinha era trazida por sonhos nos quais eu estivesse presente.

*Desiste, esta busca é inútil* – eu lhe dizia. Mas isso só lhe fazia intensificar aquelas cenas de ciúmes, me ameaçando até mesmo de me matar em alguma esquina da cidade, em cena que viraria manchete de jornal. Mas seria por puro amor, dizia ela. Aquilo era, de fato, o embate de duas insanidades, amor de animais, de cães de rua.

Admito que quela mulher de passado cheio de charme e mistério um dia me seduziu. Ela que se vestia tão bem e era capaz de dar gorjetas miraculosas aos mendigos e aos garçons. Mas logo eu vi a verdade. E passei a repetir o que outros já tinham alertado a ela: *cuidado, boneca! Você com certeza vai cair!* Ela ria, com escárnio, pensando que tudo aquilo era apenas brincadeira. Depois, o que se viu foi a perda do orgulho e até mesmo a necessidade de ter que negociar o jantar e o café da manhã a cada dia de sua vida. Rolando ladeira abaixo como uma pedra solta.

Mas era apenas uma mulher. Apenas? Quem diz uma coisa assim não sabe o poder que tais criaturas possuem. Aquela ali me acolhia igualzinho a uma mulher, digamos, normal; era até capaz de sofrer como uma mulher. Mas diante das verdades da vida se entregava, choramingava e desmoronava feito uma criança, mimada.

E eu não cansava de dizer que estava cheio dela, que se mandasse, que juntasse tudo que pudesse ou quisesse levar, tudo que fosse dela e até meu também. Mas que caísse fora de minha vida.

Tantas fiz que um dia perdi as estribeiras. E fui denunciado por ela na delegacia do bairro. Humilhado, chorei, não procurei esconder, mas todos ali, e mesmo outros vindos de fora ou passantes na rua, assistiram aquilo. Alguns fingiram ter pena de mim, mas não precisava. Eu bem que merecia. Mas o certo é que ali onde eu chorei, qualquer um chorava. Tive que dar a volta por cima – e quero ver quem seria capaz disso. Mas eu me achava um homem de moral, a quem não cabia ficar no chão, derrotado. Ela veio me dar a mão, não aceitei. Reconheci a

minha queda, mas com honra. Levantei por meus próprios meios, não foi fácil. Sequei as lágrimas, sacudi a poeira, me compus no espelho. Dei a volta por cima, jurando que nunca mais.

E assim vi que aquilo eram chamas fatais em meu coração. Não era amor, propriamente, era pirraça, veneno, cachaça. Um amor vindo do meio dos infernos, de meter medo até no padre eterno. Eu já não podia saber o que seria o dia de amanhã para mim. Relembrar o que ficou pra trás, desejar com firmeza que nunca, nunca mesmo, eu padecesse mais. Mas ao mesmo tempo, que diferença faria eu sem ela? Vivi assim dias e noites iguais, numa jornada longa e vazia. Eu queria de todo jeito a paz, nem que fosse aquela trazida pela morte.

E, acreditem, um dia ela me procurou. Queria me devolver um anel que eu tinha dado a ela. Zanguei-me: *melhor você penhorá-lo, querida!* Que ela recorresse a suas fantasias, elas a chamavam, sem chance de qualquer recusa. E disse mais: *quem já não tem nada, não tem nada a perder, torna-se invisível, não tem nem mesmo segredos para esconder.*

Vi que agora, de fato, ela rolava ladeira abaixo, como uma pedra solta na encosta. Qual seria a sensação dela naquele momento? Não sei dizer. Mas imagino, o que significaria para uma pessoa deixar de estar por conta própria na vida e de repente ver seu rumo perdido, sem nenhum caminho para casa. Como uma pedra rolando, é a imagem que sempre volta à minha mente.

Saí andando a esmo pela cidade. Não me importava realmente com mais nada. Enchia a cara dia sim e outro também. Certa vez, em uma praça, roubaram minha carteira. Tinha um punhado de dinheiro, tudo que me restava. E também um retrato meu com ela, em tempos mais felizes. Fiquei sem a carteira e a grana, mas achei de bom tamanho a vantagem que aquilo me trouxe. E me saiu barato, pensando bem! Aquela foto era a algema que ainda me prendia àqueles tempos terríveis

e só agora me dava conta disso. Roubado fui, mas pra sempre libertado depois disso.

Dedico esta história a dois mestres da arte de narrar amores fracassados ou mal arranjados: *Bob Dylan* e *Paulo Vanzolini*.

\*\*\*

### **Feliz e infeliz, misturadamente**

*I'm old, but I am happy*. Escutei aquilo no rádio, certo dia. Não sabia inglês quase nada, mas o bastante para perceber o sentido da frase, afinal formada por menos de meia dúzia de palavras banais. Quem cantava, quem compunha, de onde vinha aquela canção, o restante da letra: era impossível saber, para mim, pelo menos. Mas o que captei era o bastante para gostar da mensagem.

É que ando pensando em coisas assim ultimamente. Eu tenho me dado conta que estou velho– e me sinto cada vez menos capaz, para tudo. Mas, e sobre a felicidade? Algum dia será que eu a conheci de fato?

Nos dias de hoje, eu vivo dias de muita solidão na fazenda. O filho que me acompanhou na lida por muitos anos agora toma conta de tudo e diz querer me poupar de preocupações, mas com isso só me faz suspeitar de que me esconde algo, quando nada, para fazer as coisas lá do jeito dele, que eu acho serem simplesmente malfeitas. Sempre fui assim, exigente.

Do neto que me assiste de perto, adolescente, rebelde com os pais e com os irmãos, mas muito atencioso comigo, não posso me queixar. Me atende sempre que é chamado, até mesmo para coisas tão prosaicas como me trazer a vasilha de urinar. Ou mesmo, cheio de cumplicidade, me providenciar a boa dose diária de boa cachaça, que gosto de tomar adicionada a suco de goiaba ou outras frutas da estação. Porque aqui nesta cama, corpo imobilizado por uma fratura de fêmur, a mim realmente falta disposição para comer qualquer coisa. Acho de verdade que esta mistura de álcool e suco, com bastante açúcar ou melado, já

seria o bastante para me dar o suporte de energia que preciso, ainda mais imobilizado e sem poder nem mesmo dar um giro pelo quintal. Me vejo jogado em tal situação já se vão vários meses – eu até perdi a conta.

Mas sem dúvida, eu já soube o que é dispor da felicidade, já havia sentido isso muitas vezes em minha vida. E mesmo nesse momento, diante da situação em que vivo, penso muito nisso, não ainda como perda irreparável, mas como um estado ou uma pulsação que cada vez menos me sinto em condições de recuperar. Ainda mais beirando os oitenta...

Dei para lembrar com frequência – e até sonho com isso – de meus tempos de juventude na escola agrícola, para onde meu pai me enviou para ver se eu tomava jeito na vida, até os 18 anos dedicada inteiramente a amizades que ele considerava pouco apropriadas. E por causa também de algumas aventuras não muito ortodoxas, pelo menos para o padrão de uma família tradicional como a nossa.

Mas o que meu pai não poderia sequer desconfiar era de que, na verdade, eu viria a conhecer um verdadeiro paraíso naquele novo paradeiro. Amigos aos montes, farras ao alcance das mãos, gente acolhedora, pelo menos em relação a minha pessoa e o que era mais inédito, a descoberta de um antes insuspeitado gosto pela carreira agrícola. E assim ao longo de três anos, farreei, fiz amigos, namorei quem quis e ao final, de forma gloriosa e para a maior satisfação do velho, obtive meu diploma de técnico agrícola – e com louvor. E, ato contínuo, ainda saí dali empregado.

Ali sim, vejo que tive aí um momento realmente feliz em minha vida. Mas certamente houve outros.

O emprego obtido naquela repartição pública supostamente voltada para a pesquisa em agricultura, serviu mesmo foi para me abrir portas para novas oportunidades. Fiquei ali pouco tempo, por não me resignar aos burocratas do serviço público, um tanto desatualizados nas técnicas agrícolas, sempre a me impor regras obtusas. Mas eu não queria me indispor com ninguém, não era de meu feitio. E sempre atento ao que se



passava no exterior daquele mundinho, descobri um anúncio em que uma empresa procurava funcionário para atuação em ramo de atividade que de certa forma me era próximo. Era uma empreiteira de obras públicas, mas se dedicava também à criação de gado de raça. Eu, embora pertencesse ao ramo vegetal, não me intimidei com a natureza do trabalho. Fui para uma entrevista, que se prolongou muito além do que aquelas a que se submeteram os outros candidatos e saí de lá contratado. Mais do que isso, como se fosse eu um amigo de longa data dos entrevistadores. Sem grande esforço, diga-se de passagem.

Na despedida da estação de pesquisa levei comigo, para minha incontestável felicidade, o olhar especial de uma das moças que vivia ali, filha de um dos funcionários com o qual eu tinha boas relações. E se a tal estação não fora capaz de produzir grandes frutos para mim, aquele olhar, sim. Em pouco tempo estava formado um casal, que ao contrário daquele ambiente improdutivo, iria logo reproduzir-se, com fecundidade, ao modo dos matrimônios daquela época e lugar: filhos, filhos, filhos. Oito no total, já nos primeiros dez anos de casamento.

Ali, e na sequência, com certeza me sentira feliz mais uma vez. Como, aliás, ainda não tinha sido, porque agora tinha uma bela mulher a meu lado – é bem verdade que sempre ocupada com o nascimento anual de um novo filhote. Mas eu ganhava bem, morava em boa casa, tinha carro e conforto e cuidava daqueles zebus com verdadeiro gosto, chegando mesmo a pensar que eu nascera para aquilo, não propriamente para cultivar hortaliças.

E feliz mais uma vez me senti, logo cativando a amizade dos donos e de seus amigos, que viram em mim, mais do que um funcionário dedicado, um sujeito portador capacidade em se relacionar, além de entretê-los em conversações que muito apreciavam. Sempre fui assim desde os meus tempos de menino. E ali na empresa isso fazia com que não raramente eu fosse convocado para jantares na sede da fazenda, onde fazia boa figura diante de figurões notáveis da pecuária, da política e das finanças,

que ali acorriam frequentemente. Chegou ao ponto mesmo de o patrão me dizer, certa vez, que gostava de contar sempre comigo à mesa de tais jantares festivos, opinião também de alguns de seus convidados, pois todos me prezavam – e muito.

Não seria pura vaidade minha? Talvez... Mas pensando bem, o que mais uma pessoa poderia querer na vida a não ser o reconhecimento de suas qualidades reais?

Vida seguindo, o patrão decidiu que eu seria mais útil na empreiteira de obras públicas de que também era dono. – *Você tem talento para fazer a peãozada trabalhar*, me dizia, entre gargalhadas. E assim eu pulei dos zebus aos *moto-scrapers* Caterpillar de 15 toneladas. O homem tinha razão: em comum entre uma tarefa e outra tinha a tal da *peãozada*, com os mesmos hábitos de fazer corpo mole, a mesma vontade de levar vantagem. E ali também pude dar meu recado, sendo até bem acolhido pelos ditos peões, apesar de frequentemente tomar medidas severas em relação aos faltosos e relapsos no trabalho. Trabalho de empreiteira de obra pública, como se sabe, tem que ter produtividade, medido que é em metros cúbicos ou algo assim, não tem como enganar o governo. Ou melhor, até se engana bastante, mas tem que ter método...

Alguns anos passei nesta lida. Rodei pelo menos cinco estados do país, fazendo ponte, ferrovia, estrada e barragem. Nem tudo que se começava, prosseguia ou era concluído, pois muitas vezes no meio do caminho a obra era interrompida. Obra de governo, sabem como é... Vi muito equipamento sendo abandonado à ferrugem e ao crescimento do mato. Mas eu não era pago como fiscal, mas sim como operador.

Um dia tudo aquilo foi por água abaixo. A empresa, acumuladora de uma dívida gigantesca, não suportou uma entressafra prolongada de obras, numa mudança de governo. Os credores, que até ontem eram também sócios financistas nas obras públicas, vieram e tomaram tudo. Fui despedido, tive até direito a uma boa indenização, mas ela ficou retida na

massa falida e fiquei esperando uma decisão judicial que caducou sem ter nunca acontecido. Mas nem por isso me considerei infeliz, pelo contrário, sempre achei que era sorte trabalhar com algo que realmente gostava e sabia fazer, apesar do sacrifício que isso representou para minha mulher e para os seis, depois sete e depois oito filhos, que foram nascendo durante tal período.

Mas não fiquei desempregado, salvo por alguns poucos meses. Amigos meus ainda no tempo do curso técnico eram agora responsáveis por grandes projetos agropecuários, construídos à base do que se chamava na época de incentivos fiscais. Uma verdadeira máquina de captar e aplicar dinheiro. E tome empreendimentos de plantar pêssegos, mangas, abacates, nogueiras – o que tivesse cotação em dólar e representasse abertura para a pauta de exportações do país, naquela época de *milagre econômico*.

Um por um, entretanto, aqueles empreendimentos agrícolas de proporções faraônicas foram sendo planejados, plantados, adubados e depois abandonados às formigas e às ervas daninhas. Como me disse um diretor de companhia: *nossa especialidade é a captação de dinheiro, não a venda de óleo de abacate no mercado internacional. Isso é problema do governo*. Faltou dizer do enorme potencial daquilo em alimentar formigas e também uma vasta cadeia de fornecedores e insumos e máquinas, além de políticos de diversas extrações.

Depois veio o café, desta vez com uma empresa familiar, que não dependia dos tais incentivos, mas sim de financiamento bancário normal. Eram outros tempos. Neste novo emprego passei bons anos e pude finalmente ver resultados de meu trabalho se tornarem concretos e reais, sob a forma de mais de dois milhões de pés de café, numa região onde esta planta mal e mal era conhecida nos fundos dos quintais. E aquilo foi tarefa de gigantes, chegamos a ter na fazenda mais de 400 pessoas trabalhando, sendo este povo todo alimentado, transportado e também, na medida do possível, cuidado em sua saúde. Chegamos a contratar e

instalar uma tecnologia israelense de irrigação, coisa nunca vista por ali e, aliás, em todo o país. Eu não podia me considerar infeliz diante de uma empreitada assim, podia?

Cereja no meu bolo foi a homenagem que me fizeram como cidadão honorário no município em que se situava a sede da fazenda. Passei uma semana sendo festejado, fiz um discurso que foi reproduzido no jornal local e mesmo fora dali e até passaram a me chamar de *doutor*, coisa que eu não pedira a ninguém. O Prefeito da cidade, talvez à falta de gente mais disposta ou qualificada, me convidou para ser Secretário de Agricultura, depois estendendo minhas tarefas à Indústria e Comércio, Ação Social e até mesmo na Educação. Eram glórias em terra de cego, certamente, mas levei tudo a sério e, modéstia à parte, penso ter dado minha contribuição àquela gente simples e de bons modos.

Não tinha como ser mais feliz, de fato. Aqueles momentos constituíam um verdadeiro ápice na vida de uma pessoa.

Vendo sair, caminhão após caminhão, carregados de sacos de café lavado, seco e protegido de pragas, aquilo era como o *gran-finale* de uma sinfonia para mim – e nem poderia ser diferente. O filho que me ajudava, vindo adolescente para minha companhia, mais para ser *consertado* de uma vida meio vaga, como eu um dia eu também o fora, agora já homem maduro, assumira todos os grandes encargos da propriedade. Agora meus dias podiam ser consumidos mais à sombra de um escritório, entre planilhas e mapas de programação de irrigação, já não dependendo diretamente de minhas visitas e dos embates com a *peãozada*. Aliás, pensava eu, já não seria hora de finalmente aproveitar a vida? Mas, na verdade, eu não tinha a menor ideia de como poderia fazer tal coisa.

Até que um dia me aconteceu o inesperado. Eu tomava um café à porta da cozinha, antes de sair para o escritório, e um dos meus cães, enorme animal, resultado de cruzamento de um fila com outro cachorro grande, em perseguição a um vira-lata invasor, passou por mim como um furacão

e, na força de seus quase 50 quilos, me derrubou, com força, ao chão. Antes mesmo da dor chegar, eu escutei o ruído de meu fêmur esquerdo se partindo.

Na sequência, dias e semanas de dores horríveis; uma viagem inominável na ambulância municipal; uma cirurgia realizada além do tempo adequado, na capital; o resultado sofrível e previsível disso tudo. E como finalização esta cama, esta imobilidade, estes dias que não têm fim nem começo... E principalmente estes pensamentos, que se traduzem na dúvida se seria eu, nos dias de hoje, uma pessoa ainda feliz, como fui em outros tempos, tendo que compactuar agora velhice e incapacidade física.

Isso não é nada, entretanto. Os momentos de alegria que tive começam a ser eclipsados por enorme sensação de perdas. Perdi em minha vida muito mais do que ganhei, certamente. Os filhos que mais se criaram do que foram criados. A companheira que quase nunca me teve como um verdadeiro marido, presente e solidário. Os dois filhos que perdi para a Inominável, sem que pelo menos eu pudesse estar junto deles nos momentos cruciais do ocorrido, para consolar os demais membros da família. As coisas que fiz – e não foram poucas – apenas para serem destruídas, pelas formigas, pela ganância, pela incúria administrativa de terceiros, pela geada, pela inconstância política e econômica do país.

Da felicidade, concluo, só percebi breves lampejos. Acho mesmo que a chamada *vida real* seria apenas o grande e doloroso intervalo entre tais acontecimentos.

\*\*\*

### **Filosofia e pipocas**

Eu vendo pipoca na rua, em portas de colégio, de preferência. Não nasci fazendo isso, pelo contrário, estudei, cheguei até o curso médio, fiz concurso para banco e nisso trabalhei alguns anos. Depois os donos, trambiqueiros como eles só, deram um tombo no mercado e eu fiquei

desempregado. Eu e mais uns dois mil. Tentei vender bilhetes de loteria, réstias de alho e até mesmo livros, de porta em porta. Aí resolvi trabalhar por conta própria, comprei este carrinho de pipoca quase novo, reformei e me pus no mercado. Assim vou sustentando minha família, mulher e dois filhos pequenos. A patroa faz faxina, a vida é apertada pra nós, mas mesmo assim, vamos levando.

Qual o problema de ser pipoqueiro? Já ouvi dizer que fizeram uma pesquisa, não sei onde, e esta foi uma das profissões que conta com mais simpatia das pessoas, ao lado dos carteiros e dos professores. Bem distante da polícia e dos agentes funerários, do outro lado.

Como trabalho na rua, me considero um privilegiado, pois posso observar o movimento das pessoas, conversar e trocar ideias com quem passa – e assim vou me ilustrando. Gosto também de ler, de preferência romances ou poesia, mas coisas mais técnicas ou eruditas, como Filosofia e Sociologia, não me pegam muito, pois tenho dificuldade com a linguagem e as frases empoladas dos autores. Deve ser por ignorância minha, claro.

Aqui na porta do Colégio Pequeno Príncipe, onde passo todas as tardes, tenho uma vitrine do que é o mundo – eu, pelo menos acho isso. É que mais à frente tem comércio e oficinas mecânicas, aqui é mais residencial, mas na rua de baixo, que parece bem família durante o dia, na verdade funcionam várias boates, onde trabalham garotas de programa. Não bastasse isso, não muito longe daqui tem o que chamam de cracolândia, com um monte de gente drogada, no último furo da degradação, se arrastando pela vida. Fico triste só de ver... Mas isso aqui é, sem dúvida, uma imagem do nosso país, ou talvez do mundo, com todas as suas alegrias, tristezas, misérias, sujeiras e mais o que houver.

Aliás, esta turma do crack me faz dar giros nas ideias. O que os faz assim? Vejo por ali até uns engravatados, mas a maioria é pobre, pobre

de doer, gente que nem pode ter perdido tudo na vida porque, na verdade, nunca teve nada para perder. As pessoas falam: *é o sistema*. Também acho, mas não sei se aquilo a que dão este nome – *sistema* – confere com que eu penso.

Para mim, este tal de *sistema* tem a ver com o que chama de capitalismo, este negócio do lucro de algumas pessoas, que vem da exploração de outros. Também vem da grande diferença entre aquilo que gera lucro para uns, os patrões, e o que é pago aos trabalhadores, que é uma miséria. Não que aqueles caras que estão se drogando lá sejam diretamente explorados por algum patrão sacana, mas no começo de tudo, acho que sempre pode ter acontecido coisa assim. Não posso aceitar esta diferença toda entre uns e outros. Este lance da propriedade privada de uns – e não de outros, da maioria – e também da tal *liberdade*, como o povo rico gosta de dizer, de boca cheia, mas todo mundo sabe que ela não é pra todo mundo. Na base de tudo isso o lucro, que é o que comanda o mundo, de verdade. Pensando bem, neste tal de “sistema” ao trabalhador não cabe outra coisa a não ser obedecer e vender seu *muque* – e assim o *bem-bom* fica somente pra quem tem o *dim-dim*.

Já ouvi gente dizendo, até algum de meus fregueses de pipoca mesmo, que é tudo uma questão de ajustar as coisas para o tal *sistema* funcionar, ajustando os interesses entre aqueles que compram o trabalho e os demais, que vendem seu esforço à custa de muito suor. Ajustar? Acho que não é bem assim. As pessoas pertencem a grupos diferentes no mundo e ao longo dos tempos sempre um grupo dominou outro, através da violência, das guerras, da busca de mão de obra barata, do trabalho mal pago. Uma coisa assim, tipo *trabalha ou morre* – sabem? Isso vale para qualquer quitanda de esquina, mas também para a Shell, a General Motors, o Unibanco e sei lá o que mais. Fico vendo essas crianças aqui do Pequeno Príncipe, todas de classe alta, e percebo nelas e em seus pais uma grande demonstração do que é a luta pela vida, que alguns sempre ganham, enquanto outros sempre perdem.

Nisso, não tem ajuste ou conciliação possível, acho eu. Mas em todo caso tenho certeza que mudanças não vão surgir de alguém como este pipoqueiro aqui, mas certamente de gente mais ilustrada e com capacidade de liderança – mas que no fundo tenha ideias semelhantes às minhas, totalmente distantes dessa tal de conciliação entre gente tão desigual, coisa em que eu realmente não boto fé.

Mas como eu dizia, o pedaço aqui é movimentado. Todas as desgraças – e também as graças – do mundo parecem passar nessas ruas. Se eu fosse um escritor de verdade, ia escrever um livro só com o que vejo por aqui. Com ele acho que estaria contando a verdadeira história da raça humana. Quem sabe um dia chego lá? Outro dia, por exemplo, a polícia resolveu dar uma batida na zona do crack e foi um *barata-voa* dos diabos. Mas os craqueiros – e mais gente que apareceu – logo se juntaram, mais adiante e vieram pelas ruas botando pra quebrar. Não sobrou vitrine inteira. Por pouco perco meu ganha pão. Ai de mim se não guardasse o meu pobre carrinho de pipoca na área interna aqui da escola. Ainda bem, que eles deixam, não fazem questão.

Mas esses craqueiros também me fizeram girar a manivela das ideias... Meu Deus, será de onde eles tiram essa força toda? Cada um por si só, não valem nada, mas quando se juntam como aconteceu na semana passada, o mundo vem abaixo. Essa força parece vir de alguma camada profunda das ideias deles, sei lá – e só aparece de verdade na multidão, na massa. Será que tem coisa aí que é herdada, dos pais, por exemplo? Acho que não... Tem muita gente ali que vem de famílias ordeiras, submissas, lá do último interior do Brasil. Seriam então coisas comuns a todos os seres humanos? Essa força da massa, da gente ajuntada, pega o que cada um tem na cabeça, levando junto ideias as mais estranhas e variadas, adquiridas ao longo da vida. São imagens e registros que cada um e todos têm na mente, mas que de repente se juntam e, desculpem o trocadilho, *pipocam* em alguma ocasião especial, como foi o bota-pra-quebrar dessa gente, coisa de uma semana atrás.



Outro dia estava conversando com um freguês meu, pai da Aninha, aluna aqui da escola, que adora as minhas pipocas. Falei dessas coisas para ele, especialmente desse lance da força das pessoas quando se ajuntam. Ele é legal, ficou meu amigo, apesar de ser um intelectual, professor na Universidade, gente fina. De repente me perguntou se eu já tinha lido uns caras, sei lá, parece que de nome *Marques, Gramis e Jung*. Eu disse que nunca tinha ouvido falar dessa gente e ele duvidou, disse que eu estava fazendo hora com a cara dele. Mas era verdade, jurei. Falei que se tiver tempo vou até correr atrás dessas leituras, mas o professor parece que não quis acreditar em mim. Ainda bem que Aninha faz questão de minhas pipocas e assim o pai mantém o contato e a amizade comigo. Mas não perde oportunidade de me perguntar se eu conheço um tal de *Froid*, ou coisa assim, depois que eu comentei com ele umas tretas dos caras que vão atrás das garotas de programa da rua de baixo. Que coisa, parece que esse cara pensa que ideias são só aquelas que a gente tira dos outros! Comigo não, eu tenho as minhas...

Mas aproveitei para perguntar o que ele afinal de contas via de tão interessante no meu modo pensar. Por que será que ele presta tanta atenção nas coisas que este pipoqueiro aqui diz?

Ele achou graça e começou a me explicar. Disse que algumas pessoas, talvez a maior parte delas, tem uma maneira *idealista* de pensar. Ou seja, como princípio e finalidade de tudo haveria as *ideias*, nada mais. Achei que era o meu caso, mas ele negou: – *Espere que vou lhe explicar direitinho!* Ele me disse que esta era a maneira de pensar de um tal de Platão, e também de seus seguidores, muitos anos antes de Cristo, na antiga Grécia. Para este grupo, disse ele, o mundo seria algo capaz de ser capturado pela inteligência dos homens, e só uma visão assim seria a mais verdadeira e confiável. Mas do outro lado havia um mundo material, percebido mal e mal, e que não passaria de uma ilusão, que na verdade mais confundiria do que esclareceria as pessoas. Me falou também da caverna, como um símbolo da dificuldade os homens se

aproximarem da verdade, pois dali de dentro só poderiam perceber o mundo de forma distorcida.

Nossa! Aquilo mais me confundia do que esclarecia... Mas indaguei dele: *e eu, meus pensamentos, como ficamos nisso?*

Então ele me explicou uma tal de *dialética*, que era a maneira dele pensar – e minha também, segundo ele. Mas que havia mais de uma *dialética*, sendo a nossa chamada de *materialista*. Protestei, disse pra ele que eu era seguidor de Kardek, acreditava na reencarnação, essas coisas, mas ele explicou que isso não tinha nada a ver com o uso de tal palavra, que aqui fazia parte do campo da filosofia, não da religião. Que eu ficasse tranquilo com o meu materialismo, que não seria nenhum pecado.

E avançou sua explicação, com variadas palavras novas para mim, tais como *tese, antítese, síntese, contradição, superação, aparência, essência, lógica* e outras, ditas até mesmo em alemão. Mas isso eu não sei reproduzir por escrito. Me deu alguns exemplos sobre a transformação da água em vapor e depois em chuva, das estações do ano com suas marcas características, falou do jogo da política atual e outras coisas. Disse que um verdadeiro resumo dessas ideias era uma frase de um outro grego antigo, este chamado Heráclito, se não me engano. E que este *gregário* disse um dia algo como *tudo passa, nada permanece*, o que eu achei até meio banal.

Nisso Aninha sai da escola para comer sua pipoca, eu tive uma ideia e indaguei do pai: – *Será que a tal dialética seria assim como esta menina que agora chega aqui não ser mais a mesma que entrou na escola de manhãzinha, porque ela já mudou, aprendeu coisas; a escola já não é a mesma, porque ficou mais velha; a natureza também, porque começou a chover e o vento varreu a calçada? Seria alguma coisa assim que o tal do grego queria dizer?*

O pai de Aninha botou dois olhos *arregaladíssimos* em mim, me deu um abraço forte e me convidou para tomar uma cerveja com ele logo que deixasse a filha em casa. Fiquei pensando no que teria feito de tão certo, aparentemente. Ou de errado... O que significava aquele convite, assim, de supetão? Quem sabe o pai de Aninha queria me corrigir de algumas ideias tortas que eu havia deixado escapar?

Mas se é para aprender mais, não recusarei tal convite. Vou lá.

\*\*\*

### **Segredos de família**

Eu fazia aquela viagem a cada quinze dias. Obrigação que a firma me impunha. Isso foi antes da era da internet, quando tudo dependia da presença física das pessoas. Gosto muito mais das coisas como são hoje, mas naquele tempo era se submeter ou perder o emprego. E eu precisava do salário pingando na conta no final do mês.

No começo ia de carro mesmo. Mas a firma, distribuidora de adubos e venenos do interior de São Paulo, começou a negacear com as notas de gasolina. Assim me restou o ônibus, pela noite a dentro, quinta feira sim, quinta feira não. E eu já ia me acostumando com aquilo. Nada como um homem que precisa de dinheiro para se acostumar com as agruras da vida – e do agronegócio.

O pior é que eu precisava também de um mínimo de sono, pelo menos que durasse a metade daquela viagem de seis horas. No dia seguinte tinha que enfrentar uma carreira de reuniões que não raro entravam pelas noites de sextas e sábados. Minto: nos sábados íamos todos beber cerveja – pelo menos até a hora de pegar o maldito ônibus de novo, para voltar para casa.

Nessas viagens noturnas, o que eu mais queria era sossego – e nem sempre tinha. Por exemplo, quando me surgiam por companhia, nas

poltronas próximas, ou ao meu lado, algum daqueles proseadores incorrigíveis. Foi o que me aconteceu certa vez, e que me deixou marcas. Explico.

Eram duas mulheres nas poltronas logo atrás de mim. Pareciam bem íntimas, mas aparentemente estavam se revendo depois de algum tempo sem terem notícias uma da outra, como logo pude perceber pela conversa das duas. Como o veículo estivesse com lugares vagos facilmente se ajeitaram para botar a conversa em dia – e bem atrás de mim, que tudo que precisava era dar uma boa dormida. Não seria daquela vez, portanto.

Longa era a prosa delas, repleta de futilidades despertadas pelo reencontro. Eu não conseguia me desligar daquilo, elas falavam alto. Mas de repente, um personagem curioso foi adicionado ao papo e havia tintas de tragédia na história dele. Eu só queria dormir, depois de mais de duas horas de imersão nas histórias banais que até então ouvira, mas aí, fui capturado, de vez.

*- Renato? Então você não soube? Faleceu...*

*- Nossa! Como foi isso?*

*- Um acidente, terrível. E o pior é que não foi só ele...*

*- Como assim?*

*- Morreu ele e um garoto, filho de um amigo. Uma fatalidade!*

*- Conta...*

*- Foi na praia. Saíram para caminhar, um grupo de gente que tinha alugado casa por lá. O garoto, de uns sete ou oito anos estava junto. E o passeio incluía uma escalada pelas pedras, para se chegar a uma praia mais afastada.*

- *Os pais do menino estavam junto?*

- *Espera que eu te conto. Renato, na falta dos pais, era o responsável mais próximo, embora, formalmente, não tivesse recebido tal incumbência. Aliás, eles nem eram muito próximos, mas no tal grupo, o único adulto era ele. Isso deve ter ficado, acho eu, mais ou menos implícito.*

- *Pois é.*

- *Em certo momento aconteceu. No trecho mais perigoso o garoto escorregou ribanceira abaixo. E Renato se precipitou atrás dele. O garoto resvalou nas pedras e caiu no mar, lá em baixo. Renato atrás. As pessoas ainda viram o moço dando braçadas infrutíferas por ali, até que ele desapareceu também, no que parecia ser um redemoinho provocado pelas ondas.*

- *E então?*

- *O resto foi triste, você pode imaginar. Os bombeiros só encontraram os corpos no dia seguinte.*

- *Que horror!*

Eu já estava arrepiado com aquilo. Mas felizmente havia chegado um ponto de parada e resolvi descer para ir ao banheiro. Percebi que uma das duas amigas, não sei bem se a ouvinte ou a narradora desceu também. Aproveitei para comer alguma coisa, quase ao lado da vizinha de poltrona e então pude vê-la melhor: uns quarenta anos de idade, relativamente bem vestida, loura oxigenada... Mas para quê estou contado isso, meu Deus! Deve ser a prolixidade que herdei da família de minha mãe. Não tem nada a ver. De toda forma imaginei que agora poderia tentar uma cochilada, nas quase quatro horas que ainda restavam da viagem.

Mal sabia eu que a coisa ainda iria se prolongar...

- *Que coisa horrorosa essa história... E logo o Renato, moço tão bonito, um partidão... Faz quanto tempo aconteceu?*
- *Uns quatro ou cinco anos. Mas você ainda não sabe de tudo, teve mais.*
- *Como? Morreu mais gente?*
- *Não. Não chegou a tanto. Mas houve desdobramentos.*
- *Como assim?*
- *Vou contar. Todos nós, da família, encaramos a perda do Renato como a de um herói, que entregou sua vida para salvar a de outra pessoa, mas apareceram informações novas. Imagina?*
- *Nem consigo imaginar o que possa ter acontecido depois!*
- *Os pais do garoto resolveram levantar mais informações sobre o caso. Natural, né? E foram atrás das testemunhas disponíveis, aquela meia dúzia de pessoas que faziam a tal caminhada fatídica. Conversam daqui, conversam dali, alguém lhes disse que o menino na verdade relutava em ir, mas que Renato o havia estimulado, com o argumento que era preciso ser homem, perder o medo, essas coisas. E assim, nosso herói teve sua estátua dinamitada...*
- *Mas podia ser uma informação falsa, ou mal-intencionada. Sei lá.*
- *Infelizmente era verdade. Houve a confirmação de outros participantes. Ao que parece, num primeiro momento, se fez uma espécie de pacto de silêncio, depois desfeito pelas circunstâncias.*
- *E aí?*
- *Aí mais nada. Nada mesmo. Só dor, tristeza, e uma segunda morte para Renato, que passou de mito a um quase assassino...*

Neste ponto, quem estava totalmente abalado era eu. Não somente por aquela tragédia, capaz de balançar os alicerces de qualquer família normal. Pobre Renato, que talvez não tivesse informação sobre o que viria pela frente e incentivou a macheza daquele garoto com a melhor das intenções. Eu o compreenderia, mas havia em mim outra questão, a me torturar.

É que havia uma história parecida em minha família...

Não era coisa ligada a caminhadas junto ao mar ou escarpas pedregosas, mas sim um afogamento em que morrera uma criança, meu irmão mais novo, sob a guarda de outro mais velho, nosso primo. Os dois estavam em um barco, num açude da fazenda onde morávamos e ali se deu o afogamento de um, com o outro também perdendo a vida na tentativa vã de o salvar. Tudo parecia, ao longo dos anos, apenas uma fatalidade, algo inevitável. Era a história de um pobre menino mártir, que tivera junto a si um jovem malsucedido em seu provável heroísmo.

Mas nossa mãe, minha e também do pobre afogado, alguns anos depois, em seu leito de morte, tentou colocar para fora algo que lhe corroía o peito por dentro. Para uma parente que a acudia, falou de forma confusa e um tanto perturbada pela agonia, sobre o acidente que lhe roubara o filho e o sobrinho. A mulher ouviu a palavra *desobediência*, sem que ela explicitasse se isso afetava os dois protagonistas ou apenas um deles. E mais não disse, ou balbuciou algo que ela não entendeu por completo, dada a fala da outra já embargada pela morte. A família guardou aquilo como um segredo que ninguém ousava perscrutar.

Agora, tanto tempo depois, aquela história ouvida em uma viagem de ônibus parecia trazer uma luz sobre os acontecimentos do açude, que deixaram uma marca de horror em minha família, ainda pulsante décadas depois. Me indaguei: será que a história daquele desconhecido

Renato reproduzia o que de fato teria acontecido com meu irmão, tantos anos antes?

Em outras palavras, surgiria ali também uma dolorosa mutação, de um herói que se transformava em vilão? Com a diferença que no nosso caso não houve inquérito, investigação, nada. Apenas a dor de uma mãe em sua expressão mais pura, feita, ao que parece, de silêncio e de revolta, por muitos anos a fio.

Minha noite de sono, mesmo precário, sobre rodas estava perdida. Agora era encarar as reuniões do dia seguinte. E suportar as brincadeiras dos colegas que viam em mim um dorminhoco contumaz. Mas, afinal, o que sabiam eles dos efeitos daquilo que não era apenas uma noite mal dormida, mas uma fieira de dores e traumas que eu carreguei durante toda uma vida, não apenas por serem minhas, mas de toda a família?

\*\*\*

### **Boi de carro**

Seu José? Não! Sou o Doutor José Adamastor da Fonseca. Médico! Sim, chefe deste Centro de Saúde. O que desejam de mim. Como? Entrevista para escola? Voltem outra hora, estou muito ocupado neste momento.

Agora é assim, toda hora vem um pirralho me entrevistar. Será que esses professores do Grupo Escolar não têm outra coisa para pensar? Um dia, talvez, quando tiver mais tempo, explicarei tudo direitinho para eles, que até merecem isso, mas por enquanto, não me amolem.

Aliás, fico pensando... Quarenta anos de medicina aqui nesta cidade. De fato, já vi muita coisa. A grande diferença dos meus tempos antigos é que não havia ninguém querendo saber detalhes das coisas que um médico faz ou deixa de fazer. Agora, toda hora vem um especular. Para não falar daqueles pacientes que já chegam aqui sabendo de tudo,



porque consultam sei lá o quê na tal da internet, e já vêm com diagnóstico e até receita pronta. Como se aqui estivessem só para confirmar o que acabaram de descobrir. Quando não para contestar minhas receitas e diagnósticos. Mas aí eu ponho para correr. Não admito!

Quando eu cheguei, tantos anos atrás, era tudo muito diferente. Mas muito diferente mesmo! Eu queria ter ficado na capital, tinha convites de professores meus para trabalhar com eles em hospitais de lá. Mas a herança de meu pai, aquela fazendinha que acabei vendendo porque só me dava prejuízo, acabou me arrastando para cá. Hoje já me conformei, com isso de morar no interior, pelo menos, porque o jeito moderno de fazer medicina, definitivamente não aprovo, não está em mim.

Naquele tempo, um médico era respeitado de verdade. Mesmo quando a gente errava, o povo reconhecia que, pelo menos, ele tinha se esforçado. Achavam que era sempre melhor ter um médico um pouco atrapalhado do que não ter nenhum. Mas pensando bem, sempre fiz o que pude pelos meus pacientes. Com a falta de recursos que era isso aqui, acho que eu até fazia milagres, ou quase. E não foram poucos.

Aquelas mulheres que vinham da roça arreventadas pelas parteiras, por exemplo. Cruzes! Quantas noites passei em claro esperando um parto se realizar com a força da natureza. Lá de vez em quando nascia um já morto, mortinho, mas não era culpa minha. E muitos que nasciam bem voltavam uma semana depois estropiados, com tétano, gastroenterite, o diabo.

Para mim o grande mal do Brasil é a ignorância do seu povo. Fico desesperado quando essa gente da imprensa fica falando mal dos médicos, que nós isso e aquilo. É pura política deles! Comigo não, o buraco é mais embaixo. Essa combinação de política e gente ignorante não pode dar boa coisa mesmo. De política eu fujo, apoio sempre algum candidato para prefeito, vereador ou deputado, arranjo até uns votinhos

para ele, mas definitivamente não me meto na política grossa. E não é por falta de convite, pelo contrário. Se fosse me envolver com essa gente estaria liquidado. Ou seria no mínimo deputado. Mas fujo disso.

Com os colegas, infelizmente, não posso ser lisonjeiro. Fiquei sozinho aqui na cidade por muitos anos e com sinceridade acho que era melhor assim. O que já apareceram aqui de pessoas estranhas ou suspeitas, melhor nem dizer. Acho que alguns deles nem diploma tinham de verdade. Mas teve alguns de outra variedade, os que já nasceram sabendo de tudo e querem sempre botar regras nas coisas que a gente faz, quando não me criticavam diretamente junto aos pacientes. Safados também, estes. Vão enfrentar a barra que eu enfrento aqui, dia após dia, ano após ano, para verem o que é bom.

Mas os piores mesmo são os que eu chamo de *comunistas*. Tem um agora atendendo aqui no posto que é desta raça. Ficam horas e horas proseando com os pacientes, fazem reuniões com eles e já fiquei sabendo até que perguntam para alguns que tipo de remédio preferem, se pomada ou comprimido, caro ou barato, injeção ou oral; vê se pode... E no final só sabem receitar caminhadas ou banhos de assento. Deus me livre, acho que não fazem a mínima ideia do que seja a autonomia do médico. É por isso que a nossa classe anda tão desmoralizada. E este sujeito aí, o tal do comunista, veio falar comigo que é preciso compreender e respeitar a cultura dessa gente, sem ficar querendo mudar isso. Ora me poupe... Para mim é um verdadeiro exagero chamar isso de “cultura”. O remédio para quem está errado é correção mesmo, não ficar tentando “compreender” alguma coisa neles. Não é à toa que aparecem estes tipos de clientes que já chegam sabendo de tudo e querem discutir – veja só – com o médico, como se eu fosse igual a eles. Eu passei por uma Faculdade, me respeitem!

Este comuna ainda me apronta mais. Agora deu de trazer para o consultório um desses computadores de mão, aqueles que parecem uma televisão pequena. E ficam com aquilo na mesa, datilografando

coisas enquanto conversam com os clientes e segundo ouvi dizer, até mostrando para eles figuras e outras informações médicas. Cruzes, onde vamos parar? Eu sou do tempo em que os aparelhos médicos eram estetoscópio, aparelho de pressão, termômetro, essas coisas, não essas novidades que tenho minhas dúvidas se ajudam os pacientes em alguma coisa.

E o tal sujeito ainda veio me falar que estão lançando uma bela novidade, que permite que o médico e o paciente se encontrem para uma consulta sem estarem presentes um na frente do outro. E o dito cujo achando isso a maior maravilha. Não acredito que isso funcione, definitivamente. Comigo é olho no olho. E nem precisa de muita conversa. Em quinze minutos eu mato qualquer charada clínica. Nada como a experiência, que essa gente nova não tem e nem sabe o que significa.

Há poucos dias, por exemplo, o tal doutorzinho movido a computador estava encrocado com um paciente febril cheio de manchas pelo corpo. Isso eu sei porque me contou a Sebastiana, que trabalha comigo desde que cheguei aqui e parece que nunca vai se aposentar. Eu só de ver, de longe, já daria o diagnóstico: lepra. Fácil para mim que conheço a família toda, aliás, conheço todo mundo por aqui. Eu nem mandei avisar para ele, achei que era boa oportunidade para uma lição. Ficou um mês naquele rame-rame, naquela pedição de exames para chegar naquilo mesmo que eu já havia diagnosticado. Espero que tenha aprendido a lição que conheço desde sempre: soberana é a clínica, nada de computadores e reuniões desnecessárias, que fazem os clientes se sentirem *os tais*, aquelas considerações culturais e vai por aí a fora. Sejamos objetivos, ora essa. Medicina é difícil mesmo, mas não é bicho de sete cabeças.

Neste festival de novidades que virou minha vida, agora apareceu mais uma. A Secretaria mandou um dos tais computadores aqui para o Posto e determinou que toda a documentação que a gente manda para lá, no

final de cada mês, tem que ser d-i-g-i-t-a-d-a, que é como eles falam. Sebastiana já falou que não contem com ela. Comigo muito menos. E tem mais: a programação dos remédios que distribuimos aqui, tem que passar por igual processo. Os prontuários dos pacientes, também. E que no futuro vamos ter que conversar com os clientes usando o tal aparelhinho infame que o comunista tanto aprecia. Se for assim, peço minha aposentadoria. E Sebastiana já me disse que pedirá a dela também. Quero ver como vão se arrumar.

Com tudo isso, sinceramente, começo a me sentir que nem meu primo Aristeu, que era representante comercial, um dos tais viajantes, ganhou um bom dinheiro rodando interior com sua perua, visitando o comércio até que um dia descobriu que não precisavam mais dele, porque havia telefone internet, computadores, redes e não sei mais o quê para fazer o que ele fez durante toda a vida. Seu ganha-pão foi extinto e ele agora anda por aí que nem alma penada, sem ocupação, sem destino, sem qualquer alegria de viver.

Sem querer ser dramático, isso me lembra também a história dos dois bois de carro, Melado e Meloso, que sobraram na fazendola de meu pai. Ficaram sem função, quase que esquecidos num pastinho por muito tempo, até que um morreu picado de cobra e outro, quase só pele e osso, foi vendido para um açougueiro, por um preço que mal pagou o frete da entrega.

Vejo que este Doutor José Adamastor aqui, com sua sabedoria, seus anos de faculdade, sua fiel Sebastiana, sua perspicácia clínica, vai ter que dar um jeito em sua vida. Periga acabar apenas como um cacheiro viajante sem clientela, um esquecido boi de carro ou um abestalhado zé... ninguém. Isso se eu não morrer antes.

\*\*\*

## Ti'totó

Teotônio de Albuquerque e Possas. Um personagem de minha infância. Para todos em minha casa simplesmente Ti'totó, pois que era, de fato, tio de meu pai, irmão do meu avó Teófilo. Sujeito popular, sem dúvida, não só na família, mas também na vizinhança. Mas desde cedo comecei a desconfiar que talvez não fosse ele aquela maravilha de pessoa que todos acreditavam ver nele.

Lembro-me, por exemplo, de certas brincadeiras sem graça que ele nos aprontava quando crianças, de nos dar pequenas pancadas na cabeça, acompanhadas da pergunta: - *eu te coquei?* Só para nos ver responder com a forma cacófona *cocou*. E ele assim se deliciava. Mas convenhamos, teria sua graça na primeira ou na segunda vez que aquilo nos fosse impingido, mas lá pela décima ou décima quinta, quem é que ainda se divertiria com aquilo? E o pior era a força das pancadas, aumentada a cada vez que viesse aquela pergunta idiota. No final, para nós, a solução era sair de perto de tal *cocador*, o que não resolvia por inteiro a situação, pois ele costumava nos perseguir por onde andássemos.

Teotônio era de poucos afazeres e responsabilidades, pelo menos no tempo que ele conviveu conosco, em regime de parede e meia. Ele era o dono da casa, dividida em duas moradias independentes, alugando uma delas para meu pai. Ao que parece, tinha ganhado algum dinheiro no comércio, negociando com cereais e porcos. Imagino que daí tenha surgido o real espírito que nos atormentava, através daqueles coques terríveis. Mas a lembrança marcante que guardo dele é de sua figura vestida de pijama às vezes por todo o dia, até mesmo para sair à porta de casa e mesmo ir além, para um dedo de prosa no armazém da rua de baixo, por exemplo. Com efeito, era um absenteísta completo em matéria de trabalho. Consta que tinha ganhado algum dinheiro com seus negócios suínos, mas logo depois que formou um pé de meia resolveu se aposentar, para usufruir daquele pijama, do ócio total e

absoluto, de conversas fiadas aqui e ali e também daquelas brincadeiras abestalhadas com as crianças da família.

Ele tinha uma multidão de filhos, meus primos, ao todo dez, de todas as idades, desde adultos, alguns já casados, até os mais novos, quase da minha idade. Formávamos ali naquele canto de bairro um núcleo familiar até harmônico, não totalmente separado por aquela parede-e-meia, ao contrário, entrávamos e saíamos entre uma casa e outra, pela calçada ou pelo vão aberto no quintal, por onde os moradores dos dois lados, além de nossas galinhas e as deles, que comungavam ali milho e pasto. Sem maiores contratempos, diga-se de passagem. Salvo pela presença constante do patriarca em seu pijama e suas habituais e detestáveis pancadinhas em nossos crâneos. Aquilo era de amargar...

Porque não era apenas por aqueles piparotes que detestávamos aquele parente, havia mais coisas no cenário. Entre os próprios filhos, aliás, ele não era unanimidade. Os mais velhos rendiam-lhe homenagens respeitadas, enquanto os mais novos pareciam demonstrar certo espírito crítico, aliado a um grande temor, ao imitarem seu modo de caminhar, sempre a roçar a mão pelas paredes ou a assobiar algo desconexo entre língua e dentes.

Minha mãe o detestava, acusando-o de insensibilidade face aos problemas dela, como aconteceu quando fomos morar ali e ele proibiu meu pai de construir uma cobertura sobre o tanque onde ela se via obrigada a enfrentar chuva e sol para lavar a roupa da família. E ela sempre recorria a uma história antiga, quando a filha mais velha de Ti'totó foi obrigada por este a se casar com um sujeito que já havia mostrado suas garras de pessoa violenta e de maus bofes. O homem que ele escolhera para a pobre filha, sem apelação, vinha de vago conhecimento em seu mundo de barganhas agrícolas, transformando a vida da coitada em um calvário que durou muitos anos.

De minha parte, não posso negar, além das pancadas na cuca, outra lembrança desagradável que tenho dele foram algumas vezes em que ele era encarregado de levar meu irmão e eu às aulas, no grupo escolar e no jardim de infância. O local não era próximo de casa e havia várias travessias de ruas movimentadas a fazer. Mesmo naqueles tempos de pouco trânsito já havia perigo naquilo. Mas ele simplesmente navegava impávido pelas calçadas, com seu pijama, sua mão corrediça pelas paredes e seu assobio, sem se dignar sequer a verificar se o estávamos acompanhando, seja de perto ou de longe. Na beira de alguma via mais perigosa ele simplesmente estendia o braço para o lado, com a mão aberta, num sinal que nos cabia interpretar como *pare*. Nada de palavras, ele não conversava com crianças, ao que parece. Eu, já com meus nove ou dez anos não me sentia tão desconfortável, mas sem dúvida me via como responsável pela segurança do irmão caçula, que tinha quase três anos a menos. Escapamos vivos daquilo, mas sinceramente carreguei pelos anos seguintes um certo trauma de tal descuido. Minha mãe se solidarizava com a gente, mas meu pai, admirador confesso do tio, desprezava nossos cuidados: – *é o jeito dele, não reclamem, está nos ajudando levando vocês para a escola; e nem é obrigado a tanto.*

Aliás, meu pai tinha o mesmo tipo de reação face a algumas atitudes esquisitas do pai dele e irmão de Ti'totó, o avô Teófilo, que castigava os filhos por qualquer incidente desprezível e que meu pai justificava – *é uma maneira de educar, todos precisam ser educados.* Acho que ele só não usava tal método com seus próprios filhos porque felizmente tínhamos uma mãe relativamente vigilante quanto a isso, além de mais bondosa.

Teve também a cena do barco. Foi assim: fomos visitar um parente que morava em um sítio, onde havia um pequeno açude. Dentro dele, um barco pequeno e tosco, daqueles de madeira, estreitos, com o fundo meio cheio de água. Eu e meu irmão, movidos pela curiosidade natural da infância, logo entramos ali, nos divertindo com o balanço que o tal

barquinho fazia, por estar apenas com uma ponta do casco em terra firme. De repente, com pavor, nos vimos em pleno estado de navegação, com o barco já avançando por alguns metros açude a dentro. E nós não sabíamos nadar. Logo nos demos conta do acontecido: lá no solo firme, Ti'totó, diante do nosso susto nos brindava com largas risadas. Ele simplesmente empurrara o barco com os pés e agora se divertia com o nosso pavor. Para tal sujeito aquilo parecia ser bem melhor do que uma boa dúzia de coques bem aplicados no crânio de alguém. Desta vez fomos salvos por meu pai, que assistia a cena de longe e resolveu intervir. Mas nem assim recriminou o tio pelo absurdo que ele acabava de perpetrar.

Mas ainda havia coisa pior do que tudo isso. Ti'totó era uma das pessoas mais preconceituosas que passaram pela nossa vida, mesmo naquele mundo em que reações de incorreção ética e política eram frequentes, por parte de grande parte das pessoas. Do primo que havia perdido um filho por assassinato ele chegou a dizer que a tristeza dele não se devia a isso, mas sim ao fato de ter uma das suas filhas se engravidado na mesma época, sem ser casada e sem se conhecer o pai da criança. Em relação a outro parente, viu nele, sem maiores evidências, uma depressão profunda, por ter uma filha namorando “um preto”, que na verdade, viu-se depois, era apenas um rapaz moreno, mas sem dúvida ainda branco – além de ser um sujeito bom sob qualquer critério.

Aqui e ali era possível perceber outros traços de seu modo de vida. Era uma pessoa sovina, minha mãe sempre notara este aspecto nele, lembrando que em situações em que cabia dividir despesas, por exemplo, em restaurantes, por ocasião de almoços de família, sua mão penetrava nos profundos bolsos das calças – sempre de linho – e de lá não saía, a não ser quando a conta já estivesse paga. Isso se não estivesse em pijamas, claro.



A movimentação de pessoas fugidias e tentado se dissimular em sua porta, ao longo dos seus anos de aposentado precoce, já denunciava um outro aspecto de sua vida, a agiotagem. O sujeito mal encarado, com que frequência andava ao lado dele, viu-se depois, era uma espécie de capanga, encarregado dos contatos mais penosos com credores renitentes.

E assim aquele homem ia levando sua vida, visto por muitas pessoas em seu entorno, meu pai na primeira linha, como real “homem de bem”, embora conhecê-lo de perto, como uma parte da família e mesmo eu e outras pessoas próximas o faziam, não confirmasse tal impressão.

Viveu muitos anos, acumulou valores e propriedades, impôs a todos uma imagem de homem correto, só um pouco excêntrico. Mas um dia morreu, já na casa dos oitenta anos de idade. Enterro concorrido, não só pelas dimensões de nossa família, com um tanto de primos em graus variados presentes. Mas também porque o sujeito, surpreendentemente, podia exhibir uma vistosa rede de pessoas que talvez o admirassem. Haveria também o cortejo dos explorados pela agiotagem do Ti'totó, mas estes, naturalmente, não compareceriam ao funeral.

Não é que uma espécie de mestre cerimônias que apareceu no velório, um parente remoto dos Albuquerque e Possas, depois de narrar uma breve biografia do falecido, resolveu convidar algum dos presentes a prestar uma homenagem a ele? Só faltava essa... Mas felizmente não apareceram interessados. Em algumas ocasiões, pelo menos, a vida parece mostrar alguma espécie de lógica.

Mas que Teotônio de Albuquerque e Possas possa descansar em paz. A humanidade, sua legião de devedores, além de diversos crâneos infantis, muito agradeceriam.

\*\*\*

### **Senhorinha da Sanfona**

Eu gostava de andar pelas ruas do bairro, não raro me afastando por até por alguns quilômetros de meu canto de rua. Aposentado e sentindo o corpo meio travado, fazia isso principalmente para desenferrujar as juntas e dar força aos músculos, mas gostava também de fazer algo que tinha aprendido com meu avô, um caminhador contumaz, que sempre dizia que seus périplos lhe permitiam uma atividade muito desejada e valorizada: *apreciar as novidades*.

E as novidades, no meu caso, iam desde as novas construções, cada vez mais raras já havia tempo, eis que já eram poucos os lotes vagos disponíveis naquele bairro um tanto antigo, passando pelo surgimento de novos comércios e chegando, principalmente nas mudanças que a natureza apresentava, com suas floradas, frutificações, além de um ou outro ninho de passarinho ou casa de João de Barro. Preciso dizer que em um dos lados do meu caminho habitual havia uma pequena área de mata, relativamente bem preservada

Em uma dessas ocasiões vi uma cena inusitada. Em um pequeno prédio de apartamentos havia como uma festa. Alguém tocava sanfona e havia pessoas reunidas em torno, em ambiente de animada confraternização, aparentemente em família, com crianças dançando em roda. Assim de passagem não percebi outros detalhes do acontecimento. Mas em uma segunda passada, alguns dias depois, também em um sábado à tarde, pude assistir à mesma cena, mas agora podendo ver a sanfoneira de forma mais nítida. Era uma senhora idosa de uns setenta anos ou mais, magra, cabecinha branca, vestimenta modesta de chita, instalada em uma cadeira de rodas. E mais: faltava-lhe uma perna.

Senti-me tomado de ternura por aquilo, pois visivelmente era uma cena de conagraçamento e afeto, com pessoas que não só usufruíam de um momento musical, como concediam à artista carinhos calorosos, se

revezando ao seu redor em tal atitude. E a sanfoneira de fato parecia feliz.

Já nesta ocasião eu me via, forçado pela aposentadoria, a procurar afazeres, já tendo encontrado aquelas caminhadas como parte bastante prazerosa, sem dúvida, de tal tarefa. Mas eu queria mais, por exemplo, começar a escrever sobre o que eu chamava de *fatos da vida*, sem saber identificar, com precisão, se isso se daria sob a forma de conto, crônica, romance ou poesia. Sabia que talvez fosse pretencioso de minha parte, mas carregava uma observação que os professores do ginásio já me haviam feito, há tantos anos e que não raro eram reforçadas por amigos, familiares e colegas de trabalho: *você tem jeito para escrever*.

E ali estava um fato da vida altamente significativo. Aliás, se aquilo não fosse tal coisa, o que mais o seria?

Ao longo da vida eu, volta e meia, fazia alguma tentativa de registrar coisas por escrito, mas acabava desistindo pela força de um sentimento contrário ao anterior, que me fazia acreditar era preciso não *confundir literatura com desabafo*, conforme também ouvi de um antigo professor no colégio. Aquilo, confesso, me fazia desanimar.

Mas o caso da velhinha me fez criar coragem e quem sabe registrar a emoção que aquela cena me trazia, fosse no papel, ou na tela do computador. Mas eu precisava de mais informações sobre o acontecido naquelas tardes de sábado. Por umas tantas vezes passei pelo endereço que me chamara tanto a atenção, inclusive em finais de semana, mas não tive a sorte de assistir novamente as cenas que me foram tão inspiradoras. Até que um dia resolvi parar e perguntar a um homem que fazia a limpeza do prédio se ele dispunha de alguma informação sobre aquilo que me movia na ocasião: quem era aquela mulher, qual era a sua história, se eu conseguiria conversar com ela.

Ele pareceu compreender e sintonizar com a minha afeição pelo caso e me revelou, um tanto entristecido, que Dona Senhorinha – era o nome

da sanfoneira – tinha falecido e que a filha, com que ela morava tinha se mudado dali, fazia pelo menos dois meses. Não, ele não sabia o endereço para onde ela fora e nem conhecia ninguém que pudesse informar. Só acrescentou: *elas são da Bahia*.

Meu primeiro pensamento foi de desistir de registrar tal *fato da vida*, por insuficiência de informações, confesso. Alguma coisa eu sabia da personagem, que era da Bahia e que tinha um nome curioso, mas era muito pouco.

Assim me recolhi a outras elocubrações, chegando a me interessar por captar a história de um mendigo que morava dentro de um carro abandonado, também dentro de meu trajeto habitual, mas que abordado por mim só me deu informações confusas, que acabaram desandando em agressividade. Mas eu queria saber mesmo era da história daquela Senhorinha da sanfona.

Um dia me vi diante de uma pista: eu passava por uma loja de móveis usados no bairro e julguei ver lá dentro a cadeira de rodas. Era um tipo comum, mas um enfeite nas rodas, feito com fitas coloridas me pareceu estar presente também na cadeira que eu tinha visto apenas uma vez, tendo assentada nela a sanfoneira. O dono ou gerente da loja me disse que aquilo estava ali há algumas semanas, sem aparecer comprador, mas nada sabia sobre a pessoa que lhe vendera a peça. Se eu me interessasse pelo objeto faria um desconto de mais de cinquenta por cento. Não era o caso, claro.

De repente me dei conta que com as informações que eu tinha talvez já houvesse um início de história. Uma baiana, de nome Senhorinha, sanfoneira... Sua pele morena, de mulata clara mesmo, seu modo singelo de vestir, sua cadeira de rodas meio detonada, o prédio de apartamentos simplórios em que ela morava certamente traduziriam uma pessoa modesta de posses. A procedência baiana reforçava tal impressão, porque ali na cidade havia muitas pessoas que chegavam de

um vasto interior, em busca de melhores condições de vida e de trabalho. E mais, sua provável origem seria rural.

Senhorinha, nome de uma santa muito venerada em Portugal, cuja devoção certamente deve ter chegado ao Brasil através de imigrantes lusos, seria condizente com a forte tradição católica de todo o interior do país.

Havia uma filha. Portanto deveria ser ou ter sido casada e quem sabe, ter tido e criado outros filhos. Quem sabe, muitos deles, conforme o estatuto vigente nos sertões do país. Se é que não havia perdido outros tantos.

Pobre, cheia de filhos e roceira... Deve ter sido empregada em fazenda, quem sabe boia-fria em plantações de soja, café ou milho. Trabalhou, certamente, de sol a sol, por anos a fio, em condições as mais difíceis possíveis. Direitos trabalhistas ou de cidadã, quase nenhum.

Uma perna amputada... Seria um acidente de trabalho, vítima de máquinas que além de roubarem o trabalho das pessoas as aleijavam ou matavam? Perfeitamente cabível. Mas havia também a possibilidade de que fosse uma doença de vasos sanguíneos, uma diabetes, por exemplo, da qual não pôde se tratar por absoluta ausência de recursos de saúde onde ela morava, da mesma forma que na educação ou na assistência social. Portanto, tinha tudo para ser, além de pobre e desvalida, analfabeta.

Mas era sanfoneira. Pode ter sido uma daquelas crianças que nascem com um dom para música e que de tanto procurar acabam achando um instrumento musical em que podem se exercitar. Seria o mais provável, dado que uma menina ou moça pobre, roceira e analfabeta, como ela, dificilmente poderia ter frequentado uma escola de música. Quem teria colocado aquele instrumento ao seu alcance? Pai, padrasto, avô, padrinho? Uma galeria masculina como essa certamente também lhe traria riscos, não apenas benefícios, como o de uma sanfona. É

impossível deixar de pensar em violações e assédios de diversas naturezas, afinal de contas tão comuns, mesmo em famílias abonadas. Imagine-se entre os mais pobres e indefesos.

E assim uma história se compôs em minha cabeça, a seguinte.

*Assim pobre, analfabeta, trabalhadora na enxada, mas dotada de talento musical, Senhorinha foi levando sua vida. Com menos de 15 anos já tinha rapazes da fazenda onde morava cobiçando sua cintura jeitosa, seus modos de mulher. E a cada sábado de quermesse, casamento ou comemorações de santo, a sanfoneirinha era chamada a se exhibir e essas paixões só aumentavam. Por causa disso, teve gente que rolou na poeira do chão e puxou faca para alguém que até agora mesmo era amigo. Até que um Izé, levou a melhor. Não ao ponto de marcar casamento para quando seu Vigário viesse para a bênção anual, mas do jeito atabalhado que se usava ali, com o sexo descuidado e sem maior culpa, praticado às claras sobre o capim dos pastos, ou oculto nas capoeiras de mato, mas logo sucedido pela parada das regras. E mais, em seguida, pelo aparecimento um buchudinho, mais um, num lugar onde eles eram legião. Ninguém se espantava, era coisa natural; depois de uma certa idade, pessoas e criações pareciam mesmo fadadas a tal destino. Depois, era ocupar uma das casas que o fazendeiro mantinha para os empregados ditos “casados” e prestarem ambos, eles agora marido e mulher, as tarefas na enxada e na foice que deles se exigia, enquanto vivessem, como sempre fora e deveria continuar a ser. E os buchudinhos machos e fêmeas iam surgindo, ano sim, outro também. Só não se podia garantir é que todos conseguissem superar a barreira do primeiro ano de vida. E no final, o marido se engraçou com outra, mudou de ares e ela ficou sozinha com meia dúzia de seres a choramingar na barra de sua saia. A duras penas, a todos criou, o mais das vezes sem leite farto, mas com o cuidado que lhe era possível oferecer. Todos na enxada, desde quando conseguissem sustentar o peso da*

*ferramenta. Um dia tropeçou no que lhe pareceu ser um toco no chão, mas era a lâmina de um enxadão velho, meio enterrado. Em sete dias estava mal, com a perna inflamada de maneira pernicioso, sem remédio por ali. Quando foi levada, tardiamente, ao médico da vila, a solução já era amputar. E voltou para casa para cuidar dos filhos, uma parte deles já crescidos – menos mal – apoiada agora em muletas de guatambu. O pau que lhe dera sustento como cabo de enxada era o mesmo que agora lhe dava apoio para andar a si e a suas coisas. Mas afinal, quem precisa de perna, ainda mais pela metade, para tocar sanfona? E foi o que ela fez por muitos anos, conseguindo juntar aos trocados que os filhos mais taludinhos ganhavam na enxada as gorjetas que o gerente, o padre ou algum empregado mais generoso lhe dava, quando tocava nas festas da fazenda. A filha mais velha se destacou na escola e foi levada pela professora para morar com ela na cidade. Na verdade, como empregada da mestra. Mas essa tinha tino e foi em frente: concluiu os estudos possíveis por ali e foi para lugar maior ainda, fez concurso para professora, arranjou marido formal e legal, teve seus filhos e logo que pôde levou a mãe, já velha e muito alquebrada, para morar com ela na cidade. Ali deu a Senhorinha talvez as maiores alegrias de sua vida, bem alimentada a tempo e a hora, dormindo em cama macia, tendo banheiro e água limpa dentro de casa, roupas limpas para vestir. E ainda podendo mostrar sua arte de sanfoneira àquelas pessoas tão finas e distintas, vizinhos naquela pilha de casas onde a filha morava. Nada mal. Senhorinha de fato estava bem feliz agora, como, aliás, nunca experimentara antes e nem imaginara conseguir.*

Mas isso é apenas uma história inventada. A vida real, certamente, não deve ter sido tão benfazeja à pobre sanfoneira.

\*\*\*

## **Viagens de um garoto**

O garoto sai em viagem, para visitar tios e primos no interior. Os primeiros, gentis e acolhedores, os outros muito mais novos do que ele, sempre a lhe crivar de perguntas e a acompanhar, xeretas, tudo que fazia. Tudo ali era uma questão de cumprir deveres familiares, nada mais.

Mas do outro lado da rua morava algo diferente, que às vezes dava ao garoto a impressão de que estariam escondidas ali certas coisas, que lhe traziam, embora de forma bem secreta e inconfessável, uma lembrança de fruto proibido. Na casa em frente moravam as primas dos primos, três moças um pouco mais velhas do que ele, dois a três anos no total, eis que duas delas eram gêmeas. E aquelas, logo que lhe foram apresentadas se desmancharam em sorrisos nos quais ele via, ao mesmo tempo, acolhida e brincadeiras maldosas.

Mas para quem estudava em colégio masculino, não tinha vizinhas ou amigas de sua idade e mesmo entre os primos, ele, o mais velho de todos, não tinha companhias femininas de idade igual, com quem pudesse se dar, aquilo era uma espécie de prêmio, que ao mesmo tempo lhe atraía e amedrontava.

Mas naquele momento a atração nadava de braçadas à frente do medo.

Nas tardes vadias das férias escolares, nas quais o frescor das varandas das casas das famílias eram territórios de longas tertúlias juvenis, ele se viu rodeado de mulheres, com as quais queria, ardente, se congarçar. Elas lhe retribuíam os chistes e as observações mais sérias, mas quase sempre caíam em risadas intermináveis, que ele acabava por não perceber se de acolhida ou escárnio. Mas aquele mundo o encantava, pelo choque de sentidos frente às gírias e expressões locais, mas também pelo sentimento de intimidade com o sexo oposto, o qual agora podia desfrutar de forma inédita em sua vida.



Pôde conhecer então o fascínio das noites no interior, com os passeios rotatórios na praça, a troca de olhares, a apresentação a cada dia de novos conhecidos. *Meu primo, que mora na capital* – era o estatuto que lhe conferiam agora, mais uma vez o deixando confuso a respeito do verdadeiro significado da frase, dado que aquelas moças o viam com certo ar de estranheza, se não de ridículo. E ele nem era primo de verdade...

Mas mesmo assim tudo ali lhe corria no melhor dos mundos, mesmo os segredinhos constantemente trocados pelas moças, sempre acompanhados de risadas sem explicação. Às vezes ela percebia que falavam dele; outras tantas de terceiros, em falas das quais ele pôde captar algumas palavras, tipo *ela deu pra ele; atrás daquele muro, só Deus sabe; Sim! No banheiro da escola*. Aquilo o enchia de curiosidade e excitação, nem precisava perguntar de que se tratava exatamente, isso se lia nos olhos delas, com um ar de maldade de concupiscência. Aquilo lhe fascinava e lhe bastava.

Momento especial foi o das horas dançantes dos domingos no final da tarde, que ali na cidadezinha eram chamadas de *brincadeiras*. O comparecimento à primeira delas lhe foi altamente significativo, já que não foi propriamente convidado, mas sim *empurrado*, de última hora, a ir até lá. Mas isso, longe de lhe provocar desgaste, acabou por deixá-lo orgulhoso, interpretando a impulsividade do convite das garotas a um desejo real de que ele lá estivesse com elas. E no salão do clube as coisas lhe saíram bem melhor do que qualquer encomenda que pudesse ter feito. Simplesmente bailou, ou melhor, rodou, de mão em mão, compartilhando passos não só com as primas dos primos, mas também com suas amigas e amigas de amigas. Até ficar tonto! E mais alterado ainda se viu, com a oportunidade de colar sua cara em tantos rostos diferentes, impregnar-se com perfumes variados, encontrar coxas calorosas e, principalmente, em ouvir palavras – nem todas devidamente compreendidas por ele – pronunciadas a mínimos

centímetros de seus ouvidos. E com vozes femininas! Era o céu que lhe ofereciam ali!

Aquilo lhe encheu de vontade, principalmente a de encontrar ali um colóquio especial. Quem sabe uma daquelas garotas, próximas ou adventícias, não toparia levar com ele um namoro, mesmo que fosse com prazo de duração marcado? Ele até sabia com quem poderia tentar, uma das gêmeas, que lhe parecia dar atenção mais especial do que as irmãs ou as demais companheiras. É bem verdade que ela era dois anos mais velha, mas pelo menos tinha estatura menor, o que lhe parecia ser um ponto de vantagem para si.

Tendo tomado a decisão, pôs-se a pensar na estratégia mais adequada, embora qualquer experiência anterior no assunto lhe faltasse inteiramente. Achou que seria adequado lhe escrever um bilhete, se declarando – e assim o fez: *you não sabe quem eu sou de verdade, mas quero lhe dizer que eu lhe observo muito e acho que tem tudo a ver comigo, acho que posso lhe fazer bem feliz.* O mais eram cumprimentos e banalidades, totalmente supérfluas.

Mas não criou coragem para entregar pessoalmente o bilhete a sua musa. Deixou-o na caixa de correio daquela casa da frente, onde viviam as sílfides e particularmente aquela de seus sonhos. Depois que o envelope foi tragado pela tampa móvel do recipiente, lembrou-se que havia esquecido de colocar o nome da destinatária. Aliás, nem o seu nome estava ali, já que sua decisão era de fazer um contato anônimo.

Poucos dias depois as férias terminaram e ele voltou para a Capital. Nos últimos dias, as sílfides da casa em frente foram passar os dias finais de folga escolar na fazenda da família. E ele não obteve resultado algum de sua tentativa de querer fazer alguém bem feliz.

Sentiu-se bastante infeliz na ocasião, mas tudo aquilo durou apenas uma semana.

...

De outra vez, o garoto saiu de sua cidade, tão recolhida a si mesma e às suas montanhas, e foi fazer sua primeira viagem para um lugar mais longe. Ele ainda não sabia, mas depois disso seus horizontes nunca mais seriam os mesmos.

São Paulo era o destino e alguma coisa acontecia ali, de fato, para ele – e não era só andar pela esquina da Ipiranga com a São João. A canção ainda não tinha sido escrita ou, pelo menos, não era conhecida. Um Cometa, não interestelar, mas movido a diesel, pego em sua cidade, com o detalhe importante de fazer isso sozinho pela primeira vez na vida, nas regulamentares nove horas o levou a Pauliceia. Na velha estação rodoviária da cidade, lugar onde hoje ninguém, muito menos um menor, poderia andar sem estar prevenido contra “fel, moléstia ou crime”, desceu do Cometa e entrou no ônibus para buscar a periferia da cidade, onde moravam os tios que o abrigariam. Chegou de noite, depois de algum temor de se perder, mas foi muito bem recebido, impado de orgulho pela autonomia recém conquistada.

O tio era um sujeito especial, mesmo com a idade que tinha o garoto, já o tratava com honras de adulto – era tudo o que ele queria. Com poucos dias na casa deles, já familiarizado com o ambiente um tanto tosco do remoto bairro da Zona Leste, resolveu ampliar seus limites. Como o casal já tinha três filhos, uma escadinha, todos pequenos com as previsíveis querelas infantis e as demandas ao primo que veio de longe. O garoto, naturalmente, queria respirar uma atmosfera mais descomprometida e assim, depois de estudar com profundidade um mapa do centro da cidade, um dia ele tomou o trem e partiu da periferia para a Estação D. Pedro. A pé, alcançou o Anhagabaú e foi ainda mais além.

Começou pelo reconhecimento do terreno. Da Estação, explorou o grande parque e rumou ao Vale, registrando cuidadosamente o trajeto daquelas ruas estreitas que acabaram por conduzi-lo a Santa Ifigênia e ao Viaduto

do Chá. Atravessou o soterrado riacho para conhecer o Teatro Municipal, o Largo do Arouche e a famosa esquina depois cantada por Caetano. Seguiu São João, subiu Consolação e São Luiz, virou a Paulista. Achou que valia a pena voltar e o fez também em outros dias, mudando seu objeto, da geografia urbana paulistana para a exploração dos cinemas paulistanos, enormes e numerosos.

Um dia descobriu estar em uma zona de prostituição. O temor frente aos possíveis riscos do lugar logo foi substituído por fatal curiosidade. E por ali perambulou por algumas horas, recebendo os olhares de reprovação ou de sedução, dependendo do caso, daquelas mulheres que nem em seus sonhos mais atrevidos poderia encontrar. Coroou sua tarde com refrigerante e pastel, numa espelunca de esquina, na qual um homem matava sua solidão ou quem sabe sua dor de cotovelo, escutando, numa máquina de se colocar fichas e tocar discos, o bolerão *El Reloj*, vezes e vezes sem conta.

Nos duas seguintes, juntou parques trocados e assistiu a uma maratona de filmes. Aquilo era encher a alma de cultura e informação. Um dos filmes que assistiu então, um *western*, de repente lhe provocou a fúria de ser do contra, pois era elogiadíssimo como comédia e como transposição do ambiente western para a África. John Wayne em um de seus papéis magistrais. Ao voltar à Província, dias depois, expôs sua crítica a um amigo cinéfilo. O céu, simplesmente, ruiu sobre sua cabeça, pois para o tal projeto de Godard, *Hatari*, o tal filme, era obra prima. Para garoto, apenas porcaria. Não houve acordo possível, por pouco se rompeu uma forte amizade.

Mas ele voltou à Província mais culto e mais sabido, com certeza.

...

Um ano depois, já com 17 anos (impressionante como um ano faz diferença nessa época da vida) o garoto foi agora conhecer o Rio de Janeiro. Obrigação de provinciano que se prezasse, claro. O Rio, de

primeira vez, ninguém esquece! Achou a cidade pouco convidativa em matéria de odores e temperatura, mas o resto lhe encantou profundamente, embora em estado permanente de estranhamento. Ficou hospedado no apartamento dos tios, na Zona Sul. Ali ele foi apresentado a mordomias diversas, com especial destaque para a coleção de long-plays clássicos que o tio possuía e que foram logo colocados à disposição dele. De quebra, ainda tinha o proprietário dos discos, na volta para casa, como interlocutor qualificado a comentar consigo as obras que escutara antes dele chegar. Como todo bom iniciante, amarrou-se em Vivaldi, não só nas Quatro Estações, mas também nos *Concerti Grossi*, que ele logo trauteava com gosto e ardor de um velho conhecido.

Ele já não estava tão ligado em cinema como no ano anterior. É bem verdade que agora tinha certa variedade de filmes à sua disposição – e sem sair de casa! Televisão? Não – algo muito melhor! É que os tios moravam em uma rua estreita do bairro das Laranjeiras e apartamento deles, em andar elevado, se situava numa muralha de edifícios que por sua vez ficava de frente (e de costas) para outras muralhas. Se alguém chegasse a uma janela qualquer, tinha visão imediata de algumas centenas de outras janelas, a partir de todos os ângulos do imóvel. E o tio, militar reformado da FAB, era proprietário de um extraordinário binóculo. Assim...

Resumo da ópera, ou melhor, do filme: o garoto, que nunca havia visto sequer uma dama de roupa íntima ao vivo, tinha agora à disposição dezenas delas, a qualquer hora do dia, algumas sem qualquer vestimenta, em total intimidade...

Se o Rio foi tão significativo para aquele garoto, agora quase um rapaz, já nessa primeira visita, as cenas paradisíacas que ele assistiu a partir daquela *Janela Indiscreta*, o marcaram mais ainda. Pela vida a fora.

O tempo não volta atrás, por certo. Mas as boas lembranças ninguém rouba de alguém. Isso tinha sido o bastante para ele, que encontrou

novos caminhos no amor e na cultura. Mas para isso, essas viagens para fora de casa tiveram papel essencial. De nunca mais se esquecer.

\*\*\*

### **Crer para ver**

Jonas Barcelos dos Santos, meu colega de ginásio. Durante anos fomos grandes amigos, até que o perdi de vista por um tempo. Entre as suas bizarrices estava a crença em objetos voadores misteriosos.

- *Não acredito em discos voadores...*
- *Pois eu acredito!*
- *Nunca vi nenhum...*
- *Não me diga que você quer ver um deles sem acreditar...*
- *Primeiro crer, depois ver?*
- *É isso mesmo!*
- *Acho que isso não me pega...*
- *De nada adianta esta discussão boba, é um caso simples de resolver. Você quer ver ou não quer? Eu lhe mostrarei, mesmo que não acredite neles.*
- *Como?*
- *Sei de um lugar onde eles aparecem regularmente, seja para crentes ou incrédulos. É uma fazenda em Goiás, não muito longe daqui. Três ou quatro horas de viagem.*
- *Só pode ter alguma trapaça nisso.*
- *Quer ou não quer ir? É pegar ou largar.*

- *Topo, vamos agendar, num final de semana de preferência, pois tenho que trabalhar, não sou como você que gasta seu tempo na caça de objetos voadores.*

- *Olha só quem fala...*

- *Mas quero deixar bem claro, eu vou com você, mas não por alguma curiosidade sideral ou extraterrestre, mas apenas, digamos, sociológica ou psicológica... Mais do que a sanha de observar objetos voadores misteriosos eu prefiro observar a alma humana. Melhor dizendo, da fatal capacidade de autoengano de que a nossa espécie parece ser constituída.*

- *Então não vá, ora....*

- *Já decidi, vou mesmo...*

\*\*\*

E lá fomos, no carro de meu pai, retirado clandestinamente da garagem de casa. Ele na ocasião estava fora e nunca ficou sabendo de tal empréstimo.

- *Já estamos aqui neste morro há pelo menos três horas, neste frio danado – e nada!*

- *Calma, rapaz...*

- *Vou acabar pegando uma pneumonia. Ainda mais com esta ventania.*

- *Acho que você deveria ter ficado em casa mesmo. Debaixo de bons cobertores.*

- *Não sei por que não fiquei... Mas de onde você tirou essa mania?*

- Lembra daquele nosso colega de ginásio, o Agenor? Pois é, foi ele que me fez gostar desse esporte...

- Isso agora virou esporte?

- Sim, por que não? Podemos até traçar um placar, tipo quem vê primeiro...

- Deste Agenor me lembro vagamente. O que tem ele?

- Ele era um dos que via...

- E você um dos que acreditava nele, com certeza...

- Pode debochar, mas era um cara sério. Me mostrou evidências. Por exemplo, um pedaço de mineral, uma pedrinha polida, que foi deixada numa dessas aparições. O pai era químico e analisou o material. Concluiu que era um mineral raríssimo, residente lá no cantinho da tabela periódica. À noite brilhava, em tons diferentes de azul ou verde – e isso eu vi com meus próprios olhos.

- E onde anda este Agenor?

- Não sabe? Ele simplesmente desapareceu um dia. Consta que foi abduzido...

- Eita, você daria um bom escritor de Science Fiction.

- ...

- ...

- Viu? Agora!

- Do que você fala?

- As luzes, no horizonte...



- *Aquilo lá pode ser tanta coisa... Faróis de carros numa estrada, por exemplo.*

- *Andando em zig-zag? Você simplifica demais...*

- *Sei lá, pode ser um trator arando a terra...*

- *Tá bom, em plena noite!*

- *Perfeitamente possível, nas zonas agrícolas é assim em época do plantio como agora, mês de outubro, eles trabalham dia e noite.*

- *E aquela segunda luz, avermelhada e que muda de cor, se aproximando e se afastando... Tem cara de trator também?*

- *Onde?*

- *Não tá vendo?*

- *Não vejo nada. Aliás, isso aqui tá chato pra cachorro. Por mim iria embora. Já deu...*

...

Como disse, eu tinha sido, por muitos anos amigo próximo deste sujeito que eu apelidara de Jonas, o *Baleeiro*, ligando-o à história bíblica.

Entretanto, logo depois dessa mal sucedida aventura que resultou na noite fria daquele fim de mundo em Goiás, mudei de cidade e por muito tempo não tive notícias do sujeito que via – e acreditava – em objetos voadores misteriosos. Aliás, passei alguns anos sem saber dele.

Mas um dia, década e meia depois desses acontecimentos, abri o jornal da cidade e lá estava ele, na primeira página, de terno, gravata e posse circunspecta. Dedicava-se agora à parapsicologia – ou algo parecido – e nos próximos dias iria fazer uma palestra em um auditório da cidade. E

assim resolvi revê-lo, não sem algum desgosto, aliás, pois o evento era pago – e caro. Mas paguei e fui.

O tema era relativo mais exatamente a *vidas passadas*, seja lá o que isso significasse. Na entrada tive que preencher um formulário de identificação, com perguntas que eu deveria marcar respostas com um “x”, particularmente que eu atribuísse nota de zero a cinco a respeito de minha crença em coisas como reencarnação, hipnose, vidas passadas, mensagens de espíritos, vida extraterrestre, objetos voadores, telepatia, psicografia, inteligência vegetal, além de diversos outros mistérios. Total miscelânea. E mais: indagava-se sobre a concordância em participar, mediante sorteio, de uma sessão pública, ali mesmo naquele auditório, de “regressão a vidas passadas”.

Como não havia nenhuma obrigação de jurar a verdade, resolvi dar nota máxima a tudo, inclusive me dispondo a participar da tal experiência regressiva.

Com o salão cheio, num calor exorbitante, revi finalmente meu velho amigo, de terno e gravata, já meio calvo e mais gordo, agora dotado de uma presença física e uma verve que mal lembravam o sujeito tímido e meio caipira que eu conhecera anos antes.

Começou a sessão em uma escuridão total, com apenas uma débil luz azul em um canto do palco. Em voz cavernosa ele pediu que os presentes *canalizassem suas energias*, para maior profundidade do que viria em seguida. Fiz o que pude, embora tivesse dúvidas sobre como realizar, de fato, tal direcionamento energético.

Terminada esta parte, que durou bem uns quinze minutos, ele avisou que iria chamar os felizes sorteados ao palco. Quase caí pra trás quando o meu nome foi citado entre os tais. Estremeci quando percebi que éramos apenas cinco os contemplados. E ele começou justamente por mim!

Não demonstrou me reconhecer, felizmente. Tocou-me a fronte e pediu que eu me concentrasse nas memórias mais antigas que eu conseguisse levantar. Que eu mantivesse de olhos fechados e *mentalizasse* (o que seria isso, meu Deus?) uma luz azul. Bem que me esforcei, mas não me vinha nada significativo à mente, a não ser banalidades como alguma briga na rua, castigos que minha mãe me impôs, a catapora que me causou feridas que demoraram a cicatrizar, a primeira garota que beijei, comidas gostosas da infância, filmes que me marcaram – coisas desse tipo.

De repente, não sei bem por quê, me lembrei de uma cena não muito antiga, na verdade de uns cinco anos antes, de uma visita que fiz a uma igreja no interior, nem me lembro onde mais, na qual havia uma torre acessível por uma escada longa e precária, com o compartimento dos sinos totalmente tomado por ninhos de pombos e grossa camada de sujeira, formada por penas, borrachos mortos e muita titica. Como eu não conseguia me concentrar em mais nada e ele me pressionava a me manifestar sobre as impressões que surgiam, revelei a ele tal imagem.

Jonas se então se iluminou, fazendo uma profunda elocubração sobre o que isso significaria. Fez um longo discurso, na maneira empostada e solene que era sua característica agora, falando de coisas como hipnose, vida intrauterina, *Eu-espírito*, regressão, *reexperienciação*, reencarnação, citando uma enorme fileira de autores, que iam de Buda a uma ignota Dona Sinhá, e muito mais. Fiquei atordoado. Segundo ele, meu caso mostrava evidências de uma existência passada na Itália, pelo menos cinco séculos antes, sendo eu então noviço em algum mosteiro, em plena época de pestes e perseguições religiosas, frente às quais aquela torre me servia de refúgio. E como eu tivesse revelado, também, o medo que me causou aquela escada precária e balouçante, adicionou o comentário de que na verdade eu deveria estar sendo procurado pelo crime de apostasia e que provavelmente tinha convivido com ninguém menos do que Galileo Galilei.

Que viagem! Isso me fez sentir um personagem importante da História humana e eu poderia até ter sido facilmente enganado, não fosse o meu tradicional ceticismo, além do fato real e concreto de ter conhecido o *Baleeiro* não em alguma vida passada, mas na presente mesmo, com especial destaque para aquela observação de discos voadores em um morro de Goiás.

Sinceramente, eu que não acreditava em coisas assim, saí de lá mais incrêu ainda. Ainda mais em tal ambiente de obscuridade, histrionismo, luz azul e pantomima. Em certo momento, em clima de *gran-finale* Jonas revelou ao público que meu caso era o de um convertido em estado puro, que abandonara suas crenças materialistas para finalmente encontrar o real sentido da vida. Pude ver, então que ele na verdade me reconhecera. Não seria mero detalhe o fato de que, alguns minutos antes de tal espetáculo, fui procurado por uma mocinha, membro da retaguarda do demiurgo, para confirmar comigo se eu realmente estaria disposto a subir ao palco caso fosse sorteado. Concluí que Jonas tivera acesso à minha ficha de inscrição, na qual, apesar das respostas falsas, eu me identificara de forma verídica.

Saí dali achando que o verdadeiro sentido na vida era de outra natureza, consistindo no cuidado em não ser atropelado pelas ilusões, pelas fantasias e pelo autoengano.

Tempos depois vejo Jonas de novo na primeira página dos jornais, agora recolhido pela Justiça como organizador de uma daquelas correntes financeiras que prometem o mundo e muito mais e acabam deixando centenas de pessoas espoliadas de seu dinheirinho. Aquela baleia tinha, realmente, um dono. E este com uma boca enorme, como nunca se viu, engolindo tudo o que estivesse a seu alcance.

\*\*\*

## **Sete vezes Seth**

Seth, Job, Isac: três irmãos. Era evidente a referência nominativa da família em monossílabos de origem hebraica – ou egípcia – sei lá. Mas o jeitão do pai definitivamente não expunha pistas sobre a origem de tais designativos. Ele era Melquisedeque, polissilábico e também bíblico (ou seria nilótico?), apesar de sua grossa casca de antigo carregador de caixotes de frutas no Mercado Municipal, depois enriquecido através deste mesmo comércio, com seu curto vocabulário, no qual pululavam palavras cabeludas,

Mas o que interessa agora é o primogênito, Seth. Pertencíamos a um mesmo grupo de esquina na minha cidade. De forma mais próxima a mim entretanto, os dois mais novos, Job e Isac. Seth era três anos mais velho do que os demais e já frequentava esquinas de outras ruas, em outros setores da cidade, em companhia de caras mais velhos e mais escolados do que nós. Mas ele não nos ignorava ou desprezava de todo, ao contrário, nos aparecia volta e meia trazendo alguma novidade musical, geralmente algum novo hit de *rock and roll*, ao qual éramos logo apresentados através de sua vitrola de 45 rpm, ou então um livreto pornográfico de Carlos Zéfiro, quando não nos presenteando com uma cartela de cigarros mentolados, uma novidade na ocasião. As dádivas que nos trazia logo o transformaram em nosso ídolo. A turma, à falta de melhor entendimento do significado de seu nome o considerava apenas como *Sete*, julgando apropriada a associação de sua pessoa com certos desígnios cabalistas de tal número.

Seth gostava de nos brindar, também com histórias das rodas que frequentava. Ali, caras mais velhos do que nós, muitas mulheres inclusive, participavam de festas de arromba, onde, segundo ele “havia de tudo”, embora fizesse cara de mistério sobre isso, insinuando vez por outra que “ficavam todos pelados”. Ali se bebia também de forma avantajada e corriqueira, não aquelas beberagens ingênuas de Martini doce, com cerejas ou azeitonas a boiar, que junto ao uísque com

guaraná era o que nós conhecíamos de nossas simplórias festas de família, que Seth, aliás, ridicularizava. Não! Ali se bebia coisas tão variadas como *Gin*, *Scotch*, *Campari*, soda, que nós ignorávamos o que fossem de fato, em pileques homéricos, geralmente arrematados com *prises* de lança perfume. Deste último ato também nos escapava o significado, mas imaginávamos algo que certamente sabia a pecado ou coisa pior.

Ele nos falava, também, dos passeios e disputas de velocidade e audácia que se produziam no bojo das Lambrettas que alguns possuíam. Um júri formado por alguns dos rapazes (com acesso vedado a mulheres) decidia o vencedor de cada rodada da contenda. Quando por acaso havia empate, a decisão era feita na pancada mesmo entre os contendores, inclusive com utilização de armas – a nosso ver, terríveis – como navalhas e cabos de aço. Mas ele nos tranquilizava dizendo que tal arsenal era manuseado com cuidado, servindo apenas para dar mais emoção à disputa. *Tanto que ninguém havia morrido daquilo* – nos assegurava.

Seth se esmerava em suas narrativas, trazendo a cada momento casos momentosos, se não um tanto escatológicos. Seu aparecimento em nossa esquina ia ficando cada vez mais raro, mas quando os irmãos anunciavam que ele poderia estar ali em determinado dia, a notícia se espalhava célere pelos quarteirões vizinhos e na mesma noite não raramente estavam reunidos na beira da calçada uma boa dúzia de adolescentes ávidos, a esperar por aquela tertúlia de casos escabrosos. Quando o narrador de fato aparecia, claro.

E havia vertentes diferenciadas em suas narrativas. Por exemplo, as de festas do cabide, com gente nua às dezenas, espalhados por salas e quartos de uma mansão no bairro dos ricos. Ou de *pegas* em Lambrettas, não raramente terminados em pancadaria, individual ou coletiva. Marcante espetacularização ele dava às invasões de festas, com preferência para os bailes de debutantes, se gabando que em uma

ocasião foi necessária a presença de quatro radiopatrulhas para dispersar os invasores. E que ninguém saiu dali preso, eis que uma das lideranças da invasão era filho de Desembargador. A gente babava de espanto e até de certa inveja daquilo, desejando que rapidamente chegasse a nossa vez de praticar, ou pelo menos presenciar, de perto, tais barbaridades, coisa que achávamos iria nos assegurar um estatuto de verdadeira maturidade e coragem.

Mas o dia de Seth chegou mais depressa do que ele certamente esperava, fazendo-o esbarrar na página policial dos jornais. E a notícia era simples, direta e estarrecedora: numa dessas invasões de festa de debutantes, o pai da moça saiu no braço com os invasores e acabou sendo esfaqueado, vindo a falecer de maneira quase imediata. E a acusação recaía sobre Seth, com o agravante de não se ter outro suspeito e mesmo com a confirmação disso por parte de alguns dos participantes do pandemônio. E as manchetes dos jornais vinham vazadas na terminologia da época, ao denominar tais grupos de jovens rebeldes e infratores como *Juventude Transviada*, ou, abreviadamente *JT* – siga que virou sinônimo de rebeldia e, na pior das hipóteses, de delinquência fora da lei.

Nossa esquina se cobriu de luto e espanto, mas também de curiosidade. Teria sido ele mesmo o autor? Não haveria outra hipótese, diante da confusão e do pega-para-capar que teria se estabelecido na porta da malfadada residência? Outra versão era a de que o homem havia morrido de um infarto, não da facada. A notícia provocou grande repercussão na cidade, dada as circunstâncias do evento e a posição social das pessoas envolvidas em ambos os lados do crime. Seth, porém, era peixe miúdo diante de outras figuras presentes no imbróglio, o falecido, inclusive, mas todas as evidências apontavam para a autoria dele. E a própria Polícia mostrou-se pressurosa e achar um culpado e executar as medidas judiciais cabíveis. E assim Seth foi parar na prisão.

A nós, a turma da esquina, restou acompanhar o caso pelos jornais, intoxicados por total sensacionalismo, já que seus próprios irmãos, nossos amigos Job e Isac, potenciais informantes, foram logo recolhidos à casa dos avós, no interior.

O homem das frutas bem que tentou salvar o filho, contratando advogados de renome, mas o dinheiro da parte ofendida falou mais alto e Seth se viu condenado a mais de 20 anos de prisão. E o que foi pior, ganhador de uma notoriedade que abalou as bases morais do pai, que apesar de ser um notório grosseirão, procurava zelar pelo bom nome da família.

E assim se passaram os anos. Uma década depois vi Seth na rua, com aspecto mais maduro do que nos tempos de nossa convivência na esquina, mas ainda perfeitamente reconhecível. Vestia um daqueles macacões de *hippie*, como ainda nem era moda na época e portava rabo de cavalo preso na nuca. Não demonstrou ter me reconhecido, dado o encontro apenas casual, em uma rua central de nossa cidade. Liguei para um antigo conhecido, também caudatário daquelas histórias tortas que ele contava e este me confirmou que o Seth gozava agora de liberdade condicional, tinha virado *hippie* e morava numa comunidade que plantava hortaliças e outros cultivos saudáveis em uma chácara próxima à cidade. E mais, tinha assumido a liderança da comunidade e inclusive já tinha dado entrevistas a jornais, falando do trabalho desenvolvido ali, que incluía, além dele, alguns ex presidiários e pessoas libertas do uso de drogas. Segundo este amigo, o sujeito agora até viajava representando seus pares em encontros e participava mesmo de um movimento nacional de comunidades do mesmo feitio daquela onde vivia.

Pensei comigo: *como as pessoas mudam!* Mas havia mais mudanças em curso...



Um ano, mais ou menos, depois desse encontro, tive notícias dele, de novo. Era procurado pela polícia e pelo Exército por atividade ditas *subversivas* praticadas não mais dentro de uma comunidade alternativa, mas no movimento estudantil, onde se transformara em liderança, cursando Filosofia. E mais, sequestrara, na sequência, um avião que partia para o Chile e lá desembarcara são e salvo, protegido pelo regime de esquerda à época. E sua foto, na janela da cabine do avião, sorridente e acenando triunfante, de fato estava na primeira página de todos os jornais.

Tempos depois soube mais, pelo mesmo amigo que o acompanhava mais de perto e que me trouxe mais detalhes: asilado no Chile, foi pego de surpresa pelo golpe militar que derrubou Allende e só não foi para a prisão, de verdade, por ter pulado o muro de uma embaixada, asilando-se assim dentro do próprio exílio. Mas me disse mais: tinha contatos com Job e Isac e, se eu topasse, poderíamos procurá-los para saber de mais detalhes sobre o nosso herói. Foi o que fizemos, passado mais um tempo.

Os dois irmãos estavam a par de muito mais coisas sobre a vida do foragido, como logo nos revelaram. Pareciam não aprovar muito as últimas aventuras do irmão, mas no geral pareciam se orgulhar de seus feitos. Além disso tinham fotografias e cartas dele aos montes. Mas já não apenas com origem no Chile...

A Embaixada cujo muro fora escalado por Seth era da Alemanha Oriental, e ele foi encaminhado para algum lugar de lá depois de algumas semanas. Arranjou então um emprego de metalúrgico, mas não se deu bem com a língua e a hierarquia rígida do país e acabou optando por viver em Cuba, para onde conseguiu ser reencaminhado pelos alemães. Na ilha fez um pouco de tudo, colheu cana, frequentou a universidade, casou com uma cubana e finalmente foi designado para uma missão internacional na Bolívia. Ali desapareceu por um tempo, mas voltou a dar notícias meses depois, agora assentado em

Cochabamba, participando de um movimento de *cocaleros*, em papel de aparente liderança, mais uma vez. Tinha se separado da cubana e agora quem o acompanhava era uma *cholita* do Altiplano, com sua manta de lã, seu chapeuzinho coco, sua saia rodada e colorida. Isso nós vimos nas fotos que os irmãos mostraram.

Realmente admirável uma vida aventureira e variada assim. Caramba, nunca vi ou imaginei algo igual! Mas Seth ainda conseguiu adicionar mais surpresas àquelas que eu já conhecia – e de certa forma admirava.

Depois de outros tantos anos tive algumas vagas notícias dele e recorri aos irmãos, cujo endereço eu havia guardado. E foi assim: Job me falou de um daqueles programas de TV que tratam de viagens, regiões selvagens, povos nativos, aventuras. E me indicou um vídeo, no qual, me assegurou, eu encontraria notícias mais recentes do irmão, que voltara ao Brasil já havia alguns anos, depois da redemocratização.

E de fato havia uma longa cena com ele, agora bem mais velho, com o rosto pintado com linhas negras e vermelhas; cabelos totalmente brancos, mas ainda longos e presos em rabo de cavalo; vestido de short, peito nu; com um vistoso cocar de penas coloridas na cabeça, rodeado de indígenas igualmente paramentados. Seth estava em posição central no grupo, abraçado a uma índia bem mais nova do que ele.

A história era logo esclarecida no vídeo e mostrava um fato realmente notável: aquela tribo, do litoral da Bahia acolhera Seth algum tempo antes e ele logo se enturmou por lá, vindo até mesmo a casar com a filha do Cacique. E o mais inédito, com a morte do sogro, fora escolhido como o novo Morubixaba.

Creio que desde Hans Staden e Caramuru não houve algo assim no Brasil. Como é que um sujeito passa de “JT” a *hippie*; líder estudantil e exilado político; metalúrgico na Alemanha; militante político em Cuba; *cocalero* na Bolívia? No caminho se casa com uma cubana, uma

boliviana e uma índia! E ainda alcança o posto de Cacique Pataxó no Brasil...

Seth e suas sete diferentes vidas. Tal sujeito era um líder nato, reconhecido em cada lugar que esteve e em cada situação em que se envolveu – para o bem e para o mal.

E que ninguém duvide das surpresas e mudanças que a vida de um ser humano pode oferecer.

\*\*\*

### **Conversa de mulheres**

*Não se nasce mulher: torna-se mulher.* Nossa! Esta frase de Simone me inspira. Vejo aqui neste consultório que ela é demonstrada e justificada a cada dia que passo aqui dentro, pois cem por cento das frequentadoras daqui são mulheres. Vale diretamente para mim também, que *me torno mulher* a cada dia que passa. Homem aqui só os eventuais maridos e namorados, além da maioria dos médicos, claro. São bem vindos, mas não deixam de ser minoria – e como tal devem se comportar.

Não. Não sou nenhuma intelectual. Longe de mim. Sou apenas uma secretária – ou recepcionista, se quiserem – em uma clínica *para* mulheres, com ginecologistas, esteticistas, dermatologistas, nutrólogos e outros menos votados. Como se só as mulheres precisassem disso...

Se tivesse tempo e dinheiro eu realmente teria feito faculdade, de preferência em alguma das faladas ciências humanas, quem sabe Sociologia. Mas a questão é *tempo e grana*, e eu careço de uma coisa e de outra. Em compensação me sobra vontade de compreender o que se passa na cuca desta fauna de parceiras portadoras de úteros e ovários que circula por aqui. Aquelas que Simone dizia pertencerem ao famoso *Segundo Sexo*. À noite, antes de dormir, sempre dou uma lida em quem entende do assunto, outras

mulheres de preferência. Ela, Mme Beauvoir, por exemplo, é uma das minhas preferidas.

Gente, posso ser apenas uma secretária, e pobre, morar longe e tal; mas não sou burra.

É cada tirada que esta francesa querida tem... *Me gusta* sua coragem, exercida em tempos pré-históricos, quando acho que nem havia feministas de verdade, e aquelas que se ousavam dizer alguma coisa sobre as fantasias projetadas pelos machos nos corpos das mulheres, além da desimportância delas na sociedade, quase iam para alguma fogueira. *Vergonha e autoculpa*, duas das palavras fortes da obra dela, frequentam assiduamente esta sala de espera. Quando ela diz que as mulheres acabam por se realizar como corpos sujeitos a tabus e moldagens inventados pelos machões de plantão, servindo de desculpa para mais ainda discriminá-las, eu estremeço por dentro, de tanta razão que vejo nisso. É uma verdadeira *gênia* esta mulher – eu amo ela, de montão!

- *Bom dia...*

Preciso me concentrar nas minhas atividades de secretária. Dá licença...

Esta que acabou de chegar é garota de programa. Mas é pessoa super consciente, vem aqui duas vezes por ano para fazer revisão ginecológica, prevenção de câncer, essas coisas. Quando veio pela primeira vez, ao lhe perguntar pela profissão, para preenchimento do prontuário, ela foi direto ao assunto: *puta*. E arrematou: *não acredita? Pois então acredite. Eu não tenho nenhuma vergonha em dizer.*

Realmente, esta detona todos as visões padronizadas. Qualquer um a julgaria, pela aparência, como uma bancária, estudante universitária, professora, ou algo assim, bem convencional mesmo, cem por cento família. Pelo menos quando vem aqui. Nas noites – e eu já a vi em ação,

numa calçada – ela se transforma de fato, Cinderela ao contrário. Sinceramente? O charme que ela carrega, com sua minissaia, seu casaquinho decotado, seus saltos de doze centímetros e suas meias escuras – céus! – é de fazer inveja a muita mulher. Aliás, ela é uma figuraça. Adoro ela.

*- Bom dia minha filha... Eu tenho consulta marcada com o Dr. Fulano...*

Esta é novata aqui... Parece gente fina. Tailleur bem arranjado, cabelos bem pintados, joias faiscantes, bolsa de grife, motorista na porta. Abro-lhe logo o prontuário e deixo-a na sala de espera, fazendo companhia a minha amiga desinibida. Vamos ver no que dá...

*- Bom dia...*

*- É cliente do Dr. Fulano?*

*- Costumo ser, quando ele pode atender. Mas tem os outros também, são todos bons...*

*- Pois eu só vou naqueles em quem adquiero confiança. Aliás, nessas questões prefiro médicos homens. Meu marido fica contrariado, mas sei lá, as mulheres nem sempre acertam com o corpo da gente.*

*- Pois para mim tanto faz... Mas acho que o exame feito por mulher dói menos, afinal de contas, né, é um pedaço da gente que ela tem obrigação de conhecer melhor. Mas para mim é indiferente.*

*- Você é casada ou solteira?*

*- Solteiríssima... Na verdade, mais ou menos.*

*- ?*

*- Ah, solteira, pra todos os efeitos.*

- *Não tem vontade de casar?*
- *Já experimentei e não gostei.*
- *Um bom homem faz falta na vida de uma mulher...*
- *Homem bom? Concordo, mas tá difícil de encontrar. Mantendo mais de um ao alcance das mãos as chances aumentam.*
- *Nossa, minha filha, você tem cada uma!*
- *Mas deixa estar, um dia, quem sabe, arranjo um só pra mim. Mas não tenho pressa.*
- *De minha parte, eu gosto realmente de ser casada. Mas tem hora que realmente a vontade de ser livre fala mais alto. E eu fui uma menina tão solta...*
- *A gente não nasce mulher; a gente se torna mulher...*
- *Como?*
- *Nada... Acho que a vida da gente é ajeitada a cada dia. Ninguém é predestinado a nada. O que tem mesmo é muito machão, pais, padres, professores por aí querendo impor regras às mulheres. Mas eu tô fora.*
- *Você deve ser feminista...*
- *Claro que sou! Mas do tipo que não enxerga os homens como inimigos. Aliás, adoro eles, desde que não queiram mandar em mim ou me dominar... Neste aspecto, sempre falo com eles: deixa que EU domino! Uns não gostam, outros – a maioria aliás – adora.*
- *Você acha mesmo?*

- Tenho certeza. Mas o que chamo de dominar não é ficar mandando os homens fazer ou não fazer coisas bestas, do tipo: ‘não olhe para outra mulher’, ‘hoje você não vai tomar cerveja com seus amigos’, ‘futebol, de novo!?’ , ‘hoje não, meu bem, estou com dor de cabeça’ – essas besteiras que mulheres abestalhadas vivem aprontando.

- Mas este negócio de dominar... complicado, né? Eu fui criada numa família de mulheres, meu pai faleceu quando eu era pequena. Minha mãe e minhas tias sempre tiveram como valor a capacidade da mulher agradar o homem. Mesmo sem homem na família, como era o nosso caso. E eu acredito nisso...

- Pois eu fui criada no meio de um monte de macho e assim tive que aprender a me virar. Ali na família, o que chamo de dominar era mandar mesmo, sem apelação. Com os ‘outros’, homens que a gente pode escolher, a situação é diferente...

- Nossa! Escolher homens, nem me passa pela cabeça uma coisa assim. A gente é escolhida, acho. Mas conta como é!

- É mais ou menos assim: logo que a senhora conhece alguém...

- Por favor, me chame de você...

- Pois é, logo que você vê alguém interessante no pedaço, tem que ficar esperta e já chegar marcando posição, sem dar moleza. É pão-pão, queijo-queijo! Tem que botar as regras do jogo. Eu sempre faço isso. Depois, pode ir ajeitando aos poucos. Até que um dia você vai dominar um desses machos apenas estalando os dedos ou piscando os olhos. E ele ainda vai pensar que não é você que domina de fato, mas sim ele.

- *E como você consegue uma coisa dessas, minha filha? Isso me parece tão complicado... Acho que obriga a mulher deixar de ser feminina.*

- *Fácil não é... Tem que treinar. Aliás, para mim, isso é que significa ser feminina de verdade. Ou fêmea, se você quiser. Mas depois de uma boa dúzia de caras passar pelas suas mãos, você pega a manha e não falha mais.*

- *Ai, que horror...*

- *Que nada, você não sabe como isso é bom. Nos dois lados da mesa, ou melhor, da cama. Nada como uma mulher poderosa ao lado de um homem submisso a ela, mas pensando que ele é que tem o poder nas mãos. Homem é um bicho meio besta.*

- *Onde você aprendeu isso, cruzes!?*

- *Criada numa família com um monte de machão no meu pé, meu bem. Tem que dar conta. Simples assim. Mas hoje eles me respeitam de verdade. Tanto que nenhum deles me enche a paciência pela profissão que tenho...*

- *Mas qual a sua profissão, minha filha?*

- *A senhora quer saber mesmo?*

Neste exato momento, Doutor Fulano assoma à porta e a potestade feminina é chamada para atendimento. Já de entrada, troca um rápido e fraterno beijinho com o médico, que graceja com ela alguma coisa relativa à sua ausência desde a última revisão.

Madame oxigenada recorre a mim:

- *Que moça interessante, né? Queria continuar conversando com ela. O que ela faz na vida.*



- *Acho que é pedagoga, terapeuta, algo assim...*

É o que consigo explicar a Madame, depois de alguns segundos de suspeito silêncio.

Aí ela desabafou.

- *Sabe, entendi direitinho o que ela é. Ganha dinheiro e presentes para dar amor. Infelizmente é o que acontece comigo também, não nas ruas, mas dentro de uma casa cheia de luxos. Tenho até vergonha de dizer. A diferença é que faço isso com um único homem, que na verdade detesto. Mas ela, pelo menos, é feliz com a sua vida. E eu carrego isso como um peso, uma feira de pecados. E ela com essa leveza, essa segurança e essa alegria toda. Que inveja... Preciso ir embora. Adeus, minha filha.*

- *Bom dia pra senhora, volte sempre!*

Ah, Simone, Mme. Beauvoir: você disse tudo! Fico vendo essas louras oxigenadas aqui e me vem à cabeça como a nossa condição – ou falta dela – é uma questão de política, de poder. Um monte de temas esquecidos e tabus, as pessoas encontrando palavrinhas doces para falar disso e daquilo, igual essa dona aí. Depois querem compreender, na verdade para negar, a desigualdade e subordinação das mulheres. Não tem essa de ‘pessoal’ ou ‘político’; para mim é tudo assunto para reflexão, discussão e expressão. Não sei como, mas é preciso botar pra quebrar, abrir mais e mais espaço para que mulheres *causem*, sejam elas mães de família ou garotas de programa – ou as duas coisas, se for o caso. Liberdade, igualdade e libertinagem!

E nada de deixar para nós, mulheres, apenas aquela infame gaiola de ouro do *lar* como único espaço natural, este jeitinho seguro de nos deixar mais infelizes e até mesmo invisíveis. E temos que fazer a boa política, com um “P” bem maiúsculo, o mesmo de Poder, de Pública, de Plenitude e de Pênis. Que se danem os machos com sua *cidadania*, feita

à imagem e semelhança deles, deixando para nós, mulheres, apenas o 'governo' daquele mundinho privado, feito de necessidades, afetos, desejos e fraldas para lavar. Que se danem!

Já ouviram falar da tal de Penélope? Acho que é uma daquelas famosas mulheres de Atenas. Ser uma dessas aí, nem de longe, Deus me livre. Passo! Gente como esta Madame Oxigenada que pela vida a fora faz apenas o papel de *esposinha* que espera e espera, para depois servir e se entregar a um sujeito mais forte. Será que passa pela cabeça de alguém assim ser forte também? *Madame*. pelo visto, sonha com um lado *puta* que ela não conhece direito. E mal consegue imaginar o que é *liberdade, igualdade, insubordinação, libertinagem. autenticidade* – essas coisas aí.

E eu? O que quero da vida? Acho que ainda não sei, ainda não cheguei aos trinta anos e tenho tempo para pensar nisso. Mas tenho muitas certezas sobre o que não quero. Acho que seria de bom tamanho para mim encontrar um homem legal para ficar ao meu lado, carinhoso, educado, culto. Deve existir algum por aí. Mas pensando bem, nem precisa ser homem...

Agora volto ao trabalho. Garota já se foi e Madame me chega com um monte de pedidos de exame. Qualquer hora faço essas duas se encontrarem. Ora se faço... E quero assistir esta conversa. Vai sair fagulha! A Puta vai parir outra Mulher.

\*\*\*

### **Éramos Três**

«Éramos três na noite escura.» Esta era a primeira frase do livro que eu ia escrever. Um título de novela, nem um pouco original, como se vê. Mas não só eu, mas meus amigos de então, acreditávamos de fato não só na literatura, mas na nossa capacidade de um dia professá-la.

Na vida real, a gente costumava perambular pelas ruas estreitas e mal iluminadas de nosso bairro. No começo éramos dois apenas, mas passamos a ser três quando um primo de meu amigo se juntou a nós. Saíamos todas as noites, pela hora da novela, que então já «entorpecia as massas», conforme nossa interpretação, de segunda mão, com certeza. E assim caminhávamos por horas seguidas, filosofando, tramando obras literárias, tentando equacionar o futuro da humanidade e fazer a revolução no país.

M. era mais intelectualizado, já tinha lido Schopenhauer e Nietzsche. T. era ligado em ciência e em pleno ginásio nos explicava a fissão do átomo e a teoria da relatividade. Eu com a minha cultura de *Seleções*, ficava meio capenga entre eles. Mas nas artes da vida, me considerava melhor. Pelo menos já tinha tocado uma mulher, embora só o bastante para um beijo furtivo.

Mas fôssemos escolados no tema, ou não, éramos três apaixonados! Tinha a morenona do ônibus, a loura da Igreja, a moreninha do «especial» do Santa Marcelina. Por elas, matariamos e até, quem sabe, seríamos capazes de morrer. O único problema é que nenhuma delas fora avisada disso. Nem seus nomes sabíamos.

O cinema, certa época, povoou aquelas noites. Era o tempo de *nouvelle vague*, cinema novo, neo-realismo. Ficamos sócios de cineclube, não perdíamos sessão. Nossos papos eram sobre a incomunicabilidade humana, o não-ser, o ridículo existencial. Intimidade total com Antonioni, Goddard e Fellini. Um dia caí na asneira de criticar o gênero *western*, por achá-lo «alienado» (palavra da época, acho que não se usa mais). M. e T. caíram de pau em cima de mim, dizendo que alienado era eu que não conseguia perceber a «desconstrução do estereótipo americano» ou qualquer coisa que o valha.

Aquele abril nos pegou de surpresa. Nós, que amávamos a Revolução, tínhamos a certeza de que ela viria através da UNE, do CPC, das reformas

de base. Fizemos aproximação com uma célula comunista clandestina. Queríamos armas, dinamite, uniformes de campanha. Disseram que o importante no momento era agitação, propaganda. Aguardamos o momento, disciplinadamente. No dia, ou melhor, na noite, da agitação, nas ruas adjacentes a um Batalhão da PM, mandaram para a gente um saco de mantimento com panfletos, uns poucos papéis amarelados e amarfanhados, com palavras de ordem impessas em tinta borrada, que não chegaram para mais do que vinte minutos de trabalho. Nem uma dupla de policiais ou uma sirene de rádio-patrolha, por longíngua que fosse, para dar o ar da graça. A Revolução não tinha o charme nem o perigo que nós, seus amantes, esperávamos.

A vida nos separou, mais cedo do que gostaríamos. M., que era da família pobre, teve que começar a trabalhar e passou para o turno da noite no colégio. T. ainda permaneceu naquela escola por mais um ano, mas depois mudaram-no de turma e eu mudei do bairro onde éramos vizinhos. A faculdade, que sorriu para mim antes deles, acabou por nos afastar ainda mais.

Os anos foram passando e cada um de nós tomou rumo profissional e mesmo endereço diferentes. Um dia descobri que M. agora era famoso, como jornalista e crítico de cinema. Passando pela cidade onde ele morava, a mesma de nossa juventude, marquei com ele um encontro. Nele, nosso repertório deu para pouco mais de uma hora de conversa, um tanto formal e repetitiva. Não falamos de revolução, mas encontrei nele uma carapaça de erudição que praticamente impedia uma comunicação mais fluida. Sua mulher bem que tentou ser amigável e celebrar aquele reencontro de amigos, tantos anos depois, mas seus esforços se perderam no vazio.

De T. soube muito pouco depois. O que pude apurar é que seus conhecimentos científicos acabaram transformando-o em dono de uma oficina de reparos de eletrodomésticos, numa remota cidade do interior.

Nunca pude reencontrá-lo, mas sinceramente não sei se isso seria algo de se lamentar.

E eu? Fiz universidade e me tornei médico. Não dos melhores, pois logo nos primeiros anos de faculdade já tinha percebido que minha opção poderia ter sido outra. Quem sabe, escritor. Alguém capaz, finalmente, de dar andamento àquela frase lapidar com a qual tentei, um dia, iniciar uma grande obra literária. Mas aquilo, passado o tempo, me pareceu até profético em relação aos desígnios que a vida nos trouxe.

De fato, éramos três na noite escura, perambulando, filosofando, discutindo, brigando, mentindo, acreditando na Revolução, fazendo literatura mental, nos iludindo, amando platonicamente. O que não percebíamos era a juventude fugindo de nós, celeremente, para nunca mais.

\*\*\*

### **Um tiro de cartucheira**

Eu estava de volta àquele lugar, passados muitos anos. Não me lembrava de muita coisa dali. Mas aquela porteira, que de fato poderia ser a mesma de décadas atrás, me pareceu conhecida, assim meio bamba e desgastada pelo tempo. Também me pareceu familiar a vista daquele alto de estrada, com um largo horizonte alcançado.

Eu voltava ali depois de tantos anos por circunstâncias especiais: ia fazer uma palestra na região e devido a uma interrupção acidental na via principal, me via forçado a passar por aquela estradinha secundária. Aliás, ao trafegar por ali me lembrei, no início, apenas vagamente de ter estado lá, em circunstâncias que, logo em seguida percebi, se dependesse apenas de mim, seriam esquecidas. Mas o fato é que, se pudesse ou avisado fosse, eu certamente procuraria evitar tal trecho.

No automóvel, tentando concatenar ideias para o meu palavrório da noite, os acontecimentos antigos foram se arranjando na minha cabeça. Puxei da memória aquela semana de recesso escolar de trinta anos antes, que fomos passar, eu e três colegas de faculdade, no sítio da família de um deles. Ali nos divertimos à tripa forra, como é comum a quem tem duas décadas de vida e uma longa sucessão de anos pela frente. Noites de bebedeira, conversas intermináveis, incursões literárias e filosóficas, caçadas de tatu, andanças pelos matos em plena noite. E um permanente desejo de fazermos troça uns dos outros, por exemplo, com latas de água colocadas na porta do banheiro, que eram despejadas ao serem puxadas por cordões quando um infeliz saía do banho, naquelas noites serranas frias de se bater queixo. Ninguém se importava com aquilo, ao contrário, com mais entusiasmo se articulavam novos planos de tormentos ao próximo, tão logo fosse possível e favorável para tanto.

Zé Maria, o dono do sítio, ou melhor, o filho do doutor José Maria de Benevides e Silva, o verdadeiro proprietário, era o campeão de tais brincadeiras noturnas, ao mesmo tempo que era imbatível nas discussões filosóficas, citando Kierkegaard e Schopenhauer com a intimidade de quem fala de algum Tônico da esquina. Os outros éramos eu, Dalton e Celso. Zé Maria liderava uma outra atividade, para ele um folguedo extraordinário, que era o de sair a caçadas noturnas ou mesmo diurnas, armado com uma cartucheira de calibre grosso, que acabava sendo disparada contra algum cupinzeiro, por falta de caça real. A única vez que atirou para valer em algo vivo foi no que lhe pareceu ser um ouriço-cacheiro mal divisado na noite, agarrado a um tronco de laranjeira, mas que em seguida se mostrou como morada de terríveis marimbondos, que atacaram impiedosamente o incauto caçador. Por sorte, só o agente da façanha foi atingido pelos ditos, que esvoaçaram furiosamente ao redor do ninho semidestruído pela chuva de esferas de chumbo. Nós outros, o restante da malta, em distância cautelosa, fomos poupados, felizmente. Geralmente não fazíamos

companhia a Zé Maria nessas empreitadas armadas, salvo eu ocasionalmente, que por nunca ter atirado na vida, resolvi experimentar o gosto daquilo.

Algumas vezes, por pura diversão, carregávamos a tal cartucheira com borra de café no lugar do chumbo e, com a pólvora restante nos divertíamos de dar tiros de festim uns nos outros, de efeitos curados por um bom banho, em uma guerra imaginária, que antecipava o esporte que iria se tornar popular muitos anos depois.

E assim corriam nossos dias, despreocupadamente, alterando banhos de bica, excursões de infrutífera caça, noitadas que intercalavam tertúlias intelectuais e filosóficas e peças maldosas pregadas nos desavisados. Havia um vilarejo próximo, ao qual fomos apenas uma vez, por carecermos de condução e também de maiores alternativas de afazeres por lá. Como era época de festa junina, ou comemoração de Santo, estivemos em uma quermesse, onde nos fartamos de comer pamonhas e beber quentão. Mas acabamos saindo quase corridos dali, pois um dos nossos resolveu se engraçar com uma donzela local, o que fez que quase fôssemos linchados pelos parentes da moça. Já meio bêbados, saímos em louca carreira, tropeçando pela estrada esburacada e escura, e apesar do susto nos sentimos recompensados pela pândega. Afinal, não custa lembrar, ninguém ali tinha mais de vinte anos e um estado de festa era permanente em nós.

Um dia, resolvemos ampliar nossos horizontes. Zé Maria, que por força de ser frequentador antigo daquelas paragens, tinha maior conhecimento da região, propôs a ida a uma mata relativamente fechada, que ficava a 15 ou 20 km dali. A pé, claro. E pôs naquilo grande empenho, como um grande estrategista a cuidar de cada detalhe da marcha, como se fosse uma empreitada quase militar, calculando hora de saída e volta, tempos de caminhada, flancos de abordagem do terreno, reservas de água e comidas, pontos notáveis no percurso, agasalhos etc. E mais o que não poderia faltar: a famosa cartucheira,

devidamente municida com munição de chumbo real, não mais de borra de café. Afinal de contas, segundo ele, aquela floresta prometia alguma caça, quem sabe até anta ou capivara. E para ele, a palavra de ordem era *matar*, sem apelação. Naquele tempo isso era quase banal e nisso o sujeito fazia profissão de fé.

E então, às seis da manhã, num frio siberiano, fomos despertados por Zé Maria, aos gritos, para que iniciássemos a jornada, que mais parecia a expedição para livrar um pai ou outro parente de ser enforcado.

E como a coisa havia tomado ares reais de expedição de conquista, começamos a brincar de guerra, ou melhor, de guerrilha, porque na época andávamos influenciados pela morte de Che Guevara e pelos escritos de Régis Debray. Tudo era festa. A ilustre cartucheira passou a ser agora uma espécie de galardão, cuja posse nos revezávamos a assumir, com muita honra. E andávamos com aquilo em riste, não a tiracolo, como se procurássemos inimigos nas moitas. Nos turnos de Zé Maria, a procura da caça, que mais uma vez se revelaria infrutífera, ganhava ares de missão, ou pelo menos de verdadeira atividade profissional. Mas em tal jornada, verdade seja dita, não se disparou nenhum tiro, até porque já não havia muita munição em nosso paiol. E muito menos caça nos territórios então palmilhados.

E foi aí que aconteceu o fato que quase mudaria duas vidas. Uma, por assassinato, outra por remorso eterno. A arma estava em minhas mãos e, de repente, teve um dos gatilhos acionado, sem que eu aparentemente o tocasse. Eu não a tinha armado para tanto e nem sei quem o fizera, talvez fosse aquele que a portava antes de mim, ou seja, o próprio Zé Maria. Mas por um milagre o cão batera sobre a espoleta do cartucho e não a deflagrou, embora chegasse a produzir uma marca pontual no metal. Eu abri e conferi, pessoalmente, em seguida.

Um arrepio me percorreu a espinha, ou mais, da planta dos pés à raiz dos cabelos. O próprio dono da cartucheira estava justo à minha frente



e a arma apontava para seus rins... Os outros nem perceberam. Eu fui a única testemunha por um momento, mas como não consegui disfarçar o impacto moral que aquilo me provocou, tive que compartilhar com os demais o anúncio daquele desastre quase acontecido. Tivemos alguns minutos de comoção compartilhada, descarregamos e travamos a cartucheira, com um silêncio fúnebre a dominar o ambiente. Àquela altura, diante do acontecido, talvez porque as duas ou três léguas anunciadas por Zé Maria pareciam invencíveis, também por uma chuva que se anunciava no horizonte, resolvemos desistir da expedição e voltar para o conforto do sítio do Doutor Benevides e Silva.

Completamente sem graça ou ânimo, nós mal e mal tomamos uma sopinha de batatas e fomos direto para a cama, sem discussões literárias ou filosóficas, sem troças noturnas de qualquer espécie. De minha parte, tive uma noite de sobressaltos, com pesadelos com pessoas agonizantes, afogadas num mar de sangue e vísceras expostas.

Tudo teria ficado por isso mesmo se não fosse a sequela que me apareceu tardiamente.

Foi assim: coisa de quatro a seis anos depois, eu estava num jantar de família e de repente um parente mais velho, com o qual, aliás, eu não simpatizava muito, me indaga à queima roupa: *conta pra todo mundo aquela história da carabina que quase disparou em suas mãos*. Eu me fiz de desentendido, mas ele insistiu, citando o local, os personagens e também a data aproximada do ocorrido.

De novo uma onda de frio e mal estar me percorreu o corpo. Como podia ser aquilo? É bem verdade que nós, os diretamente envolvidos, não havíamos feito nenhum pacto de silêncio explícito na ocasião, embora isso parecesse óbvio. Mas como aquele intrigante ficara sabendo do que acontecera naquele dia fatídico?

Não. Nenhum dos quatro participantes da excursão, com certeza o conhecia. Não pude confirmar isso diretamente com eles, pois nossa convivência já havia terminado após a formatura na faculdade, mas as probabilidades eram praticamente zero. Talvez ele ficara sabendo por uma terceira – ou quinta – pessoa, por sua vez informada por alguma das testemunhas diretas.

Como saber? Indagar diretamente ao parente seria correr o risco de fazer com que a situação se agravasse ainda mais, porque ele era conhecido pela indiscrição e falta de noção nas coisas que dizia e fazia. Frequentava nossa casa por obra e graça de meu pai, que o respeitava, dados os laços familiares. Para ele, gente de seu sangue era sagrada. Mas não era, de alguma forma, querido por nós, seja por minha mãe ou meus irmãos. Um tanto grosseiro, eternamente desempregado, buscando e monopolizando a atenção nos grupos onde estivesse presente. E de uma escassez de repertório verdadeiramente chocante para se manifestar ou alimentar conversas.

Naquele momento fui salvo pela chegada de mais um parente, que logo atraiu as atenções da mesa – com a vantagem de ser este, pelo menos, uma pessoa tratável e querida por todos.

Mas não parou por aí o meu temor. Na visita anual que o tal primo fazia a meu pai, por ocasião do aniversário deste, ele fazia questão de retomar o assunto ao me ver, e o que é pior, geralmente na presença de outras pessoas, embora já da segunda vez que ele o fizera eu lhe disse, com bastante energia na voz, não saber do que se tratava. Ele, no seu modo habitual, chegou a me ironizar, dizendo qualquer coisa como *ora você está perdendo a memória muito cedo...*

Suportei isso por anos a fio, até que um dia chegou a notícia que não deixou de me alegrar: o sem-noção morrera por um infarto agudo do coração.

Fim do meu pesadelo, pensei.

Descansei disso por vários anos, mas um dia, ao visitar um outro parente do meu pai a quem não via há muitos anos, que vivia na cidade natal da família, também primo do detestado novidadeiro, eis que aquele me brinda com uma acolhida inesperada: *é você o moço que quase matou um colega com um tiro de cartucheira?*

Calei-me dessa vez, resignando-me ao fato de ter sido condenado por um crime que não cometi; aliás, que nem aconteceu. Achei que seria de bom tom rezar uma missa pela alma do meu indesejado parente. Quem sabe assim eu obteria o descanso que julgava merecer?

\*\*\*

### **O Especialista**

Acreditem vocês, eu já fui muito prestigiado nesta cidade. Não havia fazendeiro, chacareiro ou mesmo outras pessoas de qualquer tipo que não fossem atrás de mim em certos casos de apuro. E eu estava sempre disponível, ganhava um bom dinheirinho. Pra falar a verdade, até gente eu curei também.

Não me apresso em dizer o que fazia, qual profissão eu tinha. Isso eu nem sei se tenho coragem para contar, porque vejo que os tempos mudaram e o que era motivo até de honra e orgulho para uma pessoa, como foi o meu caso, virou hoje motivo de troça e desprezo. Mas posso garantir que sempre fui um especialista.

Mas vejam, na roda da farmácia, onde se reuniam juiz, promotor, delegado, médico e às vezes até o padre da cidade, eu era tratado como um deles. Teve ocasião de até me contratarem para prestar serviços e bem me pagarem. Quando nada, me pediam conselhos.

Seu vigário mesmo, certa vez, foi me buscar altas horas da madrugada, para que eu socorresse um ente querido. Eu fui, resolvi o problema e dei a assistência necessária, por vários dias. Ele quis me pagar e não

aceitei, pela honra de atender o pedido de pessoa tão ilustre. A partir daí se tornou meu amigo e volta e meia me procurava em casa para se aconselhar em casos semelhantes, indicando também meus serviços para muita gente mais. Era um bom homem, gostava de gatos, tinha uma dúzia deles, Deus cedo o levou.

Da mesma forma o senhor juiz, que se dizia fazendeiro, mas quase a pedir esmola com aquelas suas vaquinhas de costelas à mostra. Mas este era safado, sempre me perguntava se eu fosse cobrar dele quanto custaria. Eu dava uma resposta atravessada, para ver se ele desconfiava, mas acabava ficando por isso mesmo. Este aí era de maus bofes, acabou se engraçando com a mulher do delegado e foi logo removido da comarca, ameaçado de morte. Depois soube que ele se deu mal lá também. Aliás, desde que bati o olho naquele tipo, desconfiei. Sabe aquela pessoa que conversa sem olhar nos olhos da gente? Para mim, não presta.

E minha fama não era só o da cidade, não. Eu era chamado para as redondezas volta e meia e isso foi se ampliando para cidades vizinhas, chegando até mesmo a ter que viajar por horas, em condução dos que me chamavam ou mesmo no lombo de caminhões leiteiros. Por um tempo me associei a um prático de dentista, que viajava com duas mulas, uma para si outra para seu equipamento, e assim, em dupla, íamos semeando nossos benefícios pela região.

Mas com tal prático tiradentes tive dissabores, porque o danado era ridico, queria que eu me responsabilizasse sozinho pelo trato das mulas e até pelo conserto dos arreios velhos que ele insistia em manter em uso. Aquilo era incapaz de comprar alguma peça nova, fosse bridão, estribo, cabresto, para não falar de sela. Na mula que agora me cabia, tive que viajar quase que em pelo. O pior – e que todo mundo me dizia – era que com a minha companhia o serviço dele tinha aumentado um tantão, ele que já andava meio desacreditado pelo tanto de bocas que ele arruinou em suas passagens pelas fazendas. Mas aquilo durou

pouco, graças a Deus, porque ele pegou uma erisipela brava nas pernas e teve que parar sua faina. Mas pelo menos me vendeu aquela mula muito sem vergonha, mas que eu apetrechei com bons arreios daí em diante.

Aquilo me dava prestígio, só vendo... Algumas pessoas, talvez por inveja ou má fé, duvidavam de minha capacidade e sabedoria. Talvez até fosse por ignorância mesmo, como foi o caso de Nhá Chica, uma velhota que morava num fundão de mundo, mas que precisando de mim mandou o filho, um brutamontes sem tamanho, me buscar em casa.

E o tal sujeito: *a mãe tá com uma dúvida nas partes, mas ela não quer e nem eu vou deixar o senhor bulir nela, lá em baixo.*

Não é que fui lá e convenci a velha a me mostrar as tais *partes*? Pedi ao bruto que fosse campear uma raiz no mato e com a folga que ele me deu encarei o *serviço*. Não que eu tivesse uma solução para o caso, o que via ali era a mãe-do-corpo posta pra fora, como se fosse um badalo de sino. Aquilo era para a faca de um cirurgião, não para mim. Mas mesmo assim resolvi aconselhar; e lhe devolvi a mãe com as recomendações devidas. Nem me agradeceu. Aliás, nem que quisesse me pagar aceitaria, porque era uma gente que vivia numa penúria de fazer dó.

Outro que me atazanou a vida foi um doutorzinho de araque que apareceu por aqui. Me ofereceu sociedade com ele, para eu cuidar dos casos que ele passaria pra mim. Logo vi que era patranha, passou um mês, dois e ele só faturando, sem me mandar ninguém. No final percebi que minha companhia dava era prestígio para ele. Mas eu nem precisei de tomar alguma providência, ele mesmo se deu mal com um sitiante das bandas do Capão Seco, que desconfiou – parece que com razão – que o safado lhe queria roubar, mostrando contas fora de propósito. E como o dito cujo era primo do sargento, fez com que se botasse o doutorzinho pra fora daqui. Eu achei foi bom. Depois até correu a

notícia que o sujeito nem tinha diploma de verdade, e que já tinha tomado uns processos em outra cidade.

Alguns dizem por aí que eu cometi uns erros cabeludos. Pode ser, não nego... É que este povinho ignorante acha que a gente pode fazer milagres. Eu dizia sempre que fazia a minha parte, mas era preciso trazer os casos enquanto ainda era tempo. Era cada estrupício que aparecia – valha-me Deus. Por exemplo, a eguinha de um camarada lá da Boca do Mato. Tinha se enrolado no arame farpado e quanto trouxeram para mim era uma chaga só. A bicharada infestando, caindo pelo chão e até fazendo rastro. Coisa feia de se ver. E queriam que eu resolvesse aquilo...

Nesta ocasião apareceu por aqui um Juquinha, mascate de remédios para gente e bichos. Logo que soube de minha pessoa, não sei como, começou a botar defeito no que eu fazia, dizendo que tinha soluções muito melhores do que aquelas que eu aplicava.

Bem, acho que já está na hora de eu dizer alguma coisa da minha antiga profissão.

Eu era benzedor – especializado no assunto, aliás. Comecei ajudando minha vó Eustácia, que benzia crianças e também mulheres na hora do parto. Eu ia junto com ela, principalmente quando o caso era noturno e sinceramente nem posso dizer que aprendi alguma coisa com aquilo. Aquelas rezas e movimentos eu não compreendia bem e ela fazia isso meio fora de si, incapaz de me ensinar. Mas não sei bem porque resolveu achar que eu também levava jeito para a coisa. *Você tem tino*, me dizia. Eu não entendi bem o que ela quis dizer, mas resolvi testar primeiro em um caso de mordida de cobra, em que a velha Eustácia estava longe e eu mesmo resolvi agir. O coitado do mordido tinha chegado tarde, de modo que minha benzeção parece que não teve nenhum efeito. Ou ele se curou sozinho, sei lá. Só sei que não chegou a morrer, mas ficou estropiado pela vida a fora.

Mas uns dias depois, mais uma vez longe da velha, me deparei com um novo caso, que achei poderia se valer de minhas rezas: um cachorro que tinha levado umas pedradas da molecada e tinha no lombo uma chaga viva, na qual se mexiam encarniçadas umas cinquenta larvas de berne e outras más moscas do mato. Era de dar nojo aquela montoeira de bichos de vareja, corós, morotós, que é como o povo fala.

É a minha vez, pensei. Amarrei o coitado e durante uma boa meia hora lhe fiz todas as rezas que copiei de minha avó, acrescentei palavras novas, algumas criadas por mim ali na hora e lhe apliquei uma dúzia e sinais da cruz em cima da ferida. Para testar o efeito daquilo, deixei o bicho amarrado na horta de casa. E não é que um dia depois não havia nenhuma das bichas naquele lombo machucado? A ferida estava ainda lá, mas quase limpa agora. Joguei um pouco de creolina, um jorro d'água e soltei o bicho, que se afeiçoou comigo e assim pude constatar, na hora e depois, que ele estava curado, curadíssimo.

Como uns moleques da vizinhança tinham assistido aquilo e o povaréu daqui é mesmo novidadeiro, em poucos dias todo mundo sabia da minha proeza e foi um tal de gente chegando com cachorros, gatos, ovelhas, mulas e o que mais houvesse. Depois, veio até gente para se curar comigo. Comecei trabalhando de graça, mas quando vi que a velha tinha razão com relação às minhas habilidades, resolvi cobrar um precinho de cada benzida que eu fazia.

Mas aquele Juquinha... O tal que danou a falar mal de mim. Segundo ele, este negócio de benzeção não estava com nada, pois a ciência tinha encontrado coisa muito mais eficiente para estes casos de bernes e bicheiras de maneira geral. Eram umas pílulas que bastava tomar uma vez só e o caso se resolveria. Aliás, curava muito mais coisas nos doentes e até em quem nem tinha adoecido ainda, porque segundo ele, “reforçava as defesas do corpo das pessoas”. E custava bem menos do que eu cobrava para aplicar minhas rezas. E apregoava o nome da maravilha: *ivomec*, *ivonete*, *internet* – alguma coisa assim.

Logo vi que funcionava mesmo, com vantagens, porque nas minhas benzidas tinha uma parte dos casos que elas não adiantavam nada. Já a tal da poção parecia fazer feito em todos os casos.

Pois é, depois disso minha vida mudou. Ninguém mais me chama para benzer bicheiras. Estou tentando agora o ramo de reza para trazer marido ou namorado desgarrado de volta. Vale mais para mulheres, porque já vi que os homens têm vergonha de pedir um adjutório assim ou apelam rápido para a ignorância. Quando não estão nem aí por seu cacho ter ido embora.

E assim vou levando a vida. Aqui na Vila não é fácil a gente sobreviver. Se pelo menos tivesse dinheiro, ia procurar outra especialidade, fazendo um curso de propagandista de remédios, que nem o desgraçado filho-da-mãe fofoqueiro desse Juquinha d'uma figa.

\*\*\*

### **Uma Casa**

Lembrança forte dos anos 50: a casa de meus avós maternos. Ela está até hoje em meus sonhos e nem preciso estar dormindo para que ela venha me encantar. A rua era pacata e silenciosa, pelo menos no tempo que a conheci. Os poucos carros, trafegando em mão dupla não exigiam cuidados especiais em sua travessia a pé. O bairro, por sua vez, não era grande nem movimentado. A cidade, aliás, terminava logo ali, poucos quarteirões rua acima.

Esta é uma casa especial. É preciso conhecê-la em seu ambiente, antes de entrar. O terreno vai de uma rua a outra. A rua dos fundos, aliás, só apareceu depois. Havia, em seu lugar, um córrego encachoeirado, modesto em seu cotidiano, mas violento e ruidoso quando caíam chuvas no alto das montanhas, da Serra do Curral, que guarnece a cidade, de onde ele despencava, entre moitas de capim e matações de minério de



ferro. As casas vizinhas, coetâneas desta, têm, todas elas, grandes quintais, dispostos paralelamente, como capitâneas hereditárias.

Entremos na casa, para percorrer seus cômodos e corredores, jardins e quintal. À frente um muro baixo, no máximo um metro de altura, fruto de um tempo que ninguém carecia ser barrado. Sua parte superior faz como um parapeito largo, onde se podia sentar, para apreciar a rua. Um portão nos dá entrada ao pequeno jardim, onde pontificam roseiras mais espinhentas do que propriamente florosas. Chega-se, assim, ao alpendre, que é como, naquele tempo, esta parte se denominava. Subamos, então, a pequena escada à nossa frente.

No alpendre duas cadeiras baixas, quase espreguiçadeiras, de alto espaldar, em madeira pintada de cor creme, com almofadas azuis, dando a quem chega a medida da hospitalidade e da bonomia de tal habitação.

Minha casa se abre para o alpendre por duas portas, altas, também de cor creme, encimadas por “bandeiras” arqueadas, onde se encaixam vidros vermelhos e azuis, como também acontece com as janelas da casa. A porta da esquerda conduz a um quarto sem comunicação com o resto da casa, talvez originalmente um escritório, mas agora conhecido como quarto dos rapazes. Quem residiu ali, por um breve tempo, é um tio solteirão, que veio morar com a família quando lhe cansaram os muitos anos passados em hotel. A outra porta, à frente, é que se abre para o interior da casa e por ela entraremos.

Uma ampla sala logo se descortina, com seu assoalho de madeira, sempre bem encerado, que ecoa ao ser palmilhado. Os móveis são de madeira escura, sóbrios, entre eles um armário de portas envidraçadas, conhecido como “o bar”, repleto de cristais azuis, vermelhos e em *bico de jaca*. Bebidas mesmo, muito poucas. Os donos não bebem e é preciso resguardar a abundância de espíritos de um morador eventual, menos virtuoso neste quesito. Uma dessas garrafas tem como tampa, uma rolha adornada com uma pequena escultura em madeira, representando o

busto de um possível bêbado, que nos fita com olhar mortiço e riso debochado, com a boca entortada por um curto cachimbo.

Num lado, abre-se uma segunda sala, prolongamento desta onde estamos, dita “de visitas”. Ali, entre cortinas diáfanas, impõem-se três sofás clássicos e encorpados, revestidos de tecido de cor pérola. A um canto a grande vitrola RCA, em madeira também escura, cujo luxo e solenidade conferem aparência de peça de museu, apesar de ser nova. No outro canto um piano Pleyel, vertical, de procedência francesa, negro e solene também, com seu teclado sustentado por volutas sinuosas, barrocas. Pleyel foi marca usada por ninguém menos que Chopin. Ao abrir-se-lhe o tampo, surge um odor capaz de se fixar na memória de alguém por muitas décadas, lembrando madeira e alcatrão, mas principalmente infância.

Tomemos agora o corredor, que parte da primeira sala. Ele é muito longo e tem altas paredes, com o forro em lambris pintados na cor creme que é apanágio da casa. Em seu lado esquerdo perfilam-se quartos, três ou quatro – é bem longo este corredor. O primeiro deles abre-se também para a sala, obra de uma arquitetura que não separava o íntimo do social. Eles se comunicam uns com os outros, também. São os quartos das moças, naturalmente mais protegidos e mais acessíveis à fiscalização rigorosa de horários, conversas, hábitos. Ainda é o tempo antigo, não nos esqueçamos...

A meio caminho no corredor, de lado oposto aos quartos, abre-se o chamado – este sim – escritório. É um cômodo pequeno, do qual se pode sair por uma porta lateral, que dá para um jardim suspenso, para aproveitar a declividade do terreno. O escritório, onde o dono da casa guarda seus livros e papéis de advogado, está abarrotado. Ali também repousa uma quilométrica Enciclopédia Jackson, além de muita literatura em capa dura. Acima das estantes dois retratos, ovais, de personagens circunspectos e até mesmo tristonhos: um homem calvo, de grossos bigodes e uma mulher clara, de maneira altiva, portando um

xale. Em uma mesinha baixa o rádio, em madeira envernizada e tela de gorgorão a cobrir-lhe os alto falantes, com seu painel verde fosforescente, quando ligado. Sobre o aparelho a impressionante escultura enegrecida de um índio, apoiado em um dos joelhos, imenso cocar à cabeça, prestes a disparar verossímil flecha.

Não saíamos da casa, por enquanto. Continuemos pelo corredor, que vai ter à sala de refeições, dando também entrada, pela esquerda, para a cozinha. Sala de refeições esta, mais exatamente uma copa, pequena, na verdade, face às dimensões da casa. A mesa ali colocada vem de outro ambiente, maior certamente, e foi colocada com um de seus lados encostado à parede, para facilitar a passagem das pessoas. Do outro lado da mesa o móvel que um dia se chamou *buffet*, também candidato a um museu olfativo. Seu cheiro de madeira doce, associado a cravo, canela, doces de laranja e de figo, de que a dona da casa é exímia fabricante, também mostra aquela propriedade de se fixar na memória de uma pessoa para sempre, ou, pelo menos, por décadas a fio.

Desta copa se alcança o que fora um dia o terraço, mas que depois veio a receber paredes e telhado, transformando-se em novos quartos da casa, aliás, os principais agora, onde dormem o casal de donos, além da filha caçula e temporã. Por outra porta, no extremo oposto da entrada dos quartos, se alcança o quintal, onde logo estaremos.

A cozinha acompanha a escala da casa, pela sua enormidade. Seu teto, à diferença dos outros cômodos, não tem o forro de lambri oleado, mas sim uma treliça de ripas diagonais, em verde claro. Por cima dos espaços losangulares de tal forro denotam-se vestígios de fuligem antiga, a demonstrar a existência pretérita de um fogão de lenha. Mas isso foi bem antes, com certeza, porque agora o que domina o ambiente é um fogão elétrico sólido, respeitável, de marca Gardini, com seis bocas, talvez – um luxo! A cozinha abriga ainda uma comprida pia de mármore, talvez um pouco desgastado pelo uso, com metais amarelos e bojudos. Um armário dos chamados “guarda-comida”, ao lado, não desperta lembranças

olfativas muito agradáveis, pelo seu cheiro de polvilho azedo, que lembra também o cocô de gato. Prestem atenção na geladeira Norge, com seus cantos arredondados, que atravessou décadas em funcionamento perfeito. Já com sua brancura meio encardida, ela se assenta, atarracada, sobre um estrado, certamente para compensar sua estatura baixa; Debaixo desta espécie de palanque a gata da casa se aninha. Para as crianças, o ronronar da gata tinha algo a ver com o funcionamento do motor da geladeira, quem sabe um estranho e mágico caso de mimetismo.

Detenhamo-nos no banheiro, por um momento, pois ele merece nossa admiração, de tão espaçoso e acolhedor que é. Entremos nele por uma porta ao fim do corredor, antes da entrada da copa já visitada. Fácil saber se está ocupado, pela tranca dourada em posição horizontal ou vertical. Vamos por um vestibulo alongado, espécie de corredor perpendicular ao outro, ao longo do qual se alinham estantes de madeira, também pintadas a óleo, nas cores básicas da casa. Aqui se guardam toalhas, sapatos, vassouras, material de limpeza, urinóis. Ao fundo, finalmente, se descortina o dito cômodo em seu esplendor, podendo ser denominado, sem favor algum, de “sala de banho”. Aqui pontificam as louças e azulejos brancos, os metais bojudos dourados, as maçanetas também de louça, com seu rico filamento azul duplo. Chique demais! Bem no alto, quase se encostando no teto, um basculante com vidros foscos, através do qual ninguém jamais seria capaz de cometer indiscrições. É o único banheiro da casa e ocupá-lo solitariamente é quase um desperdício.

É hora de conhecer o exterior da casa. Voltemos ao portão da entrada principal. Agora não subiremos a escadinha do alpendre, mas sim vamos tomar o caminho das roseiras, por seu lado direito, em suave declive. Por um piso de pedra, paralelo ao corpo da casa, se chega à entrada da garagem, situada mais aos fundos, debaixo do terraço e quartos, aqui já descritos. É uma via rodeada de plantas floridas, que também recobrem o intervalo deixado entre as passagens dos pneus do carro. São mirabilis, bocas de lobo, hortênsias, gramíneas decorativas, algumas delas um pouco manchadas e tombadas pela passagem do Jeep Wyllis estacionado

mais adiante. De um lado, um arbusto notável, em verde escuro e lustroso, exhibe ao longo de todo ano suas pencas de perfumadas e elegantes camélias. Além destas, outro foco de admiração para quem passa na rua é a verdadeira touceira de flores de seda, plantada rente aos alicerces de pedra, que entre maio e junho exhibe glamourosamente sua florada rosa e vermelha. Bem perto, a moita de pequenas palmeiras faz aquele canto de jardim lembrar um pequeno oásis.

Mas o jardim ainda nos reserva surpresas, como, mais adiante, o caramanchão. Podemos nos deter um pouco aqui, aproveitando o frescor. À primeira vista acreditamos que tudo tenha sido pintado de verde. Mas é engano! O que domina tudo é o limo verde, aveludado, em estado de luxúria vegetal. O teto, embora tendo uma camada seca por baixo, por cima é pura exuberância, como convém às graciosas trepadeiras de lágrimas de Nossa Senhora. Por toda parte, em disposição confusa e nada planejada, se amontoam as avencas, espadas de São Jorge, costelas de Adão, antúrios, copos de leite e begônias. Nos intervalos o beijo de frade é mais um a desorganizar o que não carece de ordem. Este nem precisa de vasos, cresce até sobre o veludo do musgo. Impaciente em seu mister de ocupar espaço, para fazer jus ao nome que lhe deu a botânica.

Logo atrás do caramanchão já se inicia uma zona mágica e sagrada: o quintal, ou *terreiro*, como se dizia então. Um pequeno muro separa os dois territórios, que se comunicam por um portãozinho de ripas, meio cai-não-cai. Duas laranjeiras avisam a chegada. Mais adiante a parreira, imensa, debaixo da qual há bancos para se assentar, para prosas em tardes calorentas e até um pequeno espelho d'água, no qual uma libélula mal pode se ver de corpo inteiro, mais exatamente um tanque antigo de cimento, nivelado com o piso. Aqui, por ocasião das festas de fim de ano é possível colher e saborear uvas generosas e sumarentas, em uma vindima suficiente para o consumo da casa e para o agrado natalino aos vizinhos.

Mais adiante da parreira, o jardim reincide, logo à frente da escada que vem da sala de refeições, já visitada, formando canteiros bem demarcados no pátio de cimento. Aqui, rosas variadas em cores e perfumes, às quais a dona da casa dedica especial atenção. Com frequência, um jarro na sala de refeições, exibe orgulhosamente a produção de tal território, obtida à custa de muita adubação, em que pese a oposição das formigas e os arranhões nos braços e nas mãos. Neste outro recanto, ervas de farmácia e cozinha: hortelã, poejo, coentro, erva cidreira, funcho, losna. Não há como deixar de esmagá-las entre os dedos para sentir seus odores sadios, que nos acompanharão por todo o restante da visita. Ainda há outro canteiro, no qual o dono da casa escreve letras sofisticadas, enxertando cítricos, em busca da fruta mais rara e mais doce. As pequenas árvores assim operadas perfilam-se em cestos de taquara, qual em uma enfermaria botânica.

Chega-se, finalmente, ao galinheiro, fronteira última do terreno da casa. Logo na entrada, sua sentinela, a cachorrinha *Susy* - podemos passar sem sustos, que ela é das mais mansas. Aqui, na moita de bananeiras há uma que chega a dar dois cachos, resultado, com certeza, da curiosidade botânica do dono da casa. Ali, o pé da fruta do conde (ou *condessa*, como era ali conhecida), que domina quase toda a área do quintal. Ainda não é tempo da fruta e assim não se pode saborear suas doces vísceras translúcidas, cuspir à distância suas sementinhas escuras e lustrosas. Ao redor e mais abaixo os abacateiros, mangueiras, laranjeiras diversas, a lima, o limão vinagreiro e demais habitantes do terreiro. Aqui, no final da tarde, as cigarras chegam a ferir nossos ouvidos com seu zinado destemperado.

Paremos agora para apreciar o córrego, que fecha o terreno nos fundos. Se não é tempo de chuvas, ele é assim, manso, apenas murmurando através da pequena queda d'água logo abaixo. Quando, chove, porém, transforma-se em caudal ruidoso e espumante, capaz de arrastar, com fúria, troncos, moitas inteiras de capim e até mesmo galinhas surpreendidas nos quintais. Uma pequena trança de folhas e gravetos, a

certa altura na cerca dos fundos, é a marca de uma enchente nas chuvas passadas. Parece um pouco sujo o córrego, vizinhos negligentes talvez atirem detritos em sua corrente. Até mesmo um cheiro pouco agradável se faz notar. Pensando bem, não é mais possível esconder: o córrego não traz mais apenas a água clara da serra. Ali embaixo, um pequeno vulto rápido, sinistro, quase nos confunde, não fosse a longa cauda. O surgimento de outro ser cinzento, nervoso, olhinhos brilhantes e desconfiados, bigodes perscrutadores, logo confirma nossa lúgubre suspeita. A cidade está crescendo, o córrego já não é o mesmo de poucos anos atrás.

Mudou o córrego, virou rua, já não é possível ouvir seu murmúrio e sentir o frescor úmido de suas margens. Domesticado, ele não extravasa mais. O bairro também mudou, cresceu, se transformou em formigueiro confuso de lojas, prédios de apartamento, ruas movimentadas e barulhentas. Casas, como esta que ainda chamo de *minha*, são agora raras e abrigam escritórios e lojas, não mais as famílias de antigamente. Feridas se abriram na serra para dar passagem à cidade voraz e à sede de extrair a alma da natureza. Minha casa, o que foi feito dela? Foi vendida, demoliram-na. Agora, em seu lugar, o que subsiste é um prédio de apartamentos, mais um, entre tantos. Aqui mesmo, onde agora estamos, é o estacionamento. As pessoas de antes envelheceram, se mudaram, morreram. Guardemos apenas as imagens da casa, do jardim e do terreiro, assim como lhes revelo, como num sonho. Um dia, tudo existiu, juro; agora só na lembrança. Dou meu testemunho de menino que viveu dias felizes naquelas paragens.

\*\*\*

### **Dias na vida de Filomena Dias**

- *Último dia para entrega do relatório, Filomena!*

É comigo, infelizmente... Todo dia a mesma coisa, alguém me anunciando que é o último dia ou que o prazo já venceu. De susto em

susto, de aperto em aperto, vou levando minha vida de gerente em serviço de saúde. Qualquer dia me anunciam – ou me cobram – o juízo final, só falta...

Mas tenho muito orgulho do que faço, estou aqui por ter sido aprovada em concurso e depois ainda ter feito uma formação para gerente. Isso entre um punhado de concorrentes. E tem mais, fui considerada, modéstia a parte, aluna destacada, a primeira a ser nomeada para a gerência, e já se vão quatro anos.

Mas cá entre nós, o que me faz sentir uma funcionária especial é o fato de que, ao contrário da maioria de meus colegas gerentes, eu não ser enfermeira, médica ou de alguma outra profissão de saúde. Este povo da injeção e da lavagem intestinal, sabem? Na verdade, sou formada em administração, com carreira longa na saúde, encarregada de faturamento em hospital durante um bocado de anos. E foi aí que fiz vestibular, cursei e concluí a faculdade. Mais um esforço, entre tantos...

*- Filomena, você já preparou a lista de medicamentos de urgência para este mês?*

Ó céus, lá vêm eles de novo...

Mas sabem, eu me considero, de fato, uma pessoa aplicada. Eu conheço na ponta da língua o estatuto do servidor e, além dele, todas as normas existentes com relação ao serviço público. Como minha vida nisso. Mas acho que cheguei quase à perfeição na contabilidade – sou realmente boa nisso – particularmente no que diz respeito ao faturamento. E não tomo decisões de nenhuma espécie sem consultar certos livros de cabeceira, como o estatuto do funcionalismo, a coletânea das leis e das normas do SUS e até mesmo a Constituição. Aliás, além do curso de gerente já fiz vários outros de menor carga, por exemplo, na área de relações humanas no trabalho e de logística, coisas que eu simplesmente a-d-o-r-o.



Mas desde há três dias atrás, estou muito chateada. Não é que um programa de TV, daqueles sensacionalistas e muito cafonas, que muito apropriadamente se intitula “Barra Pesada”, deu grande destaque à reclamação de um cliente daqui da unidade, denunciando a falta de medicamento para *eleição*, seja lá o que isso for – acho que ele quis dizer *ereção*. Isso nem faz parte de nossa lista, só porque o laboratório mandou um punhadinho dos tais comprimidinhos azuis para se distribuir aqui ele acham que isso vai durar o resto da vida.

Mas sei muito bem dos medicamentos que nunca deveriam estar em falta, de uso contínuo por muitos pacientes; mas mesmo estes, faltam. Mas devo dizer, depois que assumi esta gerência, nunca deixei de enviar as listas, a tempo e a hora. Eles atenderem direitinho é outra história.

*- Dona Filomena. O banheiro das mulheres está com um vazamento há quinze dias e não há mais papel higiênico no estoque.*

Filhos da mãe estes caras da manutenção!

Essas cobranças devidas à irresponsabilidade de outras pessoas me arrepiam até os ossos. Sempre cuidei de preparar as listas de solicitações à Secretaria, a tempo e a hora, seja de medicamentos, produtos de limpeza ou serviços de manutenção. Nisso coloco a maior atenção, com pontualidade quase religiosa e mesmo assim, muitas vezes, vejo falhar o esquema. O problema é que tem uns funcionários que mandam para trabalhar aqui que, sinceramente, Deus me livre. Esta Fabiana, por exemplo, que encarreguei de fazer a lista mensal de pedidos, já houve ocasião de atrasar a tarefa, por ter esquecido, por inacreditáveis quinze 15 dias. Quinze!

*- Filó, pelo amor de Deus: a lista de medicamentos de urgência é urgente!*

Pronto, isso é a rotina. O pior é que só posso fazer alguma coisa depois do final de semana e do feriado de segunda, pois hoje é sexta feira e já

são cinco horas da tarde. E olhe que hoje seria dia de folga para mim, licença para compensar horas extras da última campanha de vacinação, com trabalho em pleno domingo. Será que não tenho direito nem a isso?

Ai, como estou cansada disso tudo... Já até marquei uma consulta com o psiquiatra do meu plano de saúde, pois tudo isso me faz ficar muito deprimida. Mas a espera que me anunciaram é muito grande. Meses...

*- Filomena, o que você faz aqui não serve para você? Só para os outros? Por que marca consulta em plano de saúde e não na clínica de especialidades aqui da Secretaria?*

Ora vai, só faltava essa. A pirralha aí só porque faz faculdade e estuda Sociologia se julga a dona da verdade e da consciência política geral. Mas estuda em escola particular... Por que não tenta numa Federal?

Pois é, tudo numa sexta feira... Mas na segunda serei a primeira a chegar no serviço, disposta, até a raiz do cabelo, a esclarecer tudo. Mas não é que me lembrei que Fabiana foi liberada (por mim mesmo...) para compensar suas horas-extras e mais outros acertos e que só retorna ao trabalho dentro de uma semana? Caramba, falha minha, brutal. O jeito é tentar resolver isso pessoalmente. Irei eu mesma à Secretaria – e seja o que Deus quiser.

Mas antes disso, outro contratempo: me lembrei que é dia de fechar alguns dos boletins do sistema de informação, coisa árdua, morosa, chata de fazer. O único computador disponível aqui no serviço tem pelo menos dez aninhos de uso e é tem uma memória de barata, além de estar muito sobrecarregado de dados. Vou ter que aguardar no mínimo mais dois dias para executar a providência, pois vejo que minha presença no serviço agora é fundamental, principalmente depois do noticiário depreciativo do tal *Barra Pesada*. Malditos!

Como se não bastasse – ai meu Deus! Me chega agora uma informação nova, trazida por uma funcionária da limpeza, a Adelaide, que parece

confiar em mim e me pede total sigilo a respeito do assunto. Segundo ela, tudo o que aconteceu e foi parar na TV parece uma armação, pois uma mulher usuária, cujo nome ele não sabe, teria se desentendido com Fabiana e, na ocasião, algumas pessoas ouviram a mesma dizer que “um dia se vingaria”. Adelaide ainda vai além: o marido dessa dona, de nome Alcebiades, líder comunitário na região, vem se sentindo desgastado com os nossos serviços, e também com as pessoas que aqui trabalham. Mas eu, Filomena, já saquei a raiz da confusão: Alcebiades, conhecido aqui como Bidinho, está revoltado, na verdade, é com o não-aproveitamento de algumas pessoas indicadas por ele para vagas recentemente abertas de Agentes Comunitários de Saúde. E além do mais, tem fama de abusador sexual...

Aqui tudo vai dar nisso: problemas pessoais mal resolvidos...

E deve ser verdade mesmo... Essa Dona Maria, mulher do tal Bidinho, é dessas pessoas que frequentam aqui muito amiúde – demais da conta, para falar a verdade – e mesmo se dando bem com alguns funcionários, principalmente com os médicos – não poupa outros membros da equipe de suas investidas, às vezes até caluniosas. Em outra ocasião, uma denúncia trazida por esta senhora eu pude perceber que era uma retaliação pessoal contra uma funcionária, vizinha dela, acusada por esta de “estar lhe paquerando o marido”.

Mas volto aos boletins de informação. Só completei o serviço na quinta feira, não mais na quarta, como pretendia, pois uma pessoa que me ajudava faltou. E só então consegui ir à Secretaria resolver a pendência que me atormentava já havia quase uma semana.

Mas então eu nem sabia como os meus problemas ainda iam aumentar – e muito. Não só o tal do Barra Pesada, que havia denunciado o problema da falta de remédios, como outros programas sensacionalistas de rádio, agora não falavam de outra coisa, até acrescentando detalhes comprometedores e mentirosos. Por exemplo, que ocorriam também

trocas de medicamentos no ato da entrega a pacientes, levando algumas pessoas a piorarem seus sintomas.

Ai meu Deus: eu já estava, então, literalmente à beira de um ataque de nervos.

*- Filomena, mande urgente a lista das pessoas que terão direito à bonificação de acordo com a Portaria 132, o Secretário pede que seja logo!*

E fui à Secretaria, já com as pernas inteiramente bambas. Estava vendo a hora que ia fazer xixi nas calças. E ali vi minhas suspeitas se confirmarem: o medicamento que faltava, segundo a queixa divulgada nas rádios, realmente estava fora da lista encaminhada duas semanas antes. Eu até me ofereci para levá-lo pessoalmente à unidade, mas o responsável pelo almoxarifado me disse, em tom de advertência (ó céus!), que isso contrariava as regras, e que eu teria de esperar pela nova data de entrega prevista, dentro de dez dias aproximadamente.

Lamentei muito, mas fazer o quê? Logo eu que, afinal de contas, sempre fui defensora intransigente de que “normas são normas”. Assim, tive que acatar a decisão da besta do almoxarife e aguardar pacientemente a normalização do atendimento.

Mas meus problemas, infelizmente, estavam longe de acabar...

No dia seguinte, um Promotorzinho de Justiça entra na história, exigindo do Secretário uma explicação para a falta de medicamentos na unidade. Já cheguei no dia seguinte encontrando mais uma notificação *urgente*:

*- Filomena, por favor justifique, por escrito, o acontecido, em prazo máximo de 24 horas.*

Neste mesmo dia, fiquei sabendo depois, o Barra Pesada mandou um repórter à unidade para me entrevistar e não me encontrou, já que eu

estava na Secretaria preparando o relatório que o chefe me pedira. O repórter ameaçou aprontar um escarcéu sobre a ausência da responsável, “em pleno horário de trabalho”

Alguém me liga pelo celular, anonimamente, para dizer que existiria uma rixa entre Adelaide e dona Maria, que também eram vizinhas e tinham desavenças antigas, não sobre maridos, mas a respeito de demarcação dos respectivos terrenos...

Para completar a confusão, Fabiana me aparece alegando que o tal medicamento não foi solicitado simplesmente porque havia quantidade suficiente em estoque, me mostrando provas disso. Portanto, segundo ela, o que deve ter ocorrido é algum desvio.

Ato contínuo, o almoxarifado central se manifesta, pedindo que eu compareça para depor em uma comissão de inquérito visando esclarecer possível desvio de medicamentos na unidade.

Mas aí, então, até que enfim:

*- Sra. Filomena Dias, por favor entre em contato com a nossa Central de Marcação de Consultas.*

Fui para casa no último furo. Mas pelo menos, finalmente, tive a consulta marcada com o psiquiatra, ou psicólogo, sei lá, o Doutor J. Pinto Fernandes, que ainda não havia entrado na história.

Mas fui obrigada a desmarcar a consulta, pois tinha que dar conta de todas aquelas coisas atrapalhadas

\*\*\*

### **Heraldo-Etê**

Heraldo, é seu nome. Eu o conheci na infância, por força de ligações familiares. Um tio, por assim dizer. Sei que neste campo, dos tios, há

exemplares famosos por aí. Tati tinha o dele, Tchekov curti a seu Tio Vanya. Guimarães Rosa imortalizou certo Tio Iauaretê. Mas penso que este meu personagem é tão bom, ou até melhor, do que todos estes. Ou. Pelo menos, este é único e além de tudo próximo a mim.

Para dar conta da multidão que nele habita, me aventuro nos dicionários. Vejo que seu nome pode indicar o oficial que na Idade Média tinha a seu encargo transmitir mensagens importantes, além de organizar as festas de cavalaria e cuidar dos registros da nobreza. É também nome masculino de origem germânica, significando o mesmo que “Rei de Armas”, podendo ser simplesmente um mensageiro, aquele que anuncia algo ainda por acontecer. Um Heraldo não pode ser pouca coisa, realmente. Parece que o nome tem a ver também com heros, no latim, daí derivando herói, heroísmo, heroico.

Mas penso que posso dar este tipo de pesquisa por finda, pois estes caminhos de armas, cavalos, guerras, tropelias, brasões, ambientes cortesãos, militarismo etc não nos conduzirão, definitivamente, ao verdadeiro Heraldo.

Em seus setenta anos – e cem de seu pai – recebeu de um amigo metido a poeta uns versos que bem o definem, comparando-o com o pai, assim:  
*este outro é tal qual ver-te / se não no corpo, no gesto, / fez teu percurso  
 ao contrário / envelhecendo no berço / da terra que o viu nascer. /  
 Fazendeiro das ideias, / suas lavouras aéreas / fazem grande latifúndio.*

Ah, Heraldo, das histórias tantas. Por exemplo, aquela contada por seu irmão caçula, que recebeu dele, em certa ocasião, uma mula para sua locomoção pelas ruas da cidade, onde fora passar uns dias. Ótima montaria, mansa e educada, de bom trote. Só tinha um problema, parava a toda hora nas ruas, bastava ver alguém a pé ou montado em direção contrária. Não era uma besta empacadeira, contudo. Apenas, em sua rara inteligência mular, agia conforme os hábitos de seu ginete habitual, que dedicava um dedo de prosa para todos que passavam – e

que conhecia todo mundo ali naquele lugar. Assim, uma missão montada que deveria durar no máximo uma hora, demorava muito mais do que isso para se concretizar.

Certa vez, eu já maduro e ele quase idoso, fui visitá-lo em sua cidade do interior, em um novo endereço, até então desconhecido para mim. Fui encontrá-lo numa barafunda de ruas, pra lá da Estação Ferroviária. Me impressionou o cômodo modesto que agora lhe servia de escritório, cozinha e, muitas vezes, também de dormitório. Só ele mesmo... Tudo isso dentro de um terreno de uma serraria desativada. No tal quartinho, me mostrou uma pasta cheia de escritos, dos quais não pude identificar o inteiro teor. Mas de repente me deu pra ler um daqueles papéis, que registrava um poema, cujo tema eram terras defendidas com tenacidade, até que, na finalização, ele arremata dizendo que aquilo não lhe era de direito, mas sim de uma onça, que ele por muito tempo perseguira para espantar ou abater. Texto forte e sensível, de dar orgulho a ecologistas militantes.

Era bom de conselhos, também, o tal cavaleiro de armas. Certa vez me disse que se um dia em comprasse terras, devia preferir aquelas que estivessem em mãos de herdeiros, melhor ainda se brigados entre si. Segundo ele, bastava ter paciência, saber esperar, para comprar por menos da metade do preço, negociando com cada um. Pena que não pude aproveitar por inteiro o ensinamento, o que me instilaria virtudes que sempre estiveram à distância de mim, mas nele sobejavam: paciência e habilidade – para conversar, negociar e, acima de tudo – e nisso ele atingia a perfeição – fazer amigos.

Naquele dia de minha visita, as despedidas foram sendo empurradas para depois. Vi em certo momento que ele praticamente não mais acelerava o Fusca em que me levou a passeio pela cidade, tal e qual aquela proverbial mula. Eu, apressado que estava, cheguei a ficar mesmo impaciente, até que percebi que o movia (ou melhor, não o movia...) era a vontade de estender minha companhia por mais tempo.

Voltei pra casa, com mais de 100 km de estrada pela frente, já com a noite fechada e não me arrependi.

Resumindo este sujeito: meio fazendeiro, meio poeta; muito prático, mas intelectual na medida; fazendeiro do ar e da terra; um tanto de monge zen, outro tanto de empresário; um contador de histórias que conta o que viveu, mas se por acaso vier a inventar, fará dessas histórias algo ainda mais acreditável; homem portador das armas da palavra fácil e abridora de caminhos; cavaleiro de mulas que não sabem o que é pressa e param a cada esquina.

E tudo isso sem esquecer uma porção romântica e ousada que certamente ainda vive nele. A do jovem elegante e bem-querido dos anos 40 e 50, que não titubeia em organizar uma fuga rocambolesca, junto com seu Amor, a bordo de uma perua Peugeot cinquenta e um, pelas malévolas estradas do Brasil, até dar em terras paraguaias, o lugar mais remoto com que podia sonhar – e chegar!

Pena que a vida lhe foi ingrata. Um acidente vascular emudeceu o contador de histórias e paralisou o ativo empreendedor, mas mesmo assim meu personagem sobrevive. Ele não é um *Iauaretê*, maligno e vingador, mas sim um amorosamente inventado *Heraldo-etê*, que transpira bondade e inteligência. Viva ele!

\*\*\*

### **A senhora Vana e seu amigo Miguel**

Vana fora incumbida de levar seu povo à Terra das Promessas. E tal líder passara anos de sua vida preparando-se para tanto. Mas logo começada a longa caminhada, um grande obstáculo surgiu: um profundo desfiladeiro sobre o qual se perfilava uma ponte muito frágil. Vana não era de fazer consultas, mas resolveu ouvir dois de seus principais companheiros de jornada, *Rationibus* e *Practicus*.



O primeiro, apelando para o que era seu atributo principal, a Razão, ponderou que o melhor era não se arriscar e procurar um caminho alternativo, pois certamente o haveria. O segundo, com seu tradicional senso prático, recomendou, de pronto: vamos por aqui. E ir “por aqui” significava encarar aquela pequena ponte, cheia de perigos, sempre prestes a lançar os ousados caminhantes ao abismo.

E Practicus ainda arrematou: certamente teremos o apoio dos povos dos penhascos vizinhos, logo designando alguns deles, em quem tinha confiança. E feito isso, procurou, aos gritos, clamar pelos velhos amigos e novos sócios na empreitada de ir à Terra das Promessas. E foi assim que Cunheus, Calheus, Sarneus e Migueus logo mostraram suas hostes de entremeio aos penhascos e fizeram sinais amistosos de “venham, estamos com vocês”.

E Vana então chamou seu povo a caminharem pela terrível ponte, que acabou por não resistir ao peso de tanta gente e se partiu, lançando todos ao abismo. No fragor da queda houve quem visse alguns dos Migueus acenar-lhes com palavras soezes, do tipo “adeus, queridos” e houve mesmo quem percebesse que um deles ostentava nas mãos um machado, certamente o agente principal da queda da pinguela. Qual seria a moral da história?

Esperem aí, a história pode ter outros finais, por exemplo, se Vana tivesse ouvido o sensato Rationibus. E teria sido assim: foram procurar outro caminho para vencer o desfiladeiro. Estava difícil encontrar, ladearam o abismo por vários lados – e nada. Mas Rationibus não se deu por vencido e falou: vamos procurar o apoio de um povo que já foi nosso amigo e que mora nas planícies mais aquém de onde estamos, os Psoleus, além de outros, chegados a eles.

E mandaram emissários às planícies, que foram tão bem sucedidos em sua missão que até conseguiram arregimentar apoio de outros povos, os Neutralius, por exemplo, que até então não haviam entrado na fábula,

ocupados que estavam com seus afazeres cotidianos, sem tempo para grandes aventuras como aquela. Mas vieram assim mesmo.

Para encurtar esta fábula, que fábula é melhor quando curtinha, os liderados de Vana, ajudados pelos Psoleus, Neutralius e Sinistrius (outra gente que se juntou aos novos aliados no caminho), acabaram por transpor o desfiladeiro em um vale, mais abaixo. É certo que foram hostilizados pela gente dos penhascos, mas a esta altura já eram tantos que botaram para correr os Migueus, Calheus, Cunheus, Sarneus, além de seus asseclas.

Final feliz? Nem tanto. Nem bem conquistaram a primeira beirada da Terra das Promessas, os liderados de Vana descobriram que mais adiante havia outro desfiladeiro, com outra ponte perigosa, outros inimigos cavilosos. Mas foram mais felizes assim. Esta é (ou deveria ser) a Moral desta pequena história.

A fábula é nova, mas o sabor é antigo...

\*\*\*

### **Demasiadamente humanos**

*Diferente* – era pouco para descrevê-la. Magra, não muito alta, de seu corpo pouco poderia ser dito, escondido que sempre estava dentro de roupas folgadas e um tanto fora de moda. Alguma beleza tinha, pois na faixa dos vinte anos, como a maioria ali, isso era fácil de acontecer. Devia ser muito friorenta, pois quase nunca dispensava um xale ou um suéter de lã, às vezes até mesmo um gorro. Era adepta de meias grossas, que lhe caíam pelas canelas finas, insistindo em se amontoar sobre os sapatos baixos e também no feitiço vovó. E os cabelos lhe completavam o estilo, presos no alto da cabeça por grossas agulhas de tricô, mas não de forma muito composta, deixando-lhe cair sobre a testa uma ou outra mecha rebelde. E eram pretos os cabelos, não muito bem cuidados, guardando uma aparência fosca que, ao fim e ao cabo,

também ajudavam a compor aquele *tipo inesquecível*. Óculos de míope, sempre escorregando nariz abaixo. Deixava no ar um rastro de patchouli.

Foi minha aluna por um tempo e eu pouco lhe ouvi a voz, da mesma forma, me parece, que a maioria de seus colegas, pois ela era a descrição personificada. Seu nome não guardei, mas sua bizarrice me encantava. Era boa aluna, com lugar fixo na primeira fileira, mais por miopia do que por ousadia, muito atenta às aulas e tudo anotando em um caderno grosso. Mesmo sem muitas palavras, contudo, eu percebia que ela se interessava pelo que era ensinado, ao contrário de muitos de seus colegas, e sua expressão atenta me confirmava mesmo que gostava dos temas que misturavam sociologia, política e saúde, na contramão absoluta de tudo que se ensinava em um curso tão tradicional como aquele. Não parecia ter muitos amigos, mas era respeitada pelos colegas como uma espécie de *persona* estranha, sem deixar de ser *grata*.

Ela me conquistou de vez quando propus uma apresentação em grupo e ela e os seus foram designados para apresentar o estado da arte da saúde mental no país, à época dominada pela “queda dos muros” dos nosocômios psiquiátricos. Os colegas apresentaram suas buscas primeiramente, de maneira burocrática e apenas repetindo o que haviam lido em documentos oficiais. Meu tipo inesquecível, não. Trouxe um longo cilindro de papelão e, meio desajeitadamente, o abriu e colou no quadro negro. Havia um desenho muito caprichado de um muro de pedras, aparentemente feito por ela mesmo e um texto em inglês, que ela pediu desculpas por trazê-lo assim, mas traduziria as partes mais importantes para nós. Tratava-se de um poema de Robert Frost que assim começava: *Something there is that doesn't love a wall...* E assim nos apresentou, timidamente, mas com muita propriedade e convicção, trechos do poema que falavam de brechas em que se podia vislumbrar o que ia além de um muro, através das quais se podia ver algumas macieiras, mesmo que não se atravessasse fisicamente tal barreira. E arrematou, interpretando o desfecho do poema: *pra quê um muro assim,*

*se boas cercas é que fazem bons vizinhos?* Recuperei o poema na internet depois e nem posso repetir exatamente suas palavras. Mas o que sei é que a senhorita diferente foi aplaudida pelos colegas e por mim, também. Algumas lágrimas me escaparam.

Alguma coisa havia me tocado naquela criatura – o que seria? Sua ligação com a literatura, tão excepcional naquele grupo? Seu modo de ser quase bizarro? Seu alheamento perante os padrões e julgamentos alheios? Ou, quem sabe, tudo isso ao mesmo tempo? E mais a nostalgia de que não fizesse parte de mim um jeito de ser como aquele.

...

Ele era a demonstração viva de que as coisas podem acontecer, na vida, exatamente ao contrário do que se esperaria. Nascera pobre, num fundão pobre da região mais pobre do estado. Pobreza irremediável aquela, herança de muitas gerações; pais, avós e bisavós na enxada. Coisas como casa própria de telha e tijolos, água na porta, escola decente – nem pensar. Mas sempre fora bom aluno, que aprendeu a ler sozinho e ainda ajudou irmãos mais novos e mais velhos, além de primos e vizinhos, a trafegar nas primeiras letras.

Ao lado disso, sua vida tinha a triste simplicidade daquela de um menino doente, franzino e raquítico. Qualquer gripe o derrubava. Não crescia e já desde pequeno a barriga d'água se lhe sobressaia, dando-lhe uma marcha característica, que lembrava a de um gordote, coisa que definitivamente não era, ou mesmo um pato, como lhe gracejavam impiedosos os colegas de escola. Vitima das insidiosas incursões de um verme perigoso e caprichoso, que para chegar ao corpo humano precisava passar, antes, por um caramujo. Completado o que lhe podia ser oferecido pela escola rural, a professora, bondosa, quis levá-lo para prosseguir os estudos na cidade. Pai e mãe bem que queriam, mas com que recursos? A mestra fez o impossível e ele foi morar com familiares dela na cidade, onde prosperou naquilo que sabia fazer de fato: estudar.

Porque no futebol, nas brincadeiras de rua e em tudo mais que uma criança ou adolescente desejariam, se fosse o caso de dispendir energia, ele estava fora, por pura falta de fôlego. Na nova escola continuou a chamar a atenção de todos, pela dedicação e desempenho, sempre entre os melhores.

Os professores o consideravam candidato competitivo a um vestibular, mesmo que fosse em universidade pública da Capital. E ele bem o queria, mas tinha consciência de seus limites, fossem econômicos ou físicos, talvez nem tanto intelectuais. Um médico da capital, renomado cirurgião e professor de medicina, natural da terra, veio vê-lo um dia, a pedido de colega local. Prestara mais atenção nas suas varizes esofágicas do que no seu talento, mas depois também ele a tal atributo se rendeu e se propôs a obter vaga para ele no hospital onde trabalhava e ensinava. Dito e feito! Convalescendo, fez amizades, com os colegas pacientes ou com os estudantes de medicina e residentes, logo capturados por sua curiosidade e conhecimentos. Estes acenderam nele a chama de fazer faculdade, faltando definir a carreira.

Ele apreciava a nova vida na cidade grande e assim decidiu: queria ser médico. E foi em frente, passou no vestibular e começou a faculdade ainda internado na enfermaria. Na república estudantil onde foi residir, manteve-se fiel ao seu antigo hábito de ouvir música sertaneja no final da tarde. Depois, voltou para sua cidade e ali clinicou, tendo se transformado, dizem, em doutor muito respeitado, principalmente entre os mais ricos. Os pobres, como ele, preferiam procurar outros médicos, por confiar naqueles mais abonados do que eles. Vá lá se entender a humanidade. Mas seguiu em frente, seu mundo definitivamente era outro.

\*\*\*

**Jerusa**

*- Você já a viu? Será que ela continua linda e gostosa como sempre? Quando penso no que eu perdi...*

O assunto era recorrente em nossas conversas. Esporádicas, na verdade, mas quando aconteciam, era tiro e queda: Antônio fazia questão de perguntar pela antiga namorada, que não via há dez anos. E perguntas sempre vinham a galope.

Ele estudou no Rio e a conheceu nos tempos de faculdade. Segundo ele, uma morena estonteante. Um pouco baixinha na estatura, não mais do que um metro e sessenta, mas o resto tinha de sobra...

*- Que bunda, meu Deus!*

Como eu agora vivia no Rio e frequentava, supostamente, os mesmos ambientes que a moça, Antônio queria ardentemente saber se eu a via. Mas eu apenas vagamente poderia saber quem ela era. Também como esquecer de um nome como aquele: Jerusa. Mas pessoalmente nunca a tinha visto.

Já nome que me intrigava... Seria com "G" ou com "J"? Nome verdadeiro ou apenas apelido? Será que era originado de Jerusalém? Eu tinha ouvido falar do gentílico erudito: *hierosolimitano*. Mas por este caminho não dava para atinar qual a fonte que teria jorrado um nome assim. E me intrigava mais ainda a insistência quase doentia do meu amigo:

*- Veja se a encontra e me traz notícias dela, da próxima vez que vier aqui...*

Mas eu tinha outras coisas para fazer, e não eram poucas. Médico residente em hospital público, dois ou três plantões duas por semana, empreguinho extra na Zona Norte. Não era brincadeira minha vida no Rio. Mas em todo caso, o nome me ficou, como se dizia antigamente, na algibeira.

Mas uma vez, contudo, em uma reunião para discutir o que fazer para um paciente especialmente complicado, alguém se lembrou:

*- Quem tem experiência com casos, assim é a Dra. Jerusa, pena que ela está longe agora.*

*- Longe, onde? Resolvi perguntar...*

*- Na Inglaterra, fazendo um estágio de hematologia avançada. Como se ela já não soubesse tudo nesta área...*

Voltei à minha cidade para uma breve temporada daí a poucos dias e, como sempre fazia nas férias, logo me anunciei aos amigos. Aquele que buscava Jerusa, perdida musa, foi o primeiro a me ligar, ansioso como nunca:

*- E então, alguma notícia?*

*- Desta vez, sim! E ele imediatamente se animou:*

*- Então vamos nos encontrar para você me contar, pessoalmente...*

Caramba, pensei, que notícia mais besta é esta que trago, apenas dizer que a moça está fora do Brasil. Mas Antônio era um amigo que eu prezava, com quem sempre gostei de bebericar um vinhozinho, de que ele era também grande apreciador, além de dono de uma adega invejável, e além do mais, poder usufruir de uma conversa agradável e variada. Aquela insistência em saber de uma ex-namorada era antiga, mas só tinha adquirido este teor de verdadeira aflição nos últimos tempos. Marquei com ele no dia seguinte e ele se prontificou em me buscar na casa de meus pais.

*- Antônio, porra, conte esta história direito! Que fixação, meu caro... Você casado com Soninha, pessoa tão bacana, com dois filhos, vida arrumada. Por que esta mania de querer fuçar o passado desse jeito?*

Ele me olhou de um jeito estranho, olhos perdidos no espaço, quase marejados, bem longe dos gestos que me eram familiares nele.

*- Eita, cara, é uma longa história...*

Conhecera Jerusa nos primeiros dias de aula na faculdade, na doação compulsória de sangue que os calouros faziam. Ela, acompanhada de outro aluno mais velho, que logo se confirmou namorado. Calhou de que fizessem parte do mesmo grupo nas aulas de anatomia. Ele começou a jogar charme pra cima dela, convidando para um café no meio da tarde, comentando o último filme que vira, estudando na mesma mesa na biblioteca, deixando os cotovelos se roçarem, buscando um café na cantina, essas coisas pequenas, mas que acabam aproximando as pessoas. Ela, recatada, educadamente o afastava de contatos mais íntimos, pois afinal tinha um namorado. Com a insistência do colega, acabou confessando que achava aquele relacionamento meio estranho, não tinha lá muita afinidade com o outro, mas que detestaria fazer qualquer coisa que parecesse traição a ele, que apesar de tudo era um sujeito legal. Antônio apenas lhe assegurou que esperaria, mas que – não podia negar – estava realmente muito interessado nela.

Algum olhar ou gesto de Jerusa deu a Antônio a sensação que ela acabaria anos braços dele. E assim foi, depois de alguns meses.

O tempo de espera se revelou compensador, com eles se percebendo como bons amigos cada vez mais, e assim teciam ampla teia de sentimentos comuns. Mas Antônio, especialmente, queria mais, passando a desejá-la não só como amiga, mas também como mulher. Eis que debaixo das roupinhas modestas que ela vestia, ele detectou um corpo que falava por si só, como belas curvas, coxas grossas, bicos de seios que insistiam em fazer volume debaixo do jaleco. A pouca altura só adicionava valor aquilo tudo, me disse ele.

Ela mesmo tomou a iniciativa de inquiri-lo, certo dia:



*- Não vai mais me fazer aquela proposta? Desistiu?*

Nem bem isso posto, aceitou o convite dele para um cinema, mas nem viram o filme, já perdidos em beijos, olhares e toques ardorosos de coxas e braços. Havia também, naquele mesmo dia, a festa de aniversário de um amigo comum e lá foram, oficializando, no ato, o namoro perante os colegas de turma.

Alguém que lá estava augurou:

*- Eu bem que desconfiava – isso vai dar casamento!*

Era a primeira namorada dele. Ela, além daquele que acabava de perder o posto, já tinha namorado um ou dois, mas nada muito sério. Com poucos dias de convivência, confessou a ele que ainda era virgem, mas que preferia se manter assim até se casar, pois esta era a regra que sua família estabelecia para a questão do sexo, com o que ela concordava sem restrições.

Antônio vinha de ambiente menos conservador e se ainda não tinha namorado de verdade, já era bem iniciado em termos sexuais, sem maiores tabus a respeito. Assim, ele que pensava diferente de Jerusa, em nome do entusiasmo que sentia com a conquista recente da moça, achou que este era um preço razoável a pagar para tê-la ao seu lado. E não sofreu com isso.

*- Você não imagina a bela vida que levamos naquela época... Eram festas, passeios, amizades comuns. Sintonia total, em gênero, número e grau, com uma química formidável. Todos louvavam o par que fazíamos. E não era pouca a inveja que muitos tinham de nós.*

*- Tinha tudo para dar certo... E não deu?*

*- A vida tem esquinas perigosas... E numa dessas eu me perdi.*

*- Conte como foi.*

Ele contou, com a voz um tanto embargada. Era impressionante aquilo, acontecimentos de dez anos passados ainda afetarem tanto uma pessoa, ainda mais um tipo que eu considerava durão, como meu amigo.

Foi assim: estavam já prestes a formar quando lhe apareceu uma tentação irresistível, sob a forma de uma colega de turma – esta do tipo liberal – que esteve com ele em uma festa, estando Jerusa fora da cidade, em visita aos pais. Começou com uma conversa macia, sem compromisso, mas logo olhares, assuntos sutis e certos toques de pele começaram a despertar sensações fortes em ambos, e com tal moça não houve recusa ou pedido de adiamento: na mesma noite estavam na cama, ou melhor, no banco de trás do carro que Antônio às vezes tomava emprestado do pai.

Mas a tal moça liberal era amiga de Jerusa... Além disso, aquilo ficou escancarado e parte da ação foi vista por muita gente que convivia com o casal. Antônio achou que a melhor saída era abrir o jogo com a namorada. Na volta de Jerusa, ele ainda estava na fase dos rodeios, procurando o melhor momento para tocar no assunto, quando ela própria lhe comunicou que já sabia de tudo e que aquilo para ela era o fim. E não quis mais conversar sobre o assunto. No dia seguinte mandou devolver, por um colega, os livros e alguns outros objetos que o namorado tinha deixado em sua casa.

Antônio tentou demovê-la, segundo me disse, mas dada a fraqueza da carne, reforçada pela força da decisão da tal moça que sabia o que queria, não foi difícil para ela aceitar a perda de Jerusa, embora tenha feito algumas tentativas ao longo dos meses seguintes. Sem sucesso... Até que chegada a formatura, poucos meses depois, Jerusa foi fazer residência em São Paulo e ele próprio tomou outro rumo. E não se viram mais. A colega liberal foi apenas um sonho de verão, tendo todo aquele namoro tão ardente esfriado pouco depois e não durado mais do que um semestre letivo.

Quando veio para minha cidade, no interior, terminada sua formação, arranjou colocação em uma clínica que precisava de um especialista como ele e em pouco tempo virou também professor na Faculdade de Medicina recém-aberta por lá. E foi assim que conheceu Sonia, sua aluna, por quem teve uma queda imediata, logo correspondida, situação que evoluiu para gravidez e casamento em poucos meses. Por trás de tudo, uma moça casadoira e uma família que fazia questão de papel passado. E ele que andava gostado da liberdade que a vida de solteiro lhe dera depois rompimento com Jerusa e da passagem da moça liberal em sua vida, se viu novamente preso no laço amoroso. E ao primeiro filho sucedeu um segundo, com diferença de apenas um ano entre os dois nascimentos.

Dito isso, mergulhamos em boa garrafa de um Valpolicella, seguido de um português, outro italiano, além de um chileno meia-boca, para arrematar. Bêbados, ambos, eu vi então um homem chorar de verdade, de saudade do passado e de arrependimento, coisas para as quais é impossível qualquer consolo.

Voltei ao Rio com pena dele, mas com a sensação de que não havia nada a fazer pelo meu amigo. Até que um dia...

Era uma sessão de congresso médico, daquelas que os corredores costumam ficar mais apinhados do que os auditórios, propriamente. Mas lendo o programa eu vi que havia uma palestra sobre algo complexo, ligado à tipagem genética das células brancas do sangue, tema que não me interessava quase nada. Mas pude ver que o nome da palestrante era Jerusa Soares de Alencar, a musa de Antônio, em pessoa! Era hora de conhecê-la, finalmente.

Cheguei atrasado e a sessão já tinha se iniciado. Na mesa pude ver apenas o rosto da musa, de longe. Parecia simpática, de fato, mas não exatamente a maravilhosa mulher de quem eu ouvira tantas histórias. De onde eu estava, pude pressentir que o tempo tinha feito alguns

estragos naquela escultura. Quando finalmente a vênus desceu da mesa, findada a palestra e o debate, me deparei com uma figura totalmente diferente de qualquer dos devaneios do pobre apaixonado. Um rosto que talvez já tivesse sido bonito, mas encimando um corpo disforme, marcado certamente por muitas gravidezes, para dizer pouco. Perímetro glúteo de um metro inteiro, se duvidar, embora ancorado por altura pequena, que talvez não passasse dos oito palmos de que havia me falado Antônio. Um abdome proeminente. Roupas meio balofas, que haviam substituído a decantada simplicidade no vestir por descuido e mesmo cafonice.

Que decepção...

Na minha próxima volta à cidade, para onde vim procurar minha vaga no mercado de trabalho local, já tendo deixado o Rio para trás, até que tentei evitar o encontro, mas ele acabou acontecendo, já que fazia parte da minha rotina ali. Antônio me veio com a pergunta de sempre.

- *E aí você conseguiu vê-la?*

- *Não. Não consegui, foi pena...*

Melhor assim.

\*\*\*

## **Crime e castigo**

Muito estranhos aqueles acontecimentos.

- *Você é culpado* - uma voz me dizia. Ou melhor, quase gritava. Mas eu não sabia de onde ela vinha e nem mesmo quem era que assim me falava. Era para mim mesmo? Nem sei, aquilo era tudo tão estranho.

Muito estranho mesmo. Eu morava agora em um quartinho alugado, em uma travessa de uma cidade desconhecida, onde havia cúpulas de

igreja coloridas, em forma de sorvete, além de estátuas por todo lado. Havia um grande museu, também. Mas aquele cubículo que me abrigava era distante de qualquer luxo, aliás, mais parecia um armário de que uma habitação.

Eu saíra dali para tomar um ar e ia devagar, pois me doíam os calos, coisa agravada pelas botas novas que eu usava. Havia no caminho uma ponte e ao atravessá-la dei de cara com a mulher de quem eu era inquilino. Evitei encará-la, pois lhe devia pelos menos uns três ou quatro meses de aluguel. Me senti um covarde? Ou apenas um tímido? Ou coisa pior, um cara fracassado.

Eu me via em estado de excitação e enervamento –além da minha habitual hipocondria, além do mais aprisionado que estava àquele armário imundo onde eu habitava, afastado de todos. Mas o pior é que havia mais uma criatura com quem eu também temia encontrar, mais ainda do que à própria locatária. Era a mulher infame que vinha me emprestando uns trocados para que eu me mantivesse naquela cidade grande, longe de minha família, que até me mandava algum dinheiro, mas que nunca me bastava. Maldita! Por conta dela fui penhorando tudo o que eu tinha, minhas roupas, meus livros, minha bicicleta e até mesmo alguma roupa mais social que eu possuía. E não via a mínima chance de regatar os bens a ela entregues, pois o dinheiro me faltava cada vez mais e a minha dependência dela só aumentava.

Foi por isso que tinha resolvido matá-la... E passei do pensamento ao gesto.

Mas na minha penúria eu não dispunha instrumento para dar cabo daquela megera. Por sorte encontrei uma machadinha abandonada em um lote vago vizinho. E fui cumprir minha decisão, com aquilo bem disfarçado dentro de uma velha bolsa, incômoda em excesso, não apenas por seu estado roto e lamentável, também pelo peso da ferramenta.

Foi assim que subi ao apartamento da velha usurária e quando ela abriu a porta já fui lhe dando uma bela machadada. Que coisa estranha, eu nunca havia matado ninguém, nem mesmo uma simples galinha! E foi tão fácil ela morrer... Recuei-me célere, temendo me sujar com a mancha de sangue que de forma rápida se estendia pelo assoalho. Saí de novo à rua e foi então que ouvi, pela primeira vez, aquele grito, que com certeza era dirigido a mim: *você é culpado!* E que parecia reverberar: *culpado, culpado, culpado!*

Saí andando sem olhar para trás. Quando passei pela delegacia que ficava próxima ao meu prédio, me veio um arrepio de medo, sei lá, mas logo minha mente trabalhou para me acalmar – não havia motivo para tanto, afinal. Ninguém havia visto eu subir ao apartamento da velha – e nem descer de lá. Estava salvo, pensava eu. Dei mais umas voltas pelas redondezas, comi um cachorro quente na esquina e finalmente me recolhi ao meu armário. Mas o sono não vinha. Recordava cada passo meu durante aquele dia, preocupado em saber se havia deixado alguma pista do crime que cometera. Mas tudo me parecia bem encaixado. Até que de repente, me lembrei da machadinha. Onde eu a deixara, afinal? Depois de um minuto de angústia me lembrei que ela devia estar em minha bolsa ainda. Por sorte confirmei: ela lá estava. Cabia atirá-la fora, mas onde? Àquela hora da noite...

Enquanto isso, longe, em algum lugar, eu continuava a ouvir aquela ladainha dos infernos: *culpado, culpado, culpado!*

Mas acabei me levantando e saí pela noite, para me desfazer da terrível ferramenta. Acabei por abandoná-la no mesmo lote vago onde a encontrara. Só não sei se foi no mesmo lugar, do qual no escuro não consegui me certificar.

Como se não bastasse meu estado de confusão, esbarrei com dois sujeitos conhecidos na rua. Um deles, meu amigo no passado, de quem eu andava afastado há tempos, o outro um cara que eu detestava,

eterno e insistente pretendente a namorar minha irmã. Tive vontade de matá-lo, também, mas pensei que minha cota de assassinatos estava completa para o dia. Para aquele dia, pelo menos.

Culpado, eu? Eu pensava em crimes de que ouvira falar pela imprensa. Aquele cara que matou o sujeito que lhe estuprou a filha nunca foi condenado, para não falar do outro que desviou uma grana do banco onde trabalhava. E mais aquele outro que fuzilou e estuprou uns 10 mil, lá nas estranhas? Mas quem rouba e mata outros criminosos com certeza merece perdão – por que não eu? E aquela velha era o diabo em pessoa. Se não fosse eu, certamente algum outro daria um jeito nela. E além do mais eu já havia poupado da morte o pretendente de minha irmã – e isso me redimia.

Assim, depois de muitas voltas no escuro, ouvindo aquelas acusações de culpa que eu não sabia de onde vinham, retornei para minha cama. E dormi muito mal, acordando a cada meia hora ou até menos tempo do que isso.

Logo que a manhã chegou eu procurei ir atrás de comer alguma coisa. É claro que em meu armário-quarto isso era sem chance. Na cozinha da dona do cômodo, nem pensar – eu estava proibido de entrar lá. Esta era outra que deveria entrar para a minha lista – ou para a lista de alguém – pensei. Na padaria da esquina, pedida a média de café com leite e o pão na chapa habituais, percebi que um cara me olhava de modo um tanto suspeito, de uma mesa nos fundos. Aquele sujeito, com quem eu havia me desentendido há tempos numa partida de bilhar, era um conhecido desocupado do bairro, com fama de ser alcaguete da polícia. Caramba, pronto, me lasquei, será que este estrupício estaria me aprontado alguma?

Mas por sorte minha o tal sujeito ficou pouco tempo por ali e eu relaxei, disposto a deixar de ser tão pessimista. Afinal – pensava eu – o que eu tinha feito não tinha chance de ter deixado testemunhas.

Voltei para casa para ver se descansava um pouco mais. A sensação que eu tinha era de uma noite passada em claro. Ao entrar no quarto, vi que a velha bolsa em que eu abrigara a machadinha, curiosamente, não estava pendurada onde eu pensava que a tivesse deixado depois de meu passeio noturno, no gancho atrás da porta. Achei estranho, mas deixei ficar assim mesmo, para pensar nisso melhor – e depois. Ao deitar, percebi que havia uma coisa volumosa debaixo de meu travesseiro. Eu passara a noite inteira ali e nem tinha notado isso – achei curioso também. Eu bem sabia o que era aquilo, um livro maçudo que eu andara lendo nos dias anteriores, emprestado por um colega de trabalho, antes de eu ser despedido. Ficou sem ser devolvido. O título daquilo era *Crime e Castigo* e seu autor um sujeito de nome complicado, acho que era russo. O personagem principal, um assassino, também, como eu.

Comecei a relembrar aquela história do cara que tinha matado uma mulher a machadadas e depois ficou alucinado com aquilo. Pelo amor de Deus! Será que tudo aquilo que eu achava estar vivendo tinha sido uma história a mim induzida pelo livro? Ou eu estive sonhando? Tentei me convencer que aquilo tudo não era a realidade e me tranquilizei. Mas não durou muito.

A manhã já ia alta e me chamaram à porta. A filha da senhoria me disse que havia um sujeito lá em baixo, com um envelope para me entregar, mas que eu tinha que descer para assinar. Que coisa chata, o que seria?

Na portaria, um sujeito sebo, de paletó e gravata, pose de quem manda, se apresentou como investigador e me entregou um papel que dizia que eu devia me apresentar a uma delegacia dali a sete dias. Mas não soube – ou não quis – me dizer por quê. Gelei por dentro. Não consegui pensar nada de positivo. De alguma forma, pensei, meu segredo tinha sido descoberto.



Voltei ao quarto angustiado, curioso para descobrir no tal livro o que havia acontecido ao assassino da velha, pois já me identificava com ele. Mas o livro já não estava onde eu o deixara, minutos antes.

E eu fiquei ali com aquele papelucho nas mãos, com as armas da República estampadas, sem saber o que fazer. A claridade da manhã entrando pela janela, longe de me aliviar, me revelou manchas de sangue em minha calça e nas minhas botas, das quais eu me julgava livres. Céus, o que estaria a acontecer comigo?

Na rua um auto falante móvel, habitual por ali, sempre anunciando pamonhas fresquinhas, agora ecoava: *culpado, culpado, culpado!*

Era para mim, eu bem o sabia.

Eu precisava escapar. Procurei trocar sapato e roupas, para me livrar daquelas manchas denunciadoras, mas não sei como, eu agora estava descalço e vestido com outra roupa, um macacão cáqui, duas vezes maior que o meu manequim, com número pintado a tinta. Na minha porta, assim como na janela do cubículo, o que havia agora eram grades grossas.

Ouvi passos subindo a escada. O toc-toc era de alguém que usava saltos, uma mulher certamente. Me lembrei da velha megera, que apesar da idade e da feiura caprichava neste tipo de adereço. Corri à porta, a tempo de perceber apenas um rabo de saia passando, mas também gotas grossas de sangue deixadas no assoalho. Pavoroso.

O sujeito seboso apareceu de novo – e me mostrava agora um novo envelope, e também um par de algemas.

Na rua o carro da pamonha esganiçava ainda: *culpado, culpado, culpado!* Recuei, horrorizado. Pela porta da frente eu vi que não poderia sair, fui até a janela e percebi que a grade tinha dobradiças ou de

alguma forma não parecia fixa. Empurrei-a para fora. E de um salto mergulhei na liberdade, deixando toda culpa para trás.

O carro da pamonha era na verdade uma linda carruagem branca e dourada, tendo como tripulantes duas ou três mulheres lindas, angelicais. Aleluia! Eu estava salvo!

\*\*\*

### **Da vida em Marte**

Se eu algum dia, ao caminhar por algum lugar deserto, topasse com uma lâmpada mágica e dela surgisse um Gênio, a me oferecer a possibilidade de fazer apenas um pedido, que seria o de rever alguém do meu passado eu não teria dúvidas em apontar Agenor. Se fossem três os pedidos, conforme a versão clássica dessa história, eu poderia também me lembrar de alguém mais, dos meus tempos de seminarista, por exemplo. Mas o caso real é este e não admite exceções: um só pedido e nada mais...

Agenor de quê? Não me lembro ao certo. Fomos colegas de ginásio, no velho Estadual, do qual trago ainda muitas lembranças significativas. Mas este Agenor era especial. Um tanto taciturno à primeira vista, cara de poucos amigos. De minha exata idade, mas figurando mais velho. De mim se aproximou e se tornou amigo e em pouco tempo, confidente.

Ele um dia me falou de amigos seus, que o impressionavam muito, e que gostaria de me apresentar, mas que isso dependeria de tempo e de que eles ganhassem confiança em mim. Quando eu lhe cobrava tal contato apenas me dizia: *está cedo ainda*.

Como aquilo despertou minha curiosidade, como costuma acontecer com os adolescentes, sempre em busca de mistérios e emoções, ele aos poucos foi me revelando pequenos pormenores de tais amigos. Por exemplo, que eram muito inteligentes, que viviam em comunidade, que

tinham uma rede pequena de contatos, à qual poucas pessoas tinham acesso, que eram pessoas do bem. Generalidades desse tipo.

Um dia deixou escapar uma frase misteriosa: *a vida deles aqui na Terra...* Aí, não deu para segurar: *aqui na Terra? Qual terra? Eles não são daqui?* Então, Agenor teve que abrir o jogo.

Primeiro me chamou para um recanto deserto do colégio, um portão permanentemente fechado, situado num desnível recôndito, junto à rua dos fundos e ali me pediu reserva total a respeito do que iria me revelar. E arrematou: *isto lhe trará risco de vida se você o revelar para alguém, ouviu?* Isto posto, finalmente me revelou por inteiro o seu segredo.

Seus amigos vinham de fora, não de outra cidade, estado ou país, mas sim de Marte. Sim, do planeta, também satélite do mesmo Sol que nós da Terra conhecíamos. Estavam aqui para ajudar a humanidade a enfrentar o sério perigo da guerra atômica (era época da famosa crise dos mísseis em Cuba). Entendiam e falavam a língua dos terráqueos? Para eles não era problema, tinham uma forma de inteligência superior, que automaticamente os sintonizava com a fala e a escrita dos lugares onde estivessem. Como se locomoviam? Em carros iguais aos nossos, mas cuja mecânica era completamente diferente por dentro, movidos que eram por algum tipo de combustível completamente desconhecido por aqui.

E haveria alguma coisa em que nós, da Terra, poderíamos ser melhores do que eles? Sim, apenas uma: *música*. Os marcianos apreciavam, particularmente, a obra de Beethoven. Mas na literatura eles nos achavam muito fracos.

Eu tinha tudo para não acreditar naquelas histórias, evidentemente malucas, mas fui dando corda ao meu amigo, talvez para ver onde ele poderia chegar com aquilo. Mas a verdade é que me divertia bastante com a criatividade dele e com a sua capacidade de não perder o fio da narrativa e nem cair em contradições, mesmo que passássemos

semanas inteiras sem falar daquilo, já que ele só o fazia quando nos encontrávamos a sós, pois, coerentemente, ninguém mais poderia compartilhar aquilo. E eu fui me fazendo de crédulo e acho mesmo tê-lo enganado a respeito disso, pois com o tempo as histórias iam se aprofundando e revelando inéditas facetas dos tais *marcianos*. Em dados momentos eu mesmo me via *acreditando* de verdade em tudo, pois chegava a debater com ele alguns temas digamos, mais *filosóficos*, relativos à presença de tal gente entre nós. Em outras palavras: eu fingindo que acreditava nele e ele fingindo que *eu* realmente acreditava no que ouvia.

Essa diversão séria, embora um tanto fantástica, em que o enganador e o enganado se confundiam, mas também se entretinham, durou alguns meses. No final do ano, com as férias, as conversas se interromperam e na volta à escola no ano seguinte, Agenor havia mudado de colégio. Desde então o procuro intensamente, apesar de o mundo não ter se acabado, da guerra nuclear ainda não ter se consumado e nem terem aparecido os extraterrestres, como ele previa.

Um dia tive um lampejo de memória a respeito de seu possível nome completo: *Agenor Mascarenhas*! Corri ao Google e lá encontrei um patusco que ensinava, através de um vídeo didático, a transformar velhas cuecas zorba em bustiês femininos, recortando o fundo dessas e invertendo seu modo de vestir, em parte oposta do corpo.

Não pude ver o rosto de tal artesão, mas com a exibição de tanta criatividade, não sei não, talvez se tratasse da mesma pessoa. Ou não... Na verdade, isso me sou indiferente depois. O Agenor que de fato contava para mim, único e singular, era aquele que morava em minha memória, amigo de extraterrestres e emérito mentiroso.

\*\*\*

## **Phantasilia e Belgladesh**

(Nova fábula, com sabor antigo)

Era uma vez um Reino, muito distante daqui no tempo e no espaço, chamado Phantasilia. Seu rei, Eu-ricus, muito poderoso e dono de muitas posses, tinha um único filho, Patricius, cujo sonho era estudar a Arte de Curar. Toda a família era impressionada com a destreza com que Patricius esfolava e depenava pássaros, retirando com perícia, de seus corpinhos ainda cálidos, os corações pulsantes. Todos queriam que o príncipezinho seguisse a carreira de *Perscrutador*, que era o nome que se dava aos praticantes da Arte de Curar e todos tinham certeza que ele se dedicaria ao estudo das cavidades esquerdas do coração, que era um ramo importantíssimo da perscrutatória da época. Naquele tempo, grassavam muitas doenças destas cavidades, tanto é que várias pessoas da família de Eu-Ricus e de sua mulher haviam adoecido e mesmo morrido em consequência das mesmas. Patricius era muito curioso a respeito de doenças e doentes e descobrira que as tarefas de *Perscrutador* lhe caíam como uma luva e haveriam de lhe granjear grande prestígio e muito dinheiro, pois não só pessoas de sua família como muitas outras, ligadas a ela por laços de sangue e de nobreza, padeciam das tais doenças cardio-sinistras. Quanto ao acometimento das demais cavidades do órgão, ou mesmo do corpo, bem como de outras camadas da população, Patricius pouco ou nada sabia, pois todo o seu pensamento, até então, fora dedicado a se imaginar um *Perscrutador* notável, um *cardio-sinistrólogo*, como outros que ele conhecera nos saraus da corte, todos muito queridos e muito abonados.

Assim foi que o príncipe chegou à idade de freqüentar a Academia da Arte de Curar e foi encaminhado por seu pai a uma notável instituição de seu tempo, conhecido como HUBrius, onde a maioria das famílias nobres punha seus filhos a aprender a Arte. É bem verdade, que já àquele momento, um Rei vizinho, por nome Jofranus, resolvera criar sua própria Academia, com a justificativa de que no Hubrius não se ensinava

corretamente a Arte e de que era preciso dar oportunidade a muitos no aprendizado da mesma. Apesar disso, Eu-ricus, apegado à tradição como um Rei que se preze, mandou Patricius para o Hubrius, recomendando que ele dedicasse o melhor de seus esforços ao aprendizado da Arte, o que, afinal de contas, era um destino traçado para ele desde a infância. Além do mais, não tinha cabimento que todos aqueles passarinhos inocentes tivessem sido sacrificados em vão... Patricius, justiça seja feita, saiu-se muito bem no Hubrius, tendo sido até escolhido por seus pares para fazer a tradicional *Homenagem aos Pais*, durante o rito de passagem final da Academia. É certo que ao findar seus estudos, Patricius se envolvera em uma polêmica desgastante com Epidemonis, um velho lente da Faculdade que cismara de mudar a tradicional e bem posta ordem das coisas, ao dizer que os alunos deviam também cuidar das pessoas pobres, estudar outras matérias além daqueles que tratavam do corpo e dos elementos físicos, além de praticar em ambientes diferentes das tradicionais *salas perscrutatórias*. Patricius, galhardamente, liderou a reação contra tais medidas estapafúrdias, argumentando muito apropriadamente que ele e seus colegas não tinham vindo à Academia, e com tantos sacrifícios, para praticar algo que não fazia parte de nenhuma tradição conhecida a não ser, claro, que tudo não passasse de uma invenção diabólica do notório Epidemonis, um sujeito que, além do mais, era conhecido no Hubrius e fora dele como portador de pensamentos fora de linha, donde sua alcunha jocosa de *Epidemonius*.

Superado e esquecido este episódio desagradável, que quase empana o brilho do grande festival que Eu-ricus promovera para homenagear seu filho, agora iniciado na Arte, Patricius resolveu seguir o caminho de todos os filhos das boas famílias da época: procurar o Reino de *Terra Mater*, para se aprofundar na Perscrutatória das Cavidades do Coração (esquerdas). E assim veio a conseguir, graças a um Arquiduque que devia favores a seu pai, uma vaga no Incorus, que era o nome do Templo onde melhor se praticava tal mister. Longa é a Arte, curta é a Vida... Passados cinco invernos, Patricius finalmente cumpriu o rito

final da Arte de Curar e recebeu a prebenda de *Perscrutador Hermenêutico e Douto*, ou «PHD», como singelamente se dizia então em *Terra Mater*. Como os anos passados em tais estudos profundos o haviam deixado muito esgotado do espírito e dos nervos, Patricius, com licença de seu pai, pôs-se a correr o Mundo, para conhecer outros Reinos e travar contato com perscrutadores de outras Academias, no que foi muito bem sucedido, tendo feito inúmeras amizades e mesmo sido convidado a colaborar em diversos alfarrábios que então se editavam aqui e ali sobre o tema das preocupações de nosso herói: os distúrbios das cavidades sinistras, etc.

Chegara entretanto, e finalmente, a hora de retornar a sua velha Phantasilia... Ah pobre Patricius! Quando ele vagava feliz e inocente pelos reinos da Disnélia e da Epcótia, jamais poderia imaginar que tudo mudara em seu país e que o mundo que ele conhecera simplesmente desabara! Para dizer pouco: a Monarquia fora derrubada e seu pai obrigado a se exilar em um Reino vizinho, a Penúmbria, sob a guarda de seu monarca e amigo Fernandus II. Os bens da família tinham sido confiscados, seu poder extinto. Aliás, o próprio nome de seu país natal fora mudado, era agora *Belgladesh*. O Hubrius entrara em decadência e Jofranus, em seu Reino à oeste, não cabia em si de contente com o sucesso de sua nova Academia, da qual agora emergiam chusmas de novos perscrutadores cavitários. Patricius encarou firmemente a realidade e foi abrir sua *Sala Perscrutatória* em um bom local, próximo às antigas residências da nobreza. Mas, qual! A nobreza se dispersara e os poucos que ficaram não tinham dinheiro. Alguns até mesmo descobriram que nem doentes eram de verdade, mas que haviam sido enganados por um certo *Perscrutador* de nome Iatrogenicus que andara pelo Reino, por coincidência num tempo em que os diagnósticos brotavam como cogumelos à sombra. Passados dois anos de sofrimento, o belo pergaminho que certificava sua passagem pelo Incorus esquecido em uma parede (e depois em um fundo de gaveta), Patricius teve que abrir mão de toda sua expectativa e de toda sua ilusão, cultivadas nos anos do

Incorus e nos reinos estrangeiros... Vai, envergonhado, à procura de um reles *emprego*, mediante soldo, para praticar a Arte. E aí então, horror dos horrores, dá com os costados em um lugar onde os doentes eram doentes não só das cavidades do coração, mas também de outras partes do corpo e até mesmo da alma, além do mais sendo pobres, muito pobres – pobres de doer! As *salas perscrutatórias* e a vasta equipagem de um *Perscrutador* nada valiam naquela situação – e era assim em toda Belgladesh, ex-Phantasilia. Foi então que Patricius lembrou-se de seu antigo desafeto Epidemonis, dito *Epidemonius*: quem sabe ele não tivesse razão? Mas aí, então, já era tarde, muito tarde...

\*\*\*

### **Registrado nas Efemérides**

Destas ruas de pedras lisas, que tantos pés esculpiram, as feridas nos morros se fizeram menos mortais e as mangueiras inundaram tudo com o cheiro seminal de suas floradas; das gelosias dos casarões alguém viu, mas logo se calou.

O café coado na cozinha dos fundos do casarão deixou um odor, logo substituído por outro, que não se conhecia.

Os burricos cargueiros na rua principal abriram suas narinas e estacaram por um minuto, como se o procurassem no ar, curiosos e assustadiços.

A velha ponte não tremeu daquela vez com as mulas a passarem por ela como um tropel em nuvens.

O rio, por momentos, correu majestoso como em outro século, quando os aventureiros obcecados pelo ouro ameaçaram incendiá-lo, para pasmo dos bugres. Peixes, que há muito não se viam por ali, saltaram no ar.



As pobres criaturas da Cadeia Pública, de um e outro lado das grades, estremeçeram ao perceberem a presença daquilo e a ele se renderam, sentindo algo que não sabiam, nem podiam, como coisa que evola, galo cantando ao longe, em outro tempo e em outros quintais.

Aragem vinda da serra, de alguma grotta úmida e florida, fez pássaros mudaram seu rumo e o leque dos coqueiros, levemente se adernou, como o velame de barcos em mar de nuvens. O ruído das palhas segredava a quem quisesse ouvir, mesmo sem entender, coisas graves. De onde vinha, quem sabia não contou.

Parece, eis o dito, que o olho nascente de tudo era o casarão rosado, na rua de cima, em um quarto dos fundos. Mal vislumbráveis na penumbra, mas denunciados pelo calor emanado e pelo seu odor a terra, cúrcuma, flores de manga e jenipapo, os corpos enlaçados, deles, os amantes, o mosto suarento. Na pele deles, em pequenas gotas, como borbulhas na superfície de um lago, desprendiam ar substância volúvel, que saturava a alcova, escoava pelos beirais do casarão, embriagava os pássaros no quintal, fez falar o papagaio mudo em seu poleiro e arrepiar a pelagem do gato preto na velha cozinha.

Aquilo ganhou a rua, a colina, os morros. Raros peixes vinham à tona do rio semivivo buscá-lo, sôfregos o retinham com suas guelras. Um menino sentiu e sorriu, sem saber o que aquilo pudesse ser. Um preso suspirou e pôs-se a cantar e todos o acompanharam. Na velha igreja, quase deserta, ouviu-se um coro de vozes, secundado por desconhecido instrumento, numa música que tinha cor e cheiro. A velha beata que dormitava com um rosário nas mãos estremeunhou-se e persignou-se, em pensamentos malsãos. Pensou naquelas coisas sem pejo de se confessar e até sorriu.

Foi assim, dizem: vinda a noite, na praça daquela cidade onde nada acontecia, todos haviam sentido, aquilo ainda no ar, sobre o que não se entendiam, por desconhecido e perturbador. Mas não falavam, apenas guardavam e se inquiriam curiosos, se algum dia poderia ser de novo.

E o ar se moveu, fresco, quando o Moço e a Moça seguiram rumo à ponte, para outra vez, em outro lugar.

\*\*\*

### **Encontro**

Ele acordou naquele dia com a sensação que estava se esquecendo de alguma coisa. Algo há muito tempo combinado e lembrado exaustivamente até há pouco. Mas, de repente, cadê? Pensou em contas a pagar, aniversário da mulher, compromisso com seus companheiros de futebol. Nada disso. Era coisa de todo diferente, da qual ele não conseguia lembrar.

Lutou com aquilo por algumas horas, foi trabalhar, almoçou, voltou à mesa da repartição, mas na hora de seguir pra casa, de repente, se deu conta. E aconteceu de uma maneira tão nítida que ele até estranhou como pôde ter esquecido e mesmo ter se esforçado tanto para lembrar.

Era simples a lembrança: às vésperas de seu casamento combinara com seu maior amigo que daí a exatos dez anos se encontrariam para beber alguma coisa e falariam sobre as mudanças que a vida lhes traria em tal período. Por exemplo, se aquele casamento teria valido a pena, sendo que o outro, que se declarava celibatário convicto, tentava por toda força de convencê-lo que aquele matrimônio não seria adequado para ele. E depois de passado tal tempo poderiam aferir quem teria razão.

Era isso! Como pôde ter esquecido?

Aquela combinação tinha ocorrido em uma noite especial. Ele, recém saído da escola técnica, mas já cuidando de uma família; o amigo, sozinho no mundo, a tentar uma carreira comercial, seguindo os passos do pai. Mas o que havia de mais palpitante naquele momento, para os dois, era a expectativa com relação ao futuro. Talvez por isso aquele encontro, fato corriqueiro entre eles e alguns companheiros mais próximos, porém ausentes naquele momento, se transformou em copiosa bebedeira, na qual só não viram romper o dia porque ele tinha pouca resistência ao álcool. E não foi por acaso que o amigo teve que ampará-lo para chegar em casa, a duras penas.

Mas havia um encontro a ser cumprido – e ele quase se esquecera disso! Agora, cabia se apressar. Com a mesma roupa com que tinha trabalhado e sem tomar banho, nem mesmo avisar à esposa, embora sonolento e louco de vontade de ir para a cama, saiu de casa às carreiras. O local em que morava não era pródigo para a busca de taxis, mas por alguma razão naquele momento teve sorte e logo lhe apareceu um, de um modelo antigo, grandalhão, pintado de amarelo, à semelhança daqueles que se vê nos filmes. O motorista, também um sujeito estranho, portando um boné antiquado, não lhe dirigiu palavra e nem mesmo lhe pareceu ouvir a informação sobre o lugar onde queria ir. Em dado momento, parou e mandou que descesse. Ele não discutiu, saiu do carro atirando uma nota qualquer no colo do homem do boné. E este arrancou fazendo cantar os pneus do carro.

Estranho, tudo muito estranho.

Mas pelo menos estava agora ao alcance do encontro ajustado dez anos antes, aquele boteco pé sujo, conhecido de longa data. Mas ele já não sabia bem onde ficava. Reconhecia o bairro, com seu casario sujo e desigual, os trilhos do bonde na rua principal, a fiação dos postes com os calçados velhos e pipas dependurados, mas aquela espelunca, misto de armazém, quitanda e boteco, onde estaria?

Vagou um pouco por ali, encontrando ruas que não tinham saída e passagens que ele definitivamente estranhava, de entremeio com outras que ele identificava sem maior dificuldade. Mas não tinha dúvida sobre isso, era de fato o bairro operário vizinho àquele de sua adolescência, por onde tantas vezes ele vagara, em gazetas e atividades de moleque.

Era curioso o fato de as ruas se encontrarem totalmente vazias. Aqui e ali ele ouvia o murmúrio de pessoas, vislumbrando um ou outro morador através das janelas. Aquele lugar, antigamente repleto de botecos, salões de beleza, igrejas de crente e pequenas mercearias parecia agora ter perdido toda vitalidade, mais se assemelhando a uma vila fantasma. De repente enxergou, mais adiante, uma velha a atravessar a rua e tentou alcançá-la para pedir informações, mas a mulher desapareceu atrás da porta de uma casinha que já era quase uma tapera, fechando-se ali rapidamente diante da aproximação dele.

Ao longe, lhe pareceu ter ouvido o chiado metálico das rodas do bonde, velho conhecido de sua infância. Mas logo em seguida se apercebeu que já naqueles tempos tal veículo havia parado de circular. Mas, curioso, constatou que os trilhos estavam ainda ali. E aquele ruído se perdeu na distância, se transmutando em cantoria de cigarras ou zoeira que ele não conseguia identificar.

A igreja à sua frente lhe indicou que na verdade era preciso mudar o rumo, pois ficava distante do lugar que procurava. Ela também estava fechada e apresentava sinais de decadência e abandono na pintura, nas portas, na torre do sino, nos jardins do adro. Olhou para cima e viu que nem havia mais sino. Lembrou-se do padre que atuava ali, figura severa e detestada, assim reconhecido mesmo além dos limites de sua paróquia. Ele pelo menos bem cuidava das instalações da igreja, mantendo tudo aquilo ali com capricho, mas agora o abandono era completo e irreversível.

*Como tudo aqui mudou*, lhe martelavam os pensamentos, observando e sentindo cada vez mais intensamente que havia, de fato, naquela jornada muita coisa estranha e diferente. Mas não via jeito de desistir, pois o compromisso assumido lhe falava mais alto. Até que surgiu uma pista que lhe pareceu segura.

Lembrou-se que o boteco que procurava ficava em uma baixada, ao final de uma rua íngreme, em uma esquina, logo junto a um córrego e uma ponte. Pela orientação do terreno, percebeu que ia em tal direção, mas a rua que um dia fora uma viela estreita agora era uma avenida larga e asfaltada, em duas pistas. A velha ponte não estava lá; agora um grande viaduto atravessava todo o vale. Mas a conformação do terreno parecia confirmar que ele estava finalmente se dirigindo ao lugar que procurava. Na parte mais baixa viu que o córrego agora estava canalizado e não era mais visível, mas o lugar continuava a lhe parecer condizente com o que procurava. Reconheceu a esquina do bar, mas o que havia ali agora era um terreno baldio, com lixo jogado a esmo e frondosos pés de mamona a ocupar quase todo o espaço. Mas era lá, com certeza. Fim da procura.

De repente, ouviu seu nome ser chamado, um duas, três vezes. Seria o amigo que procurava encontrar? Deu sinal de presença, com gritos amistosos, mas a voz que o chamava parecia se distanciar. Mesmo assim foi a seu enalço.

Gritou *quem é que me chama?* Só teve como resposta o silêncio. Mais uma vez e mais outra. Então ouviu, quase como um sussurro:

- *Sou eu... Não me reconhece?*

- *Eu, quem? Não lhe reconheço.*

- *Eu sou você, ora essa.*

- *Como assim? Eu sei quem eu sou – mas você, quem realmente pensa que é?*

*- Isso mesmo que você ouviu. Seu encontro é improvável. Deixe de inventar histórias, abandone de uma vez por toda essa pretensão de achar que sonhos podem virar realidade. Isso não é para qualquer um.*

E em seguida, a voz não mais a sussurrar, mas em tom imperativo, quase como uma ordem, em alto e bom som: *volte ao seu cotidiano, de onde você não tinha autorização para sair!*

Foi aí que ele acordou, em um arrepio medo que logo se transformou em alívio...

\*\*\*

## **Entrelace**

No começo de minha carreira eu trabalhava como viajante, representante de uma empresa de atacado farmacêutico. Conheci assim muita gente. Alguns verdadeiros santos; outros, nem tanto. Certos indivíduos fariam boa figura atrás de alguma grade, mas outros, muito ao contrário.

É o caso deste, que poderia ser o patrono dos bons: José Correia, dono de movimentada drogaria no interior do estado. Aquele era especial; diria mesmo que figura emblemática na cidade. Já tinha sido vereador, Juiz de Paz, Provedor da Santa Casa, presidente do Lions Clube, vicentino militante – tudo o que faz de um homem em comunidade personalidade prestante e imprescindível.

Já nossas primeiras conversas, ele muito respeitoso comigo, como era com todo mudo que o procurava, foram marcadas por simpatia mútua. Nossa diferença de idade ultrapassava os trinta anos. Difícil foi manter a conversa nos trâmites comerciais habituais. Ali mesmo descobrimos que tínhamos origens familiares comuns, no Oeste do estado. Já naquela ocasião me falou de sua filha mais nova, e me avisou: *você deveria conhecê-la, vai gostar dela, pensa do mesmo jeito que você.*

...

Algum tempo depois de fato a conheci, Maria Lúcia, a filha de José Correia, quando ela e seu marido vieram morar e trabalhar na cidade onde eu vivia. Ela me veio recomendada por uma prima, de quem já era amiga e parceira de trabalho. Mesmo sem tais recomendações, do pai e da prima, tenho certeza, nossa empatia teria sido imediata e irreversível. E ela acabou por trabalhar próximo a mim, eu agora em cargo de repartição pública. Isso me abriu novos horizontes, pois eu era quase novato também e ainda tinha pouco domínio sobre as tarefas que me eram destacadas. Mas ela já tinha experiência burocrática acumulada e foi muito solícita comigo, de sorte que fui logo apresentado a substanciosas novidades e pulos do gato. A hierarquia da burocracia, que me destinava lugar superior, foi logo desconsiderada, em favor de uma troca de conhecimentos de igual para igual.

E foi assim que começamos a pensar coisas novas, voltadas para facilitar a vida dos demandantes da repartição. Nem tudo totalmente praticável, dentro daquela estrutura rígida e careta que nos abrigava. Com toda nossa juventude e saúde, na época, nos vimos quase que *adoecidos* de tantos projetos, embora tenhamos conseguido realizar menos que a metade deles. Mas valeu a pena.

Vi em Maria Lucia uma pessoa radicalmente coerente, daquelas que por vezes incomoda a quem interage com ela, mais ao mesmo tempo generosa e disposta a *fazer junto*, que é uma expressão que ela sempre usava na sua interação com os demais. E sempre capaz de desfazer algum mal-entendido com uma palavra amiga, um gesto significativo de apoio.

...

A amizade e a admiração por Maria Lucia tinham logo se estendido a Elizabeth, minha mulher e a meus dois filhos pequenos, que passaram a tê-la, mais do que uma pessoa amiga da família, como um anjo benfazejo,

eterna conquistadora de crianças rebeldes, a quem se recorria nas horas boas e más.

Elizabeth... A nossa era apenas uma história banal. Amigos de infância, vivemos um pouco do que a juventude daqueles anos loucos, de psicodelia e rock-n'-roll viveu. É verdade que meio atrasados em relação a maiores ousadias. Revolução sexual, por exemplo, não rolou para nós. Casamos virgens, ela totalmente e eu mais ou menos. Drogas não eram a nossa praia. Eu até tinha conhecido a maconha em uma viagem à praia que fiz apenas com amigos. Mas ela resistia a experimentar, alegando não saber tragar. Um lança-perfume, vez ou outra, era o que nos permitíamos, no calor de um carnaval, não mais do que isso. Papos cabeça, como era moda na época, não nos pegaram muito, pois padecíamos de certa objetividade – nosso negócio era formar logo, sair para a vida. Ah, sim – e casar. Afinal era preciso nos libertar dos grilhões familiares, embora isso para ela não trouxesse a carga negativa que tanto me afetava. Mas era frustrante não podermos viajar juntos, sair sem destino e sem ter hora de voltar, experimentar emoções diferentes, contrapor à ditadura, *make love*, coisas que naquela ocasião todo mundo de nossa geração fazia.

Com vinte e dois anos já éramos independentes de nossas famílias, eu fazendo bicos; ela com bolsas de estágio que conquistava num piscar de olhos. Daí a casar foi um pulo. Com vinte e três fomos ao altar e começamos uma vida de muita tranquilidade e amorosidade, que durou quase duas décadas, no total. Uma história exemplar que tinha tudo para ter um final feliz.

Compartilhamos o gesto corajoso de mudar de cidade, abandonando a a capital que já nos oferecia tantas oportunidades. Fui trabalhar em uma farmacêutica, rodando às vezes mais de mil quilômetros por semana. Depois veio o serviço público. E o mais numa sequência previsível: um e depois dois filhos; construção de uma casa e de outra casa; compra de



sítio; viagens, muitas. Um patrimônio material e simbólico sendo erguido com prudência e solidez. Casal mais bem-sucedido, impossível!

...

E seguia a vida na repartição. Com pouco tempo o chefe e os próprios colegas começaram a notar nossa disposição e nossa energia com o trabalho e começaram a nos carregar de tarefas, que abraçávamos com fervor, vendo nisso mais uma oportunidade de criação e encontro de soluções pra problemas que aos outros pareciam insolúveis, mas para nós não.

E assim em comecei a me dar conta daqueles olhos profundos, escuros, que faiscavam no fundo de um rosto moreno, bem proporcionado. Dependendo da maneira como fitavam alguém, denotavam uma pessoa que alguns rotulavam como *brava*. Mas só à primeira vista; isso se desfazia no contato mais prolongado. *Exigente*, principalmente em matéria de trabalho delegado a outros, talvez fosse a palavra mais certa. E quem falhava com ela sabia muito bem o que era isso.

Mas que olhos, aqueles...

...

Aos poucos nos vimos, eu e Maria Lucia, envolvidos cada vez mais nas ações de trabalho, ou mais do que isso, buscando serões, reuniões além do horário, conversas fora da moldura, intimidade crescente. Mas tudo dentro de limites aceitáveis, facilmente perceptíveis a terceiros como boa e saudável relação de trabalho, nada mais do que isso. Mas devagarzinho começamos a perceber que não era bem assim. Havia mais coisas entre nós do que isso.

Um dia fomos participar de uma reunião externa, fazendo uso, para isso, da velha *viatura* que nos atendia nesses casos. Ali no banco de trás, com mais uma pessoa nos acompanhando, me dei conta que os nossos

cotovelos, forçados pelas circunstâncias e se manter colados, não se desgarraram quando o terceiro ocupante deu uma folga. Coxas, lado a lado, também. E na sequência, reunião formal em andamento, o documento passado por sobre a mesa, a página de legislação pesquisada lado a lado, a xícara do cafezinho que sempre trazíamos um para o outro, tudo isso passando a ser motivo de discreto roçar de dedos e mesmo toques propositais, nos braços, nas costas, no ombro, quando queríamos, por algum motivo, chamar-nos mutuamente a atenção.

Era uma reunião tensa, com os supervisores que vieram da Capital e ela se sentiu injustiçada com o nível das pressões que então sofria. Aquilo não dizia respeito a alguma tarefa na qual eu também estivesse envolvido, mas procurei ser solidário, com alguns gestos, mas pensando que deveria depois confortá-la de forma mais direta. E ao final lhe ofereci carona, pois ela teria que aguardar uma amiga, que talvez demorasse a chegar.

Depois daquela jornada de trabalho, mais tensa que de costume, mal aboletada no meu carro, antes que eu pudesse lhe dizer qualquer coisa, ela destampou um choro convulsivo. Eu já sabia desta sua maneira de reagir, já tinha presenciado isso algumas vezes em nossa convivência diária. Ela mesmo dizia para os mais íntimos, que não reparassem, porque chorava mesmo, às vezes por motivos insignificantes. *Até por ver um cachorro molhado pela chuva*, segundo ela. Mesmo assim, minha primeira reação foi de espanto, não conseguia dizer nada, nem mesmo esboçar algum gesto.

Ao chegarmos em sua casa – ela estava sozinha, marido viajando – não me furtei a descer e acompanhá-la até a entrada, ela já de lágrimas enxugadas. Quis que eu tomasse uma água, um café, que entrasse enfim. Entrei. Ali dentro, nossa inação durou apenas alguns segundos. Quando demos por nós, estávamos abraçados, em um dos aqueles abraços de corpo colado dos pés até a cabeça. O sôfrego beijo na boca que se seguiu chegou para nós com a força de uma catarata.

Nada mais seria como antes entre ela e eu...

...

O velho José Correia continuava presente minha vida. Sua cidade não ficava distante e vez por outra o visitava. Ele estava agora aposentado e se dedicava à fazenda que comprara pouco tempo antes, que ele administrava com carinho, associado à competência que sempre exercera, como negociante. Maria Lucia, agora amiga da família nos acompanha nas visitas, junto comigo, minha mulher Elizabeth e meus filhos pequenos.

Por este tempo fui ver meu amigo. Soube pela filha que ele andava doente, mas era daquele tipo de pessoa que, mesmo condenado por alguma doença, grave que fosse, era capaz de mandar plantar dez mil pés de café, reformar a casa e povoar um viveiro com galinhas e patos. Além disso, acabara de trocar o carro por um mais novo e mais veloz.

Notei, naquele dia, que apesar da disposição em me exhibir as benfeitorias, ele ofegava ao caminhar. Suava, talvez, um pouco mais que o costume. Ao transpor o rego d'água, não armou o costumeiro pulo, majestoso, que apesar dos setenta e sete anos, ainda lhe permitiam as longas pernas. Antes, preferiu passar pela prosaica pinguela, destinada, naqueles passeios, apenas às mulheres.

Chamavam-nos para o café, preparado ritualmente pelas empregadas, uma tradição nas casas da cidade e da fazenda, desde o tempo em que ainda era viva a esposa. Na mesa grande, três ou quatro quitandas diferentes, queijo de Minas feito em casa, além de, é claro, bom café plantado, torrado e moído ali mesmo. Na mesa, a sós comigo por alguns momentos, dirigiu-me o olhar azul profundo, agudo, sem deixar de ser carinhoso: *e você, então, como anda sua vida? Você parece preocupado...*

Confesso que estremeci... Será que ele sabia de algo? Mas na verdade duvidava que a filha, dona de radical discrição, tivesse lhe revelado

alguma coisa sobre ela e eu. Mas aquele olhar me pareceu inquiridor, sem dúvida.

...

Elizabeth não demorou a perceber as mudanças que eu experimentava. Em sua maneira discreta, não me inquiria diretamente, isso não. Mas não deixava de querer saber o motivo de algum atraso meu para chegar em casa depois do trabalho, quais as pessoas que estavam comigo, se eu já não fizera a mesma coisa fora de horas na semana anterior. Eu levando a vida com ela sem demonstrar alguma alteração, pelo menos por fora. Não queria esticar a corda, até porque grande parte das investidas se davam pelo que eu considerava mera imaginação dela.

Assim foram passando os dias em aparente normalidade. Alguém que nos visse de fora poderia até achar que nossa vida de casal continuava a mesma. Mas intimamente eu sentia a diferença – e ela era palpável.

Um dia tive que acompanhar uma comissão de sindicância em um périplo de reuniões burocráticas em cidades vizinhas. Normalmente isso se dava ao longo de um mesmo dia e eu sempre voltava para dormir em casa. Mas neste fatídico dia voltamos mais tarde, sem jantar e eu fui acompanhar o grupo em um restaurante da cidade. E como tarde chegáramos, só fui liberado para ir para casa lá pelas tantas. E ali havia uma cena armada, com gritos, lágrimas e grande agressividade. Não quis estender ou aprofundar aquilo, fui dormir no quarto de hóspedes para encerrar o assunto.

Eu não conseguia dar conta de discutir o assunto de forma calma e neutra, pois não via naquilo racionalidade alguma. Só rompi o meu silêncio depois de muita pressão e fiz ver a Elizabeth seu equívoco, acusando-a com certo abuso através de palavras como “loucura” “ciumeira” e “insegurança afetiva”.

Ato contínuo ela me obrigou a jurar que não havia nada entre alguma mulher e eu. Mas havia ali um sujeito oculto – Maria Lucia – eu sabia. Mas jurei que não – fazer o quê?

Mas nossa vida já havia mudado. Era bem outra agora.

Neste mesmo tempo Maria Lucia foi transferida de volta à Capital, por pressão do marido, que queria estar lá, junto de sua família, mas também por representar uma oportunidade de promoção funcional. Mas na época acreditei que havia ali também certa vontade de afastamento, em relação a uma situação que começava a transpor as bordas da normalidade conjugal, dos dois lados.

...

Eu não via Correia há quase um ano. Eu soubera de pouco, pela filha, que ele estava de fato doente, de câncer, com um prazo de vida indefinido pelos médicos, provavelmente curto. Acompanhava-o, entretanto, à distância, pelas informações da filha e telefonemas ocasionais. Sabia-o machucado pela moléstia, com o corpo alterado pela brutalidade da quimioterapia. Eu não queria vê-lo naquele estado.

Outra coisa, ainda, me mantinha distante. Como eu tinha rompido casamento com Elizabeth, tinha receio que o afeto que ele sempre dedicara a mim e a ela não sobrasse para mim sozinho, que trilhava agora outros caminhos. Ou que me recriminasse, por partir vínculos tão sagrados. Aquela visita me deixava um tanto angustiado, com medo da reação que ele pudesse ter. Mesmo assim fui assim encontrá-lo na fazenda, onde poderíamos usufruir da privacidade que uma visita na cidade, onde seu entorno numeroso e comunicativo, com certeza não nos permitiria.

Nada, porém, foi como eu temia. Recebeu-me com as honrarias de sempre. Mostrou-me as novidades no curral e os chiqueiros reformados, o novo trator, o viveiro para o qual havia adquirido um punhado de novos

habitantes, desde porquinhos da Índia, para alegria dos netos, a uma rara cacatua, além de galos e galinhas exóticos, de polainas e crista caída sobre os olhos.

...

O tempo passou e me vi diante de acontecimentos que não tiveram como ser totalmente vividos, pelo menos da maneira que as histórias de amor devem sê-lo. Meus encontros com Maria Lucia, agora separados por muitos quilômetros de distância, se rarefizeram, mas continuaram a existir, sempre furtivos. O mundo ao nosso redor não poderia saber, definitivamente, nada do que se passava entre nós. Mas continuava tudo muito profundo, avassalador. Vi logo que aquilo era um fato especial, inédito em minha vida até então, a transformar uma rotina pacata e sem grandes emoções.

É verdade que já sentia minha vida ser marcada por um desejo de ímpeto e pela inquietação. Vi assim, quando olhei para trás, que nem sempre me fora possível estar consciente de tudo o que me acontecia e seus desdobramentos. Cheguei a questionar minha racionalidade e capacidade em assumir condutas apropriadas, seja do ponto de vista afetivo, profissional, ético. Mas não havia espaço, agora, para divagações, o que havia de verdade era um enorme problema. Eu até há pouco homem casado, em relação tida como ajustada e socialmente admirada, atirado agora à vala de um romance clandestino e arriscado, cujo desfecho eu nem poderia conjecturar.

Li por esta época um texto de Cioran, um filósofo da Europa central, no qual ele dizia que a única maneira de não sucumbir a uma paixão era se abrir para muitas paixões. Sem titubear, me dediquei com total afínco e disposição total a tal dito. Mas a força essencial a me guiar estava em Maria Lucia, em mais ninguém.

E bateu forte em mim algo que meu pai já havia me advertido algum tempo antes, mas que agora assumia forma autocrítica. Ele me acusara

de ser alguém que pulava de um galho a outro, antes que encerrassem os ciclos das experiências que vivenciava. O que ele disse valia especialmente em relação à minha separação de Elizabeth, talvez também ao campo profissional. Mas diante dos fatos do momento, aquela vida louca que eu andava apreciando, isso vinha para mim com força total.

Tive que admitir no íntimo que era, de fato, portador de uma inquietude crônica, algo de que não me conseguia curar e que me causava forte frustração e remorso; um sentimento que, eu pressentia, talvez me acompanhasse pelo resto de meus dias. Mas eu não fazia outro movimento senão pensar nela, em Maria Lucia, que via como especial e verdadeiro privilégio que a vida me oferecera, ao mesmo tempo que queria desfrutar de forma inteira – e não tinha a menor ideia como fazê-lo.

Enquanto isso corria a fila de namoros de ocasião, nos quais eu mergulhava sem pudor, como alternativas razoáveis para não enlouquecer.

Eu bem que queria queimar pontes, afundar navios: mas como? Apesar de tudo, as correntes que prendiam a mim e Maria Lucia à terra firme eram fortes demais.

...

Eu me abri com Correia, no assunto da separação de Elizabeth, como nunca pensei ser capaz. Eu tinha com ele uma relação afetuosa e franca, mas, nunca antes me sentira capaz de confissões tão pessoais e íntimas.

Escutou-me calado, paciente. Creio que nem me fez perguntas. Apenas me deixou falar, sem qualquer gesto intempestivo. Quando percebeu minha loquacidade diminuída, atalhou, bondoso: *vamos, ainda preciso mostrar muita coisa a você; aqui na fazenda não se para nunca, tem sempre novidades.*

Fomos aos cafezais e à nova gleba recém incorporada. Depois ao pomar de laranjeiras que começavam a ser substituídas por enxertos novos, por estarem caducas muitas delas. Mais uma vez estivemos no curral, para assistir à tirada vespertina do leite. E, principalmente, continuamos a conversa longa e macia que, entre ele e eu, mesmo com tantos anos de diferença na idade, parecia nunca ter tido começo ou fim.

E me fui, no rumo de casa, enxugando com as costas das mãos, repetidas vezes, as grossas lágrimas, já misturadas com a poeira vermelha da estrada. Havia no ar um prenúncio de que talvez não tivéssemos outro encontro. Aquele homem já era pra mim um verdadeiro pai, que escolhi ou pelo qual fora escolhido, não sei bem ao certo, e ele me abençoava. E com isso eu seguia aliviado, em busca da felicidade que merecia. E ela me pareceu, naquela hora mágica, uma busca que justificaria toda uma existência. Só que irrevelável, para ele e naquele momento, pelo menos.

Do portãozinho do jardim da casa da fazenda ainda o ouvi repetir: *que você seja feliz, que Deus lhe abençoe; continuo a gostar de você mesmo assim*. Entrei no carro depressa, com certo pudor de que ele me visse os olhos molhados. E vim pela estradinha de terra, depois pela rodovia, gozando o privilégio de ter encontrado, em plena maturidade, aquela especial figura de amigo – e quase pai.

Não mais nos vimos. Três ou quatro meses após minha visita, veio a falecer durante uma pescaria com amigos, no pantanal mato-grossense. Vi-o no funeral, com a face serena de quem confiara a alma ao espírito das matas, dos rios e da fauna.

Queria ter aquela bênção como um filho – ou seria um genro? – desejaria ter de seu pai ou sogro. Mas não era isso que a vida me dava.

...

Esta pessoa, em sua generosidade peculiar, mas certamente dotada da percepção consciente de que o que vivíamos era realmente algo inédito,



raro e profundamente iluminador, continuou me acolhendo, mesmo que por vezes se passassem muitos meses entre um momento de aproximação e outro. Cada encontro ou reencontro sempre se fazia como se fosse o da primeira vez, ou, pelo menos, como uma conversa que tivesse sido interrompida em sua melhor parte, mas apenas no dia da véspera.

Mas o certo é que havia encontros e desencontros. Ela casada e eu separado, mas vivendo intensa e atabalhoadamente a lógica de Cioran. Cada retorno talvez representasse o risco de revolvimento de cinzas, que seria mais lógico estarem apagadas. Ou, quem sabe, de se abrirem, para amigos e família, certas caixinhas de conteúdo já conhecido, mas cujo vazamento seria imprevisto, para o bem ou mais provavelmente para o mal. Mas o que seria, de fato, o *bem* e o *mal* nessa história toda?

Os anos se passaram. Quando ela se separou do marido pedi-lhe meio de brincadeira, meio formalmente, a mão em casamento. Mas ela negou – e continuou negando pelos anos que se seguiram. Não queria reforçar as suspeitas que já havia em algumas pessoas, de maneira especial em Elizabeth, que mantinha com ela uma amizade muito próxima e intensa.

“Com todo o meu Amor por você e pela nossa história” assim eu encerrava minhas mensagens escritas.

...

Todos então me viam como o grande folgazão, homem que abandonou a família para usufruir das delícias de uma vida sem compromissos que não fossem com o prazer e variadas companhias femininas. Até certo ponto era verdade, mas as penúrias por que passei naquela vida louca, sem rumo – disso ninguém sabe.

Elizabeth mudou de cidade e carregou nossos filhos para longe. E eu não pude fazer nada. Fiz uma tentativa de me reaproximar dela, retomar o casamento, mas ela me tratou com distanciamento e até desprezo. Desisti.

Fui fazer um curso no exterior e depois fiquei de licença mais um tempo, com pouco contato com meus filhos. Repetia para mim mesmo, com insistência: a vida é feita de escolhas e a gente paga pelas más opções,

...

Recebi de Maria Lucia, em todo tempo que nos relacionamos, uma única mensagem escrita, respondendo a uma mensagem minha na qual eu me penitenciava de meus erros. Seu teor me dispensa de dizer qualquer coisa mais: *Nem anjo nem demônio, você mesmo. Muitas vezes doce, outras severo. Sempre com opinião sobre tudo. Sabe dizer a vida em versos sempre que alguma coisa desata em seu coração. Recebe com coração e comidinha quente. Tem a casa iluminada na medida certa, nem mais nem menos do que o necessário para se ver o essencial. Sabe guardar as relíquias da vida na memória, que pode ser reativada sempre que a saudade traz lembranças gratificantes. Enfrenta o desafio de "resignificar" a rotina e os pequenos detalhes da vida. É este homem que gosto. Beijos.*

A vida real continuou a falar mais alto.

...

Vou me lembrando de tudo isso enquanto dirijo, pela madrugada, em uma estrada interminável. Ajunto lembranças e segredos acumulados por tantos anos, pensando em tantas coisas que eram para ser e não foram. Ou talvez não fossem para existir de verdade mesmo.

Naquele dia, mal começado ainda, um telefonema agourento me tirou da cama. Maria Lucia entrava em agonia, me disse a amiga que estava junto dela – e me chamava. Eu, na verdade, já esperava tal notícia. Alguns meses antes, em fase de retomada de contato entre nós, ela havia me falado de uma febre renitente, mal estar e emagrecimento. Com um *não há de ser nada* não aprofundei o assunto. Algum tempo depois voltou a me falar daquilo, mas diante de uma nova realidade: havia agora um câncer diagnosticado – o mesmo do pai. E veio a sequência infernal:

cirurgia, quimioterapia, internações, degradação física e muito sofrimento.

Algumas horas depois vi em seu rosto, debilitado e agora envolto em um lenço para disfarçar a queda dos cabelos, a indesejada presença. O fim se mostrava próximo e eu já havia perdido a esperança de que realizássemos qualquer projeto de vida juntos. Vi que então nada mais era possível, com ausência total de qualquer esperança. Passei-lhe as mãos pela cabeça glabra e me assustei com a textura de papel de seda de sua pele. Sentamo-nos junto à TV, fechei suas mãos nas minhas, algo que em muitos anos de convivência nunca havíamos experimentado, assim, em sessão quase pública. Levei-a ao leito mais tarde, pois ela dormitava extenuada ali do meu lado.

Ao deitar, puxou-me para junto de si e ali fizemos o que a vida não nos ofereceu de forma consistente: toda uma noite só para nós, menos de sono que de afagos de amor, ineditamente juntos de tal maneira, mas estranhamente, por primeira e última vez, porém para sempre. Uma semana depois ela se foi, sem outra despedida a não ser esta.

Restou para mim esta história, que não posso revelar a ninguém.

\*\*\*

### **Mato Dentro**

Eu queria apenas voltar à velha cidade, terra de minha gente, em seu ninho de morros. Sair da cidade grande e maldosa, mesmo à custa de trilhar os sujos e tristes caminhos da periferia, com todo lixo jogado nas ruas e o povo pobre amontoado nos abrigos de ônibus. Gente andando pelo meio da estrada que ali virou rua comum, crianças atravessando na frente dos carros, ônibus e caminhões.

Mas é sempre bom ver, mais adiante, recortadas no horizonte aquelas montanhas de azul-pálido, meio confundido no cinzento da fumaça das

queimadas. Mas cabe ansiar por mais aprazíveis lugares, mesmo em meio ao trânsito infernal de veículos, na via intercalada por quebra-molas, passagens de linha de ferro, gente assustada a disputar espaço com as máquinas, fileiras intermináveis de casebres, lindeiros ao asfalto. Tudo que se quer é deixar logo para trás a feia mancha urbana, com seu poder de sujar e ofender a paisagem.

Faz parte do caminho uma velha cidade, a prenunciar decaimento e podridão, vizinha ainda quase emendada à metrópole. Mesmo com tanta história em suas vielas, mas herdando da cidade grande e até piorando o que de pior possa haver. Ali a fileira de casarões, seus telhados sobranceiros, uma ou outra igreja ou chafariz, é apenas o que sobrou da opulência antiga. O mais são placas comerciais em barafunda que anunciam negócios ou mercadorias, a turvar e contaminar o que a vista alcança. Quintais com mangueiras centenárias, neste momento em florada, não redimem o que é apenas decadência.

O horizonte que se vê, em seguida, está totalmente dominado pelas feridas deixadas pelos veios esgravatados do ferro. E por tais caminhos vou ao meu destino, lugar tão esquecido, de ruas mal traçadas, rendido às divindades da mineração e da especulação. Por lá, incansáveis políticos, tão pouco originais, põem placas de louvor a ilustre filho da terra, artista da palavra. Aqui, pressinto ser ele festejado, muito, muito mais que lido. O ostensivo mau gosto de uma modernidade pretensiosa não oculta, de forma alguma, os sinais da degeneração. Esta se impõe por si só.

*Secos os veios do ferro neste vale sinistro*, o que subsiste é o passado que se esgueira em toda parte, sem jamais voltar por inteiro. Entristecido e abafado vejo que em vão se deu minha viagem. Não há muito o que fazer por aqui. Melhor encarar o retorno pelos tristes caminhos, em meio ao lixo, à fumaça, ao tráfego pesado e a toda pobreza em sua sina de sempre. O cinzento da atmosfera se impõe

sobre o pálido azul das montanhas, e este tom agora domina a paisagem e obtura a memória.

\*\*\*

### **Continuação**

(Fantasia sobre o conto “João Porém, o criador de perus”, de Joao Guimarães Rosa – in *Tutaméia*)

Não, Lindalice era a outra. Eu sou Gerismina.

Foi assim: João vivia para seus perus. Mangavam dele os amigos, dizendo que havia, nas redondezas, uma moça loura que o olhava e queria conhecer, Lindalice. Esta, de verdade, não existia. Mas João, dito Porém, que só sabia de perus, milho e terreiro, transtornava-se. Queria porque queria. Os amigos, maldosos, não lhe diziam a verdade. Pelo contrário, traziam recados, propunham respostas, ofereciam para escrever cartas de amor. João deu de gastar, perfumes, terno de brim, botinas - coisas que nunca tinha usado na vida. E queria tertúlias com a amada que não via - e nem podia ver.

Os amigos, apoiavam. Marcaram encontro, para dizer, à última hora, que Lindalice, adoecida, tivera que viajar para a cidade, atrás de doutor. João penava, queria saber quando, e se, e onde. Descuidava da criação. Uma ninhada inteira de peruzinhos, solta no terreiro em altas horas, por puro descuido do dono, sumira, devorada por algum bicho da noite. O milho para as aves, antes negociado escrupulosamente com vizinhos, já mal se via nos improvisados cochos espalhados pelo terreiro. Os perus davam de invadir os quintais vizinhos, onde se fartavam das abóboras ainda não colhidas ou maduradas. João Porém, na porta da venda provava do restilo, até então desconhecido. E não poucas vezes foi visto cambaleiar pelas ruas da corrutela.

Um dia, jogou pedras na janela da casa das professoras, julgando sua amada ali escondida. O cabo meteu-o no xadrez, o sujo banheiro da

delegacia do vilarejo. Dalí, humilhado, foi solto ao romper do dia. Na rua, chusma de garotos gritava "João Porém, João Poorém..." Ele, atormentado, ainda pálido e amarrotado pela carraspana, mais zarolho que nunca, corria atrás. E o escárnio se recolhia, para reaparecer adiante, atrás do muro da Igreja, de dentro das salas da Escola.

Foi aí que vieram os amigos me buscar. Que eu fosse e passasse por Lidalice, mesmo Gerismina sendo. Que Porém não me conhecia e tinha, da outra, apenas imaginada, a visão de loura cabeleira, em tranças composta. Eu, bem sarará e de bexigas, além do mais ganhando a vida do jeito que todo mundo no arraial sabia, nunca que ia enganar ninguém, mesmo um peruzeiro caolho que nem João. E eles insistiam, propondo até paga.

Então fui. Era de tardinha e João, sentado num toco à porta de casa, olhava para o chão. Em volta, a peruzada ciscava e gorgolejava. Mesmo dentro da cafua era uma barafunda de penas e titica. Parei ali e fiquei olhando o pobre. Ele de repente me viu, acho que contra o sol. A cara triste e amarela, de repente se iluminou. Ficou de pé e me olhava, olhava. No princípio, achei que não era pra mim, mas logo percebi que era um olho apenas. O outro, me fitava sério, úmido, amoroso, como o de um cachorrinho aos pés do dono. João me estendeu a mão, grossa, suada, fria. Puxou-me para dentro de casa. Fez café, ofereceu cadeira. Pediu pra fumar, me ofereceu o pito. Quase não falava, só olhava com um olho, o outro corria solto e conferia o mundo em volta. João, num fio de voz, disse: "a gente ficamos aqui, de romances...". Um peru, perto, fez seu glu-glu e João nem acabou o que ia dizendo. Já escurecia. Minha mão já suave junto com a dele. Encostou a cabeça no meu ombro e uma peninha de peru me fez cócegas no nariz. Fiz força para não espirrar. Gostava daquilo. Assim vimos o dia nascer...

Semana passada ele se foi. Finou. Deu de inchar, ficou mais amarelo que o costume. O doutor, na cidade, dizem, tirou dez litros de água da barriga dele. Voltou para ser enterrado, numa rede encharcada. A

saudade apertada, mas não chega a maltratar de verdade quem tem ofício de herança. João Porém quis que eu continuasse sua lida, e eu me entendo com ele e com todos os estes perus, aqui em roda, precisando de mim. Eu precisava dar essa ajuda a ele.

\*\*\*

### **Valdemar**

- *O doutor não tem medo de que um bichinho desses suba pelo canudo deste microscópio e lhe contamine os olhos?*

- *Não se preocupe, as lentes protegem.*

Depois de uma risada monumental, volta à carga:

- *O senhor não percebe que estou de gozação? Meu jeito é assim mesmo, desculpe.*

O faxineiro estava ali, vestido com aquele pijama azul regulamentar do hospital psiquiátrico onde

eu era estagiário no laboratório de análises. Fazia ali o que chamavam – ele logo me revelou, de forma crítica – de *laborterapia*.

Mas acrescentou que seu caso era outro, não era nem louco nem empregado do hospital. Não, em absoluto. Apenas cumpria pena recolhido ali, admitindo, com certa candura, ter amigos influentes que o livraram de pegar vinte anos de cadeia em espeluncas.

Que crime teria cometido aquele homem, para ter pena tão longa? Eu logo soube, por ele mesmo: havia flagrado sua mulher com outro homem

e a matou, no ato. Não pôde fazer o mesmo ao amante, pois este lhe escapara. Mas dedicava à falecida meia dúzia de palavrões cabeludos.

Valdemar, este era o nome do pseudo-louco e faxineiro matador. Vinha todos os dias conversar comigo, sempre trazendo uma história nova ou um chiste, que eu acolhia com a maior atenção, afinal um refrigerio naquelas jornadas de trabalho marcada por cheiros e manuseio obrigatório de sangue, urina e fezes. Sem dúvida, ali estava um sujeito inteligente, divertido e até culto; valia a pena gastar tempo com ele.

Não raramente me trazia mangas e outras frutas colhidas no grande terreno do hospital. Contou-me que era barbeiro de profissão e que havia trabalhado em estabelecimentos que atendiam a elite da cidade. De tal contato vieram os tais amigos influentes, que ele contava às dezenas, como me disse. Aliás, era até convidado por alguns deles para participar de festas em suas mansões. Sabe-se lá a veracidade disso, mas bem que eu me divertia com suas histórias.

Daí a propor que me atenderia para cortar as madeixas, já que barba eu tinha ainda muito pouca, foi um passo. E que o faria de graça! Aceitei logo, proposta melhor não haveria, ainda mais para mim, nada mais do que um pobre estagiário. E no salão improvisado, debaixo das mangueiras no grande quintal do hospital, me submetia aos cuidados do solícito Valdemar, em uma cadeira alta e larga que ele improvisara, não daquelas típicas dos salões de barbearia. E tais sessões se prolongavam em bate-papos intermináveis, cheios de detalhes picantes que sempre atraíam minha curiosidade.

Invariavelmente ele me falava daquelas amizades importantes. Contava, por exemplo, que as cadeiras de uma barbearia eram como divãs nos consultórios de psiquiatria, pois as pessoas ali sentadas para um corte de cabelo ou um escanhoamento logo adquiriam a tendência de se abrirem e revelarem casos de suas vidas opulentas.



*- Sabe doutor, este negócio de mexer na cabeça as pessoas, parece que as estimula a revelar seus segredinhos...*

E assim, citando nomes que eu conhecia dos jornais e das colunas sociais, ia desfilando uma série de histórias de adultérios, desfalques, perversões, desvios sexuais e muita coisa mais. E acrescentava:

*- Quanto mais rico, doutor, mais degenerado. Pode acreditar.*

Um crime que ficou famoso na cidade na ocasião, de um milionário libanês morto supostamente pelo sobrinho enquanto dormia, ainda não totalmente esclarecido pela polícia e pela imprensa, na sua voz ganhava tintas sensacionais:

*- Este sobrinho estava de olha na herança do tio, sim, como dizem. Mas há muito mais por detrás disso!*

Segundo ele, a dupla trafegava em mão dupla nas suas preferências sexuais e participava de orgias tremendas, com rapazolas disponíveis e pagos para tanto. De maneira, dizia ele, que ali havia motivos de sobra para fazer uma “queima de arquivos”. E arregalava os olhos, mantendo a navalha em suspenso enquanto me fazia o “pé” no cabelo da nuca:

*- O doutor não imagina como estes ricos são safados...*

Perguntei-lhe sobre a navalha, guardada em caixinha de baquelite, que ele tratava com especial deferência, quase cerimonial, amolando-o em um artifício formado por uma tira de couro liso, sustentada nas duas extremidades de uma espécie de arco de madeira. Ele se animou com o assunto, contando que a mesma era da marca Solingen, alemã, importada, de um tipo que não tinha mais na praça. E acrescentou, para minha surpresa:

*- Foi com esta maravilha aqui que matei aquela filha-da-puta...*

Não deixei de me arrepiar, pois naquele momento a tal maravilha deslizava suavemente pelo meu pescoço. Ele percebeu meu incômodo e fez questão de me tranquilizar, dizendo ser na verdade um sujeito pacífico e incapaz de fazer mal sequer a uma mosca.

*- Aquela, ali, doutor, era um caso perdido. Chifre ainda foi a coisa mais leve que deixou para mim. Ela me arruinou as finanças e a moral, pois vivia espalhando na vizinhança e entre os amigos que eu não dava conta dos meus deveres de marido. E era generosa com tudo quanto era homem que aparecia. Veja só...*

Neste tempo eu almoçava na casa de minha avó, que ficava próxima ao Hospital e ela era fã das histórias que eu trazia de meus ambientes de estudo ou trabalho, sempre curiosa a respeito da bizarrice e de detalhes escatológicos. Minha amizade com Valdemar, que eu revelei desde o início, como um fato curioso, era tratada com recomendações de que eu me cuidasse e não ficasse tão perto dele. As mangas que eu às vezes trazia para a sobremesa, presentes de meu amigo, eram recusadas por ela.

*- Podem estar envenenadas... Vai saber... Ele é um louco.*

Quando lhe contei a história da navalha, foi com real horror que ela me falou, com os olhos arregalados de pavor:

*- Além de tudo, ele é um a-s-s-a-s-s-i-n-o, meu filho!*

A história foi a gota d'água, provocando nela pânico tão descomunal, que fez com que implorasse, alarmada, que eu me afastasse de alguém tão

perigoso. Mas eu não queria perder a oportunidade de usufruir de uma companhia como aquela, tão ilustrada e curiosa.

Mas até então as revelações de Valdemar tinham como foco os escândalos familiares, quase sempre de cunho sexual. Mas ele logo entrou em uma seara ainda mais apetitosa, a da política.

Vivíamos então no período imediatamente após o golpe militar e ele, associando informações talvez reais, obtidas em seu divã de barbeiro, com toda certeza também associadas a uma gloriosa imaginação, me trazia informações momentosas. Segundo ele, as tais amizades importantes continuavam lhe municiando de histórias, mesmo ali no hospital. Alguma razão ele tinha, pois por mais de uma vez vi pessoas visitarem-no, trazidas por carros luxuosos, com motoristas de terno e gravata e tudo mais.

*- Pois é doutor, eu fiquei sabendo da revolução uma semana antes. O general fazia a barba comigo e ouvi ele comentar sobre isso com o desembargador que estava na cadeira ao lado. E nem me pediu segredo!*

Como eu me mostrasse interessado em saber mais, não se fez de rogado, incluindo em suas narrativas detalhes de romances entre militares e filhas (e filhos) de políticos, de adultérios no primeiro escalão de governo, desfalques no Banco do Estado, orgias de figurões – coisas assim.

Acabei me afastando de tão curioso personagem, o barbeiro Valdemar, porém a contragosto, não que o achasse de fato temível, mas porque minha bolsa no hospital acabou e não foi renovada.

Algum tempo depois o vi na rua, bem junto ao local onde havia funcionado a barbearia onde ele pontificara. A esta altura, o hotel que a abrigava tinha sido desativado e o ponto entrara em funesta degradação,

servindo de base para mendigos e viciados em crack. De alguma forma ele havia escapado da vida de falso louco e quase presidiário, por obra e graça dos amigos importantes, talvez. Mas agora a sorte não lhe sorria mais. Estava maltrapilho, sujo, com um olhar esgazeado que denunciava que lhe circulava no sangue, talvez, algo fora do normal. Aliás, botou os olhos em mim, mas vi que não me reconheceu, embora eu lhe tivesse esboçado um cumprimento.

Os dias de glória de Valdemar, o barbeiro, haviam terminado, sem dúvida. Ali restava apenas um restolho daquela vida aventureira da qual compartilhara algumas cenas comigo. O dinheiro apurado na possível venda da Solingen deve ter sido dispersado em fumaças perdidas no ar da metrópole engolidora de ilusões.

\*\*\*

### **Seria banal, se não fosse trágico...**

(Drama sanitário em ato único)

#### **Ambiente:**

Sala de espera de uma pequena unidade de saúde. Pintura mal cuidada, móveis despencados, paredes cobertas de cartazes toscos, feitos à mão, nos quais se lêem proibições diversas (ex: *“não estamos marcando consultas”, “não cuspir no chão”, “é proibido trazer cachorro”, “Dr. Fulano não atende nas quartas feiras”* e outros similares). Os clientes estão sentados em filas paralelas de cadeiras de plástico, como se estivessem em um ônibus, de forma que ninguém fita o rosto do outro, só a nuca. Ao fundo duas portas, com indicativos de *“vacinas”* e *“consultório médico”*; há também uma porta lateral que é a entrada da unidade. Um filtro de água com um único copo, de alumínio, fica ao fundo e é frequentemente utilizado pelas pessoas na sala de espera.

Um relógio na parede marca oito horas. Não há quaisquer objetos de decoração no ambiente, que aliás está carente de uma boa varrida...

Anúncios

[DENUNCIAR ESTE ANÚNCIO](#)

**Personagens:**

- **Narrador:** voz em off
- **Anabela**, a enfermeira, jovem de classe média, bem vestida;
- **Clarice**, a agente comunitária de saúde, também jovem, mas com aparência de pessoa de classe social mais baixa;
- **“Doutor”** – o médico da unidade (assim mesmo, sem nome revelado), jovem, padrão classe média, vestido de branco;
- **Anestor:** um burocrata da saúde;
- **Don’Maria** – uma cliente calada e quieta a um canto, com expressão de sofrimento no rosto e aparência muito modesta;
- **Zé Vereador** – líder comunitário (que na verdade não é vereador, mas sim candidato permanente a sê-lo);
- **“Louro José”** (José Pereira): um radialista, dono de um programa sensacionalista, que visita a unidade esporadicamente para levantar matérias para seu programa;
- **“Coro”** conjunto de aproximadamente dez pessoas, adultos e crianças, que estão sentados na sala de espera e que intervêm na ação quase sempre de forma desordenada, quase cacofônica.

---

**Narrador** Respeitável público! O que os senhores e as senhoras vão assistir agora talvez faça parte da paisagem dos serviços de saúde Ou será que não faz? O público poderá dizê-lo depois... Estamos em uma unidade de saúde da família, situada na periferia de um grande centro urbano brasileiro. Assistam à cena com atenção e depois reflitam sobre ela. Luzes, ação!

---

**Clarice** (entrando na sala) Ah, oito horas da manhã... Bom dia gente! (silêncio). Eu disse bom dia.... (silêncio)  
BOM DIA PESSOAL!

---

**Coro** Bom dia, dona.... (vozes discretas, sem muita ênfase)

---

**Clarice** Enquanto a gente espera o atendimento começar eu, vou fazer pra vocês hoje uma palestra sobre um assunto muito importante para a nossa comunidade...

---

**Coro** Lá vem de novo... (vozes isoladas)

---

**Clarice** Vocês já sabem do que se trata, não é? É a dengue que nos ataca de novo!

---

– Dengue, de novo?

– Aqui mesmo tá cheio de mosquito...

**Coro** – E a consulta, demora muito?

– Que horas o doutor chega?

– Olha que eu ainda tenho que fazer almoço em casa...

---

**Clarice** Calma gente, com calma se resolve tudo. Mas como eu ia dizendo, as águas paradas.... (é interrompida pela chegada de Anabela)

---

---

**Anabela**

Oi gente, bom dia pra todo mundo, oi Clarice! Ah, o trânsito estava horrível hoje... E ainda tive que me demorar na creche do bebê, pois ele chorou para entrar. Sabem como é, criança, né? (ela entra pela porta do consultório, para deixar sua bolsa e vestir o jaleco)

---

**Clarice**

Pois é, como eu dizia... (é novamente interrompida por Anabela)

---

**Anabela**

(com uma papeleta nas mãos) Vamos lá, quem chegou primeiro?

---

– Estou aqui desde as seis horas!

– Eu já tinha vindo ontem e vocês mandaram voltar...

– Eu cheguei estava escuro ainda!

**Coro**

– Pois eu só não cheguei mais cedo porque tive que despachar dois guris para a escola e ainda arranjar a marmitta do marido.

– Xi, todo dia a mesma lenga-lenga... – Tenha paciência, dona, se eu estivesse sadia até que tinha acordado mais cedo, mas do jeito que eu estou, botando sangue...

– Eu só vim pra pegar um atestado...

---

**Anabela**

Vamos organizar, assim não dá.... Quem está se sentindo realmente mal?

---

– Eu!

**Coro**

– Eu tô mais!

---

---

– Eu aqui!

– Eu, que não estou parando de pé!

– Eu!

– Mas eu só vim pra pegar um atestado...

---

**Anabela**

É pessoal, assim não dá realmente... Só mesmo a gente voltando a distribuir senha de véspera. Quando era assim funcionava melhor, mas o Zé Vereador reclamou ao Secretário e aí ficou deste jeito, muito pior, no meu entendimento...

---

**Clarice**

Don’Maria, a senhora vai ficar calada? Desde ontem está assim, só eu já fui na sua casa duas vezes! (Virando-se para os clientes): Don’Maria é minha vizinha, viu gente. Uma pessoa muito boa!

---

**Anabela**

Então tá, Clarice, dá uma senha pra Don’Maria, mas não se esqueça das crianças e dos idosos que ainda podem aparecer por aqui hoje

---

(Se repetindo):

– Mas eu estou aqui desde as seis horas!

– Eu já tinha vindo ontem e vocês mandaram voltar...

– Eu cheguei estava escuro ainda!

**Coro**

– Pois eu só não cheguei mais cedo porque tive que despachar dois guris para a escola e ainda arranjar a marmita do marido.

– Xi, todo dia a mesma lenga-lenga... – Tenha paciência, dona, se eu estivesse sadia até que tinha

---



---

acordado mais cedo, mas do jeito que eu estou,  
botando sangue...

– Eu só vim pra pegar um atestado...

---

**Anabela** Paciência!

---

**Clarice** Paciência...

---

**Coro** – Vamos ligar para o Louro José...

---

**Narrador** Quem será este novo personagem, Louro José? Será que vem direto da TV? Deve ser muito poderoso...

---

**Clarice** Não façam isso, ele só quer aprontar confusão... Não se lembram que a Miloca, minha colega foi demitida por causa dele?

---

– Alguma ela deve ter feito...

– Aquela jararaca?

---

**Coro** – Dizem que foi mandada embora porque o marido brigou na rua com o Zé Vereador, essa é que a verdade...

– Chamem o Louro! Chamem o Louro! O Louro!

– Vocês vão ver o que é bom...

---

**Anabela** Vamos organizar então. Uma boa organização é a base de tudo! Clarice, enquanto eu vou lá dentro fazer umas fichas numeradas, você continua sua palestra.

---

**Clarice** Certo, Anabela, mas como eu dizia, a camisinha é muito importante, tanto para o homem como para a mulher...

---

---

– (Voz de galhofa) Você falava era de dengue, minha filha...

– Pois eu já engravidei com camisinha e tudo...

– Camisinha não resolve nada quando o que falta é a vergonha...

**Coro**

– Vamos ao que interessa: a que horas este médico chega?

– O médico? Cadê ele?

– Cadê? Vamos, vocês vão ficar aí escondendo o jogo?

---

**Anabela** Paciência!

---

**Clarice** Paciência...

---

– PACIÊNCIA???

– É isso todo dia!

– Pior que é o terceiro médico que eles contratam, só neste ano...

– É ninguém quer vir aqui, ninguém quer saber da gente...

**Coro**

– Bom mesmo era o Dr. Benedito, vinha só dois dias na semana, mas cada vez que vinha atendia mais de trinta pessoas....

– E dava receita pra todo mundo...

– Que nada, ele era bom de encaminhamentos, nunca resolvia nada...

---

---

– Tão educado do dr. Benedito... Pena que foi embora...

---

(entra esbaforido pela porta lateral) E aí gente boa! Tudo em riba! José Pereira, o Louro José, do **Louro José** programa *O Povo no Radio*, está aqui para defender vocês, podem começar a falar, deixa só eu ajeitar meu gravador...

---

(algumas pessoas levantam das cadeiras e rodeiam o radialista, o ambiente se agita, a cacofonia se intensifica)

– Uma pouca vergonha isso aqui!

– Olhai o relógio, já são mais de dez horas e nem sinal do doutor!

– Tá tudo assim, já viu o buraco na minha rua? Vai fazer aniversário este mês!

**Coro** – E o ônibus, agora só está passando de hora em hora! E mesmo assim, umas latas velhas...

– E tem mais essa agora: aumentou o IPTU! Queria saber o que eles fazem com o dinheiro lá na Prefeitura...

– A gente vem atrás de consulta e elas só sabem fazer palestras!

– Emprego que é bom nada, já fui na Prefeitura umas três vezes e eles me enrolam – na hora de pedir o voto a conversa é outra...

---

**Louro José** Calma gente, eu sou um só!

---

---

**Anabela** (Se entreolhando e se manifestando em uníssono): Ai meu Deus! Haja paciência...

**Clarice**

---

(Atendendo o celular, com jeito de receber uma notícia importante, falando bem alto): É MESMO! ESTOU INDO JÁ PARA AÍ.... AGÜENTA! (volta-se para o público): gente, desculpem, mas estão me chamando,

**Louro José** a polícia acabou de prender um bandido do outro lado da cidade, parece que é aquele esquartejador de domésticas... Não posso perder essa, com licença, depois eu volto, tá bem? (sai como entrou: intempestivamente)

---

**Don'Maria** (dolorosamente dá um gemido, em seu cantinho)

---

Essas moças vão acabar perdendo o controle da situação.... Será que não poderiam fazer algo para acalmar esta gente? Alguém podia avisar pra este cara que tem gente morrendo aqui e agora? Opa, vai entrar mais um outro personagem!

---

(entrando intempestivamente pela porta lateral, dirige-se a Anabela): a senhora entregou os boletins com atraso pelo segundo mês consecutivo... Além disso, já falei que o dia de pedido de material é o cinco de cada mês...

**Anestor**

---

**Anabela** (olhando para Clarice, de forma cúmplice, disfarçando) Nem dá bom dia...

---

(percebendo o lance, volta-se para a platéia, entre solícito e pomposo) Bom dia, minhas amigas e meus amigos, muito prazer! Anestor Borba, subchefe substituto da seção administrativa da Prefeitura Municipal e assessor de sua excelência o Prefeito!

---

---

<b>Anabela</b>	... é para dar bom dia aos nossos usuários, sr. Anestor...
----------------	--

---

<b>Anestor</b>	ah, sim, bom dia, meninas! Bom dia minha gente...
----------------	---

---

<b>Clarice</b>	(murmurando) menina é a vovozinha...
----------------	--------------------------------------

---

<b>Anestor</b>	(pigarreia, dirigindo-se ao público na espera) E aí meus amigos e amigas, todo mundo satisfeito com a nossa equipe de saúde da família? Podem ter certeza que o Prefeito faz o possível e o impossível para atender este bairro! E olha que ele quase não teve voto aqui...
----------------	---

---

<b>Coro</b>	– Pois não precisava tanto; devia fazer só o necessário... Já estaria bom demais...
-------------	---

---

<b>Anabela</b>	(fazendo pose de quem vai fazer uma intriga – pisca para Clarice): Você nem imagina, Anestor, quem acabou de sair daqui...
----------------	--

---

<b>Anestor</b>	Quem?
----------------	-------

---

<b>Anabela</b>	Vou dar uma dica: currupaco – paco!
----------------	-------------------------------------

---

<b>Anestor</b>	Louro José!? Aquele safado! Aquilo quer mais é pegar o dinheiro da gente... Pagou, fala bem; não pagou, esculhamba! ... Mas ele disse alguma coisa? Entrevistou alguém? (não espera a resposta) Deixa eu ligar para o Prefeito... (retira-se para um canto e aciona o celular, começando a conversar em voz alta e cheio de exclamações) COMO? O QUÊ? MAS QUE FDP! Deixa comigo, senhor prefeito (agora mais discretamente)
----------------	---

---

<b>Clarice</b>	Este aí quer ver o diabo, mas não quer ver o Louro...
----------------	---

---

---

<b>Anestor</b>	Preciso sair, o safado já bateu na escola da Vila Prudente, vou pra lá... Adeus. (sai como entrou: intempestivamente)
----------------	---

---

<b>Anabela</b>	Lá vai ele, sujeito sem repertório, o mundo pode acabar que ele só quer falar de papelada... Medo de ficar sem ver o dinheirinho do SUS, com certeza...
----------------	---

---

<b>Don'Maria</b>	(produz outro gemido, mais alto e mais sentido, em seu cantinho)
------------------	--

---

	– Esta mulher aqui está gemendo como se fosse morrer!
	– O médico, onde está o médico?
	– Caramba, acabou a água do filtro!
	– E o banheiro está entupido...

---

<b>Coro</b>	– Tem uma barata aqui...
	– E quanto mosquito, meu Deus!
	– Pra mim chega, vou pegar um ônibus e me mandar para o Pronto Socorro...
	– Dona Anabela, a senhora não pode fazer nada pela gente?

---

<b>Anabela</b>	(meio se desculpando) Eu sou enfermeira, gente...
----------------	---

---

<b>Don'Maria</b>	(geme mais uma vez e se levanta cambaleando, em direção ao banheiro, parecendo estar muito mal)
------------------	---

---

<b>Narrador</b>	Parece que finalmente chegou o ser mais esperado: o Messias? Não: O DOUTORZINHO! Já não era sem tempo... Vamos ver se ele não fala o que acabamos de
-----------------	--

---

---

	ouvir (imitando Anabela): “eu sou só um doutorzinho, gente”
<b>Doutor</b>	(entrando intempestivamente no recinto): bom dia para todos e para todas!
<b>Coro</b>	– bom dia Doutor (modo: <i>allegro, ma non troppo...</i> )
<b>Doutor</b>	Larissa, não perca de vista o meu carro aí fora, ok? Você sabe, ele é novo e esta molecada daqui é de amargar...
<b>Clarice</b>	O meu nome é Clarice... (faz cara de indignada, mas mantém-se em silêncio quanto ao carro)
<b>Anabela</b>	Fica tranqüila, depois eu explico pra ele, isso não tem cabimento!
<b>Clarice</b>	Mas é assim todo dia... Um dia me chama de Alice, outro de Doralice ou de Larissa. Poxa! É que eu preciso deste emprego, você sabe. Além do mais, este homem não aprende meu nome de jeito nenhum! E nem o que posso e não posso fazer aqui na unidade? Que saco!
<b>Anabela</b>	(voltando-se para o público) Então, gente, vamos começar o atendimento? (em seguida faz um gesto para conter duas ou três pessoas que se dirigem apressadamente para a porta do consultório)
<b>Doutor</b>	(surge à porta do consultório) entra o primeiro!
<b>Anabela</b>	(conduz o primeiro cliente e organiza uma fila junto à parede)
<b>Coro</b>	– Finalmente vai começar – Mas nem bem entrou um, já saiu e chama o outro?

---

---

– E o outro, o outro e o outro...

– Desse jeito, até eu vou ser médico...

– Ah, prefiro assim, tem uns doutor aí que especula demais a vida da gente

– Piores são uns que nem receita dão, é só banhozinho, chazinho, relaxamento, estas coisas...

– Também é cada receita que a gente não tem grana pra comprar...

– Lá vou eu, até que enfim, Deus me ajude!

---

**Doutor**

(retorna à porta depois de fazer a fila andar, em menos de uma hora, consulta o relógio no pulso)  
Quem mais? (repete) QUEM MAIS?

---

**Anabela**

É parece que acabou por hoje, mas agora o senhor prometeu me ajudar a completar os boletins do mês passado e assinar também aqueles papéis...

---

**Doutor**

Dona Anabela, me desculpe, mas com o que me pagam aqui não dá pra ficar mais, tenho clientes me esperando no consultório, volto à tarde... Bom dia a todos a e a todas! (e sai igual um pé de vento pela porta lateral)

---

**Narrador**

(como quem conta um segredo) Hei, parece que falta alguém... no banheiro... Doutor! Doutor! (silêncio).  
Xiiii, já se mandou...

---

**Clarice**

(volta-se para o público remanescente, como se estivesse contando um segredo) ele é um médico de família, contratado para trabalhar em dois períodos, vocês sabiam?

---



---

	– De família?
	– Família de quem?
<b>Coro</b>	– Dos que estão esperando lá no consultório dele, com certeza...
	– (risos)
	– Saudades do Dr. Benedito!
<b>Anabela</b>	(faz uma cara desolada...)
<b>Zé Vereador</b>	(entra intempestivamente pela porta lateral) Cadê ele?
<b>Clarice e Anabela</b>	Zé Vereador! O que quer aqui? Ele quem?
<b>Narrador</b>	E este agora, quem será?
<b>Zé Vereador</b>	Louro José, claro! (dá-se conta que não cumprimentou ninguém e vira para a platéia – não para os usuários) Bom dia! Eu sou José Astrogildo, presidente dos moradores daqui...
<b>Clarice</b>	O Louro? Entrou e saiu que nem um pé de vento...
<b>Zé Vereador</b>	Mas eu avisei pr’aquele (solta um palavrão) que precisava falar com ele... E era muito urgente! Só me resta ir embora. Adeus.
<b>Anabela</b>	“Bom-dia” aqui é artigo raro...
	(ouve-se neste momento um ruído e um gemido forte dentro do banheiro)
<b>Clarice</b>	Don’Maria! DON’MARIA!!!
<b>Narrador</b>	E agora?

---

---

<b>Anabela</b>	Ai meu Deus!
<b>Clarice</b>	O que vamos fazer Ana...?
<b>Anabela</b>	Chamar a ambulância
<b>Clarice</b>	Mas o orelhão não está funcionando...
<b>Anabela</b>	Ligue do celular!
<b>Clarice</b>	Está sem crédito...
<b>Anabela</b>	E eu esqueci o meu em casa
<b>O relógio</b>	(som ampliado) Tic, tac, tic, tac, tic tac...
	(silêncio constrangedor)
<b>Clarice</b>	E agora?
<b>Anabela</b>	E agora, meu Deus!?
<b>Narrador</b>	Respeitável público, chegamos ao final de nosso – desculpem – espetáculo... Então? Será que isso faz parte da paisagem dos serviços de saúde ou é apenas exceção? Dá pra consertar ou isso faz parte do destino dos serviços de saúde no Brasil? É banal? Ou seria trágico? Vamos pensar sobre o assunto!

---

\*\*\*\*\*

